Antecedentes indígenas.
Pesquisas recentes evidenciam que os primórdios da ocupação do Rio Grande do Sul se situam por volta de 12.000 anos atrás. Caçadores-pescadores-coletores se instalaram e se adaptaram culturalmente a paisagens diversificadas, e grupos de horticultores passaram a coexistir com os primeiros povoadores, nos últimos dois mil anos. Quando os espanhóis e portugueses entraram em cena, a região era habitada por variadas etnias indígenas e culturas diferenciadas. Arno Alvarez Kern nesta pesquisa nos descreve como viveram nossos antecedentes e o início de um intenso intercâmbio cultural e étnico, do qual emerge nossa sociedade, e que ainda hoje temos dificuldades de aceitar.

Editora da Universidade
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

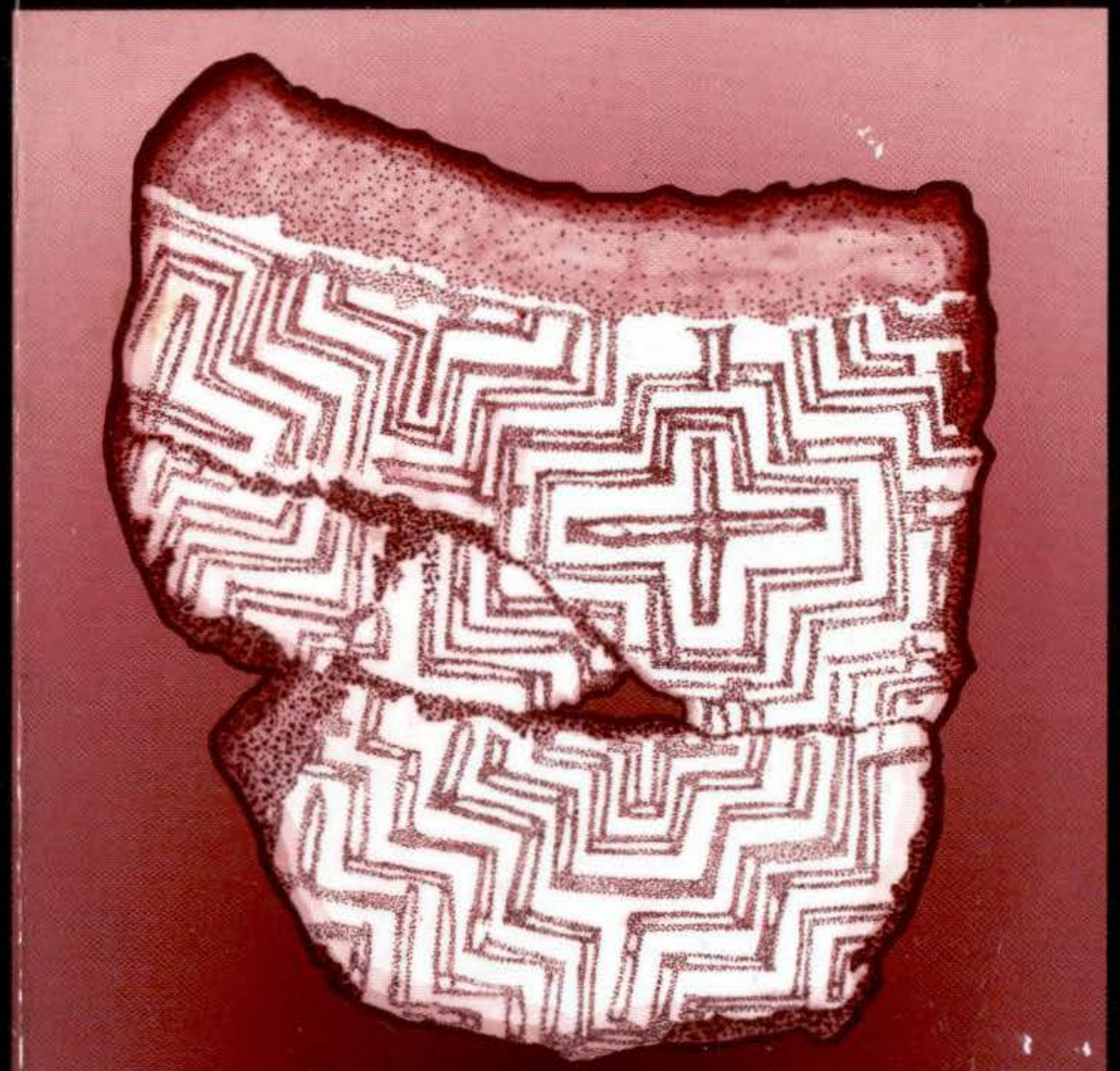
ISBN 85-7025-321-4

SÍNTESE RIO-GRANDENSE 16-17 • ANTECEDENTES INDÍGENAS • A. A. KERN

síntese rio-grandense 16-17

Arno Alvarez Kern

Antecedentes indígenas



Editora da Universidade
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Segunda edição

Antecedentes indígenas

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitora
Wrana Maria Panizzi
Vice-Reitor
Nilton Rodrigues Paim
Pró-Reitor de Extensão
Luiz Fernando Coelho de Souza
Vice-Pró-Reitora de Extensão
Rosa Blanco

EDITORA DA UNIVERSIDADE

Diretor
Geraldo F. Huff

CONSELHO EDITORIAL
Anna Carolina K. P. Regner
Christa Berger
Eloir Paulo Schenkel
Georgina Bond-Buckup
José Antonio Costa
Livio Amaral
Luiza Helena Malta Moll
Maria da Graça Krieger
Maria Heloísa Lenz
Paulo G. Fagundes Vizentini
Geraldo F. Huff, presidente

Editora da Universidade/UFRGS • Av. João Pessoa, 415 - 90040-000 - Porto Alegre, RS - Fone/fax (051) 224-8821 - E-mail: editora@orion.ufrgs.br - Página na Web: www.ufrgs.br/editora • *Direção:* Geraldo Francisco Huff • *Editoração:* Paulo Antonio da Silveira (coordenador), Carla M. Luzzatto, Cláudia Bittencourt, Maria da Glória Almeida dos Santos, Rubens Renato Abreu • *Administração:* Julio Cesar de Souza Dias (coordenador), Laerte Balbinot Dias • *Apoio:* Iara Lombardo, Idalina Louzada, Laércio Fontoura.

Arno Alvarez Kern

Antecedentes indígenas

Segunda edição

Renato Nicolai

Editora da Universidade
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Síntese rio-grandense/16-17

© de Arno Alvarez Kern
1ª edição: 1994

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Paulo Antonio da Silveira
Ilustração original: Gisele Gallicchio
Revisão: Marli de Jesus Rodrigues dos Santos,
Anajara Carbonell Closs
Maria da Graça Storti Féres
Composição: Fernando Piccinini Schmitt
Rubens Renato Abreu

Arno Alvarez Kern
Doutor em Arqueologia (École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, França) e mestre em História (PUCRS). Professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e na Universidade Regional Integrada (Santo Ângelo). Coordenador do projeto Arqueologia Histórica Missioneira. Presidente da Sociedade Brasileira de Arqueologia e pertencente a diversas sociedades científicas internacionais (Societé des Américanistes, ICOMOS - International Comitte of Monuments and Sites) e nacionais (SBPC, SBPH, ABEQUA, ANPUH, IHGRGS). Autor de diversos livros e artigos (dentre os quais *Missões, uma utopia política* e *Le précéramique du plateau sud-brésilient*); organizador e co-autor de *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul.*

K39a Kern, Arno Alvarez
Antecedentes indígenas / Arno Alvarez Kern. – 2.ed. – Porto Alegre : Ed. Universidade/ UFRGS, 1998.
(Síntese rio-grandense; 16/17).

1. Sociedade indígena. 2. Cultura indígena. 3. Arqueologia. 4. Antropologia. I. Título.

CDU 301-054.5
903'12-054.5
902-054.5
572-054.5

Catalogação na publicação: Mônica Ballejo Canto. CRB 10/1023

ISBN 85-7025-321-4

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7

OS PRIMÓRDIOS DO POVOAMENTO 17
Origens pré-históricas 17
O início da ocupação pré-histórica
na trasnsição Pleistoceno-Holoceno 32

OS PRIMEIROS CAÇADORES-COLETORES-
PESCADORES E AS ADAPTAÇÕES HOLOCÊNICAS . 38
As trasnformações ambientais holocênicas 38
Os caçadores-coletores das florestas de araucária
do planalto meridional brasileiro 39
Os pescadores-coletores sambaquianos
da planície litorânea 52
Os caçadores-pescadores das zonas
de paisagens abertas 63

AS TRASFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS
DO HOLOCENO MÉDIO 72
O processo de neolitização 72
As grandes modificações ambientais do Holoceno
médio e final: o "Ótimo Climático" 80
Os caçadores-coletores-horticultores
do planalto meridional 84
Os caçadores-pescadores ceramistas nômades
das zonas pampeanas 98
Os Guaranis: horticultores da floresta subtropical .. 104

CONSIDERAÇÕES FINAIS 126

BIBLIOGRAFIA SELETIVA 132

INTRODUÇÃO

A humanidade tem uma trajetória de mais de três milhões de anos na face do planeta, registrada tanto na documentação histórica como na arqueológica. As venturas e as desventuras pelas quais passou a espécie humana, as transformações orgânicas evolutivas ocorridas, os progressos técnico-econômicos desenvolvidos, as diversas formas de organização sociopolíticas criadas, as manifestações artísticas e religiosas imaginadas, as longas migrações realizadas, cheias de riscos e aventuras, são importantes capítulos desta história de longa duração.

Foi Braudel quem afirmou ser a História a ciência que fundamentalmente analisa "a dialética da longa duração", por trabalhar com esta dinâmica de interações entre os elementos relacionados às estruturas socioculturais que perduram longamente no tempo histórico. Ela nos faz finalmente compreender as ações e reações ocorridas nestes extensos e complexos processos históricos por que passam as sociedades e as culturas, durante séculos e milênios. Podemos observar um exemplo disso quando estudamos o povoamento das paisagens em que vivemos. Nos confrontos e nos encontros que aqui se estabelecem entre as sociedades indígenas e européias, percebe-se a persistência de práticas e modos de vida pré-históricos, nas comunidades indígenas coloniais americanas e a sobrevivência de antigos elementos greco-romano-feudais mesclados a padrões modernos emergentes, nas sociedades provenientes da Europa.

Os dados necessários à reconstituição dos processos históricos, ao longo de períodos tão extensos e em paisagens tão diversificadas em nível continental, nos são evi-

denciados principalmente pelas descobertas arqueológicas mais recentes. São comprovados pelos novos métodos de datação absoluta e relativa. Foram essas datações que nos possibilitaram superar, desde os inícios desta segunda metade do século 20, a limitada visão que até então vigorava de uma cronologia de pouco menos de um milhão de anos para a existência da humanidade. Ao mesmo tempo, ultrapassamos de maneira inexorável a idéia de um passado local de poucos séculos de duração para a nossa história platina.

A área onde atualmente habitamos, ou seja, a bacia do rio da Prata oriental, está situada entre os vales dos rios Paraguai, Paraná, Uruguai e o oceano Atlântico. Não a vemos como um ambiente distinto do restante da América do Sul apenas porque a habitamos, mas a partir dela é que examinamos curiosamente o resto deste imenso continente. Já numa primeira observação, ainda muito geral, percebemos a oeste e a norte as imensas, extensas e contínuas paisagens das cadeias de montanhas dos Andes e da floresta tropical amazônica. A leste podemos olhar o horizonte longínquo e imutável do oceano Atlântico. E em relação a essas portentosas paisagens que a bacia do rio da Prata começa a destacar-se.

Apesar de suas características de área de transição entre a zona tropical ao norte, as paisagens austrais da Patagônia ao sul e as cadeias de montanhas andinas a oeste, esta área tem mantido certas características durante os processos históricos que se desenvolveram ao longo do tempo. Em seus limites é que se situam as praias, as planícies, as coxilhas, os rios e os relevos tão familiares das paisagens onde vivemos. Essa pequena área periférica em relação ao conjunto da América do Sul tem limites razoavelmente definidos. Ela é delineada ao sul e a oeste pelas extensões das paisagens abertas da Patagônia e do Chaco, bem como pelos imensos volumes de água dos maiores rios da região (Paraná, Paraguai e Uruguai), que descem lentamente para o largo estuário que denominamos de rio da Prata. São paisagens que não evitam os contatos

socioculturais, ao mesmo tempo em que nos alertam para mudanças importantes que aos poucos se estabelecem em relação aos relevos, aos contingentes faunísticos e florísticos, bem como às novas condições climáticas. A leste, a imensa paisagem portentosa das massas de água do oceano Atlântico demarcam um limite que só foi ultrapassado muito recentemente. Para o norte, erguem-se os volumes e as enérgicas formas dos relevos do planalto sul-brasileiro, ao mesmo tempo que as condições climáticas, florísticas e faunísticas dos trópicos vão se instalando. Essa imensa área tem mantido certos aspectos culturais comuns que somente hoje começamos a compreender em sua variedade e complexidade, devido aos contatos culturais diversificados ocorridos nas paisagens que a limitam.

As etnias que povoaram essas paisagens não têm um passado tão recente como se chegou a acreditar. Ao longo das últimas décadas, as pesquisas têm descortinado uma história que não se insere mais nos estreitos limites que ainda hoje freqüentemente são divulgados, mas sim em mais de doze milênios. Durante os trinta últimos anos, foram descobertos milhares de sítios arqueológicos, nos campos e nas florestas, em margens de rios e de lagoas, na planície costeira e no interior. Milhares de vestígios da cultura material dos primeiros povoadores foram estudados, evidenciando um grande número de sociedades indígenas, muito diferenciadas e no nível tecnológico bem adaptadas às diversas paisagens locais.

Não podemos mais ignorar deliberadamente os milênios de ocupação humana das paisagens onde vivemos, nem deixar de explicar o povoamento deste território por outros grupos humanos no passado, muito antes da chegada de nossos antepassados europeus. Na realidade, esta ignorância ficou evidenciada quando iniciamos os nossos relatos históricos em data muito recente, com a fundação da cidade de Rio Grande e a implantação da dominação dos portugueses no canal que liga a laguna dos Patos ao oceano Atlântico, em pleno século 18. Ou mesmo quando o fizemos em data mais recuada um pouco, começando o

nosso relato com a instalação dos espanhóis em diversas pequenas cidades na região do rio da Prata e a fundação das Missões Guaranis, ao longo dos séculos 16 e 17.

Quando chegaram os espanhóis e os portugueses, encontraram estas áreas orientais da bacia platina povoadas por milhares de indígenas, organizados em muitos grupos diferentes, distribuídos em paisagens as mais diversas. Os restos materiais de suas culturas terminaram originando centenas de sítios arqueológicos, que comprovam esta ocupação. Grupos variados de caçadores, coletores, pescadores e horticultores, pertencentes a sociedades e culturas indígenas muito distintas, estavam adaptados aos diversos ambientes que encontraram e ocupavam todas as paisagens desta imensa região platina. A ocupação européia deu origem, por um lado, ao genocídio de centenas de indivíduos pertencentes a estes grupos indígenas. Por outro lado, teve início uma intensa miscigenação já nos momentos iniciais da conquista. Ocorreram igualmente transformações socioculturais importantes, tais como a influência cultural mútua, as aculturações forçadas e espontâneas, bem como as intensas alterações dos costumes tradicionais das diversas comunidades indígenas locais, num processo gradual de europeização. Os contatos estabelecidos deram origem também a uma série de influências das culturas indígenas sobre as novas sociedades emergentes que aqui se organizaram no período colonial. Uma significativa herança cultural e social aborígene tornou este novo mundo ibero-indígena distinto das metrópoles ibéricas. Resultantes dessas relações são, por exemplo, o uso da variada e abundante farmacopéia baseada em plantas nativas, muitos padrões culturais regionais tais como o mate e as boleadeiras, e o extraordinário vocabulário guarani que distingue com diferentes matizes os nossos linguajares brasileiro e espanhol platinos dos idiomas falados na Espanha e em Portugal. Os contatos e os impactos resultantes dos confrontos interétnicos provocaram igualmente o lento e irreversível etnocídio de culturas aqui estabelecidas há milênios. Essas são realidades históricas

que ainda hoje temos dificuldade de aceitar.

Apresentar em uma síntese este processo histórico de longa duração, desde as suas origens pleistocênicas até o final do século 18, é o objetivo deste estudo. Graças às novas descobertas que as pesquisas arqueológicas têm oportunizado, ele tem como meta desvelar um passado por muito tempo oculto, ora sob as camadas de terra acumuladas pelos séculos sobre os sítios arqueológicos, ora sob o manto da nossa indiferença, ignorância e preconceito. Quando nos decidimos a escrever sobre o povoamento da região platina oriental, isto não pode nem deve significar a história de um dos países desta área, nem mesmo de uma das províncias ou um dos estados federados locais. Não podemos ignorar que estas abstrações administrativas são criações políticas relativamente recentes. Os limites atuais não correspondem nem mesmo a fronteiras naturais, como já se pretendeu, tendo sido contestadas a mão armada no passado.

Lefébvre lembrou certa vez que as denominadas "fronteiras naturais" foram assim definidas quando as sociedades em presença cansaram de empurrar os limites políticos de um lado para outro, ao longo da história, escolhendo finalmente alguns acidentes geográficos como balizas para seus tratados de limites. É muito comum, nos estudos atuais, as referências à Argentina, ao Uruguai, ao Paraguai e ao Rio Grande do Sul, quando se trata da época colonial ou do passado pré-histórico. Entretanto, é apenas uma designação cômoda, mas imprópria, a territórios reconhecidos oficialmente como tal somente a partir do século 19. A única "história regional" que podemos escrever e interpretar com os dados de que dispomos, só pode referir-se necessariamente às paisagens do rio da Prata e a uma bacia hidrográfica platina na sua vertente atlântica. O que estamos aqui designando de região platina oriental se insere nos espaços entre os vales dos rios Paraná, Uruguai e o litoral atlântico. Como tentaremos aqui descrever os antecedentes indígenas do povoamento, até o início da colonização realizada por segmentos das sociedades por-

tuguesa e espanhola, a nossa referência histórica deverá ser um amplo contexto espaço-temporal sub-regional.

Qual foi o papel da ciência arqueológica na reconstituição deste panorama histórico? Um número muito reduzido de arqueólogos argentinos, uruguaios e sul-brasileiros realizaram nos anos 60 e 70 um esforço muito grande para percorrer esta imensa área inserida na bacia do rio da Prata, e descobrir os locais onde se encontravam os sítios arqueológicos. Fizeram o levantamento topográfico e ambiental desses locais, coletaram na superfície ou escavaram em poços de sondagem amostras das culturas materiais remanescentes, compararam esses dados com os das regiões vizinhas, e reuniram importantes informações para os primeiros relatórios e publicações sobre o nosso passado arqueológico pré-histórico e colonial. A primeira etapa da pesquisa, que se denomina "prospecção arqueológica", estava então em andamento. Outros pesquisadores vieram somar-se a estes, nos anos 80, ampliando as áreas prospectadas.

Iniciou-se uma segunda etapa da pesquisa, que é o estudo dos vestígios arqueológicos, realizado a partir de escavações arqueológicas mais amplas, assim como nas análises de laboratório detalhadas e precisas. As primeiras sínteses puderam então ser elaboradas, reunindo o conjunto dos dados em panoramas cronológicos sistematizados e tentando definir e conceituar os conjuntos de elementos das culturas materiais encontrados. Buscaram-se as informações históricas e etnográficas necessárias para a compreensão e a interpretação dos dados conhecidos. Este trabalho será ainda desenvolvido pelas próximas gerações de arqueólogos platinos. Dever-se-á realizar prospecções em áreas ainda virgens de trabalhos de campo, bem como fazer escavações em superfícies amplas nos sítios arqueológicos conhecidos e capazes de propiciar bons resultados para as problemáticas propostas. Teremos que lutar pela conservação dos vestígios arqueológicos já encontrados e por encontrar. Aprofundaremos também as análises, repensaremos as interpretações e ampliar a utili-

zação de teorias e modelos hipotéticos testáveis para enriquecer as nossas interpretações e conclusões. Apesar da imensa tarefa que se encontra ainda diante de nós, o trabalho já realizado oportunizou uma série de novas informações capazes de nos apresentar uma visão sintética de uma história ainda em grande parte desconhecida.

A primeira abordagem dessa problemática implicará estabelecer as grandes linhas do povoamento da região, inseridas nos quadros das migrações pré-históricas que ocuparam a América e o território em que vivemos. Para tanto, serão levados em conta os dados relativos às transformações das paleopaisagens, bem como os dados relativos aos elementos remanescentes das culturas materiais encontrados (indústrias líticas, ósseas, conchíferas, arte, cerâmica, etc.), organizados segundo variáveis temporais e espaciais. Serão estudadas as primeiras sociedades de caçadores, de coletores e de pescadores que aqui se estabeleceram, bem como as paleopaisagens às quais se adaptaram através da cultura. Neste momento da análise, tentar-se-á a definição sociocultural destes grupos, assim como explicitar os tipos de relações adaptativas dialéticas em relação aos ambientes passados. Evidenciaremos a correlação existente entre os padrões de subsistência e o conjunto tecnotipológico da cultura material, ou seja, o conhecimento técnico e os tipos de implementos produzidos. Desta maneira, serão estudados os caçadores-coletores instalados nas florestas subtropicais do planalto meridional e suas encostas, os pescadores-coletores marinhos que ocuparam o litoral atlântico e os caçadores-pescadores dos pampas platinos.

Numa segunda abordagem, estaremos interessados em explicitar o processo de neolitização regional. Isto significa estudar as modificações socioculturais por que passaram as sociedades indígenas há mais de dois milênios, a organização social em aldeias, a produção artesanal da cerâmica, a domesticação de plantas nativas e a produção horticultora do cultivo. Essas inovações modernizadoras parecem ter chegado a esta área por dois caminhos, um

deles ao longo das alturas do planalto meridional brasileiro, o outro descendo os rios provenientes do Amazonas. Por difusão cultural ou por migração étnica, terminou realizando-se uma modernização socioeconômica na área em estudo. Serão igualmente aqui especificados os padrões de subsistência econômica destes grupos horticultores e suas relações com os dos caçadores-coletores-pescadores ainda remanescentes na região. Mais uma vez, serão relacionadas diversas variáveis, paleopaisagens, tipos de organização socioeconômica e distribuição temporal, evidências tecnotipológicas de sua cultura material. Não iremos ignorar as relações existentes entre os dados da etnografia dos grupos indígenas da região e suas relações com as informações arqueológicas. Neste momento, serão estudados os grupos de horticultores da floresta subtropical, os caçadores-coletores-horticultores instalados no planalto meridional brasileiro e os caçadores-pescadores ceramistas das zonas pampeanas.

Finalmente, o último momento desta análise centrar-se-á na penetração dos novos invasores e povoadores da bacia platina, que se instalarão a partir de frentes de expansão colonizadora, nos primórdios do período colonial. Os contingentes populacionais ibéricos foram, inicialmente, liderados pelos conquistadores, e, posteriormente, pelos missionários e funcionários das monarquias ibéricas. Ocuparam espaços, fundaram cidades, absorveram algumas comunidades indígenas e aniquilaram outras. Serão estudados os impactos e os contatos que se estabeleceram entre os grupos indígenas remanescentes e estes novos povoadores, igualmente modernizadores, como os grupos guaranis haviam sido há 1.500 anos.

A definição dessas várias abordagens foi estabelecida basicamente para atingir três objetivos. Primeiramente, para se obter uma boa organização cronológica e espacial, mesmo que provisória, das diversas informações disponíveis. Segundo, como única forma possível de obter-se uma reconstituição dos modos de vida, das atividades do cotidiano e captar realidades passadas já desaparecidas. Finalmente, para demonstrar como os estudos interdisciplinares são férteis do ponto de vista científico. Eles reúnem dados e interpretações oportunizadas pelas ciências da natureza e das ciências humanas que estudam o passado, geomorfologia, paleontologia, paleobotânica, etno-história, arqueologia e história.

Os dados obtidos nas escavações arqueológicas, nas analogias etnográficas e mesmo na história, são ainda em grande parte desconhecidos da sociedade atual. São portanto apresentados no presente estudo de maneira sintética. A interdisciplinaridade permite a reconstituição de processos históricos multilineares, multicausais e com inúmeras variáveis, agindo e reagindo entre si, de maneira complexa. Apenas essas abordagens nos possibilitarão superar as visões reducionistas, baseadas em abordagens unicausais e mecanicistas. Estas evidências são sempre que possível confrontadas com as teorias e os documentos históricos disponíveis, especialmente para confirmá-los ou rejeitá-los. Sendo este um trabalho de síntese, não se pretende esgotar a bibliografia nem apresentar em detalhes todos os dados conhecidos pelas pesquisas arqueológicas ou históricas. A organização científica das diversas abordagens não dá origem a uma visão histórica "eclética", como muitos com certeza poderão erroneamente pensar, mas sim a uma síntese dos conhecimentos complementares obtidos nas pesquisas.

Visando reconstituir os processos históricos, são estruturadas as informações em dois níveis. Em primeiro lugar, do ponto de vista cronológico, os dados se organizam em função das datações relativas ou absolutas conhecidas, numa seqüência que se inicia no final da última glaciação, para terminar no século 18. É neste momento que se efetiva finalmente a conquista européia do território, o surgimento de uma sociedade em grande parte mestiça, e o confinamento das últimas comunidades indígenas em alguns refúgios. Em segundo lugar, em função das grandes e importantes transformações ocorridas com as paisagens do passado, são destacados os processos adap-

tativos culturais desenvolvidos pelos grupos em presença na região em estudos. Nesta etapa, serão caracterizadas as paleopaisagens e apresentada a disposição dos sítios arqueológicos nos ambientes em contínua transformação, buscando evidenciar como estas sociedades agiram e reagiram em relação aos meios ambientes aos quais se adaptaram. Cada uma das sociedades indígenas será aqui apresentada sinteticamente, a partir dos dados arqueológicos das culturas materiais e das informações obtidas na documentação histórica colonial. Serão analisadas as relações evidentes ou hipotéticas que esses grupos de caçadores, coletores, pescadores, horticultores e conquistadores europeus mantiveram entre si, assim como os tipos de impactos e de contatos que caracterizaram essas relações.

OS PRIMÓRDIOS DO POVOAMENTO

ORIGENS PRÉ-HISTÓRICAS

O surgimento e o desenvolvimento das sociedades humanas só são compreensíveis se levarmos em conta as diversas problemáticas que surgem no momento em que a análise se aprofunda. Dentre estas problemáticas devem ser consideradas as transformações paleoambientais do planeta, a evolução orgânica dos homens e das múltiplas espécies animais com as quais ele entrou em contato e, finalmente, as mudanças socioculturais por que passaram as sociedades humanas, ao longo dos últimos três milhões de anos. Este tríplice processo de transformações ambientais, orgânicas e socioculturais se desenvolve ao longo dos milhões de anos de existência da espécie humana. Ao mesmo tempo, estas modificações culturais, biológicas e ambientais agem e reagem entre si de maneira dialética. A multiplicidade de variáveis a serem levadas em conta, assim como as múltiplas influências que se estabelecem entre elas, são igualmente importantes para a reconstituição histórica do período, ao mesmo tempo que nos obrigam a reformular substancialmente as antigas teorias e elaborando novas, mais adequadas à complexidade do processo.

Denominamos de homínidas os antepassados bípedes de nossa espécie e o próprio homem. Iniciaram, há oito milhões de anos, uma lenta evolução orgânica que terminou dando origem à nossa espécie. Este fato extraordinário para a humanidade ocorreu nas imensas superfícies abertas das savanas da África Oriental. Os primeiros a surgir foram verdadeiros mutantes bípedes da savana, com

o maior cérebro que os primatas haviam tido até então. Os homínidas já eram, nesta época distante, muito diferentes dos antropóides atuais, tais como os gorilas, os gibões, os orangotangos e mesmo os chimpanzés. Esta descoberta recente nos mostra a multilinearidade da evolução dos homínidas e dos primatas, ambos provavelmente herdeiros de um ancestral comum ainda desconhecido.

Foram estes primeiros homínidas denominados de australopitecos, após a sua descoberta na África do Sul austral. Deles herdamos uma alimentação onívora, composta de vegetais, frutas e carnes. Estavam organizados em uma sociedade gregária e nômade dos pequenos grupos. Possuíam uma visão binocular, um grande e complexo cérebro pouco inferior a 500cm3, o andar bípede que lhes permitia andar e correr, uma pélvis adaptada a este andar, e as mãos livres para o desenvolvimento de outras atividades que não a locomoção. Esses antigos homínidas foram, pouco a pouco, se desenvolvendo, até possibilitar o surgimento dos primeiros homens, há três milhões de anos, no período geológico que denominamos de Plioceno. Por homínidas, portanto, entendemos um conjunto muito diversificado de fósseis que correspondem tanto aos nossos antepassados australopitecos, como aos diversos tipos de homens conhecidos até hoje: o *Homo habilis*, o *Homo erectus* e o *Homo sapiens.*

Ao longo destes milênios, não apenas ocorreu uma evolução orgânica gradual dos homínidas. A própria face do planeta mudou. Imensas transformações paleoclimáticas fizeram com que os homens emergissem de um clima seco e quente característico do Plioceno, para ultrapassar ao longo de dois milhões de anos a "Era Glacial" pleistocênica. O período geológico conhecido como Pleistoceno caracterizou-se pelas alternâncias de imensas glaciações onde predominaram condições ambientais frias e secas, com igualmente longos períodos quentes e úmidos, denominados de interglaciações. Aproximadamente há dez mil anos, terminada a última glaciação, iniciou-se o atual período que denominamos Holoceno e que

parece corresponder ao início de um novo interglacial. Durante essas drásticas alterações das paleopaisagens do planeta é que ocorreram as mais significativas mudanças orgânicas da espécie humana, bem como as mais importantes transformações culturais e sociais. Esta análise obriga-nos a levar em conta que somos ao mesmo tempo espécie, sociedade e indivíduo.

Aproximadamente há três milhões de anos, os nossos mais antigos antepassados pré-históricos iniciaram a gradual ocupação dos continentes do planeta e de suas múltiplas paleopaisagens, principalmente ao longo da "Era Glacial" que denominamos de Pleistoceno. Desde os inícios dos primeiros homínidas, este processo de povoamento nos destacou dos demais animais, normalmente adaptados de maneira inexorável aos seus nichos ecológicos específicos. Os homens caminharam pelas savanas, embrenharam-se nas florestas, ocuparam as fimbrias dos desertos de areia e de gelo. Ao longo deste imenso período de tempo, os homens se adaptaram culturalmente a estes diversos ambientes, e se transformaram inicialmente em caçadores, coletores e pescadores. Por fim transformaram-se em horticultores, explorando de maneira muito criativa os diversos paleoambientes, através das diversas formas de organização social e de culturas que desenvolveram. Do ponto de vista cultural, inicialmente os caçadores-coletores desenvolveram-se ao longo do período denominado de Paleolítico. O sistema de caça e de coleta foi o que mais tempo durou, ao longo da história da humanidade, desde as origens até os inícios do processo de neolitização, há dez mil anos. Durante estes três milhões de anos, os grupos pré-históricos nada produziram, em termos econômicos. As atividades de caça, de coleta e mesmo, posteriormente, a pesca, são predadoras, como o são as atividades dos demais animais que buscam o seu sustento. Entretanto, esta etapa corresponde à utilização das técnicas da pedra lascada como tecnologia básica para a obtenção de implementos líticos. Estes instrumentos podem ser dos mais simples, como um seixo partido e com

gume cortante, aos que exigem uma complexa tecnologia, lascados com muita precisão e cuidado artesanal, como as pontas de flecha de gume serrilhado. Posteriormente, após a última glaciação, os caçadores-coletores desenvolvem os sistemas de pesca, e ultrapassam uma etapa cultural intermediária, denominada de Mesolítico. Finalmente, com a domesticação de plantas e animais, a utilização intensa da cerâmica e do polimento da pedra, a humanidade ingressaria no Neolítico. No transcorrer deste processo de longa duração, inúmeras características sociais e culturais dos grupos humanos foram definidas, e encontradas, milênios mais tarde, entre os indígenas que se estabeleceram em nosso território e que colaboraram firme na formação de nossa sociedade.

Inicialmente, os primeiros homens se instalaram na África Oriental, onde aperfeiçoaram o seu andar bípede nas imensas savanas que se desdobram desde o nordeste até o sul deste continente. Estes mais antigos grupos de caçadores e coletores nômades por nós conhecidos ocuparam as paisagens abertas das savanas da África Oriental, expandindo-se para o sul e para o nordeste do continente, sempre acompanhando as savanas. Construíram os mais antigos abrigos conhecidos. Eram de pequeno talhe, medindo de 1m a 1m20cm de altura, mas com uma capacidade craniana que indica um volume cerebral superior a 500cm3, muito maior do que o de qualquer primata conhecido até hoje. Foram estes primeiros grupos de representantes da espécie humana que iniciaram as migrações que terminariam por fazer, finalmente, a humanidade ocupar todo o planeta. Foram denominados de *Homo habilis*, pela sua capacidade de lascar a pedra e fazer os mais antigos instrumentos conhecidos, duas características fundamentais que os separam e distinguem de todas as demais espécies contemporâneas no planeta.

Nos sítios arqueológicos africanos estudados encontram-se inúmeros artefatos lascados em seixos de calcário, lascas, talhadeiras (ou talhadores) uni e bifacialmente lascadas, percutores e núcleos. São as evidências de terem

estabelecido assim a mais antiga técnica de obtenção de artefatos, através do lascamento da pedra, dando origem ao Paleolítico. Esta manifestação cultural nos evidencia um processo mental de pensar por etapas que é característico dos homens. O processo todo implica diversas etapas. Num primeiro momento, a partir de necessidades básicas do cotidiano, um artífice pré-histórico, no nosso caso um *Homo habilis*, parte em busca das matérias-primas. Ele necessita de um seixo duro e resistente, que será o percutor ou martelo primitivo, capaz de lascar e dar origem a outros implementos. No nosso exemplo, um outro seixo, e não um bloco de pedra qualquer, será o núcleo destinado a ser lascado. Os golpes dados pelo percutor devem ser direcionados, tangenciais ao eixo do núcleo. As lascas obtidas, dotadas de um gume cortante, serão utilizadas como facas primitivas. O núcleo será lascado de maneira a ter um gume em uma das extremidades, obtendo-se assim uma talhadeira, ou seja, o implemento antepassado das lâminas de machado. Ao mesmo tempo que destina a lasca e a talhadeira aos seus usos cotidianos, o artífice pré-histórico guarda o percutor de seixo para uma próxima ocasião. Surgia desta maneira, o primeiro conjunto importante de instrumentos, assim como uma seqüência idealizada de gestos técnicos que evidenciam um processo mental mais sofisticado e complexo.

Ao longo de mais de um milhão de anos, os *Habilis* aperfeiçoaram este processo, legando aos seus sucessores, inclusive nossos indígenas do rio da Prata, uma tecnologia e um primeiro conjunto de instrumentos que jamais outra espécie animal foi capaz de elaborar desde a origem da vida em nosso planeta. Qual a importância dessa extraordinária invenção cultural? Os primeiros artífices da pré-história dotaram os membros humanos de prolongamentos artificiais que lhes possibilitaram atuar de maneira mais efetiva, já que não somos dotados nem de garras cortantes, nem de potentes presas, nem mesmo de chifres ou de bicos pontiagudos. Estes implementos líticos lascados formam um conjunto básico de artefatos que são

encontrados também em nossos sítios arqueológicos locais platinos, tendo sido confeccionados e utilizados pelos grupos que aqui se estabeleceram, a partir portanto de uma longa tradição cultural.

Os descendentes do *Homo habilis* surgem a partir de um milhão e quinhentos mil anos. São conhecidos por *Homo erectus*. Aparecem inicialmente na África para serem encontrados nos sítios arqueológicos da Europa e da Ásia posteriormente. Eles coexistiram e sobreviveram em meio às grandes glaciações de climas frios e secos, bem como aos períodos interglaciais quentes e úmidos. Viveram lado a lado com a fauna e a flora adaptadas a esses períodos, caçando e coletando para sobreviver fisicamente e criar suas culturas. Com seus grandes cérebros de 1.000cm3 e sua altura de 1m60cm, eles já são capazes de elaborar uma cultura tecnicamente mais avançada, principalmente de artefatos líticos lascados. Sua cultura era tão desenvolvida que eles foram capazes de ocupar outros ambientes na Europa e na Ásia. Assim, além da savana africana, instalaram-se nas florestas e mesmo nas zonas próximas das glaciações, ou periglaciares. Para sobreviver nestes climas variados, não apenas continuaram a fazer abrigos de pedras, galhos e ramos, mas penetraram pela primeira vez nas cavernas e dominaram o fogo.

As tecnologias mais aperfeiçoadas e o número maior de implementos utilizados são os elementos que distinguem a cultura material do *Homo erectus* em relação à de seus antecessores. As técnicas de lascamento postas em prática pelos primeiros homens eram mais primárias e o acabamento mais rústico. Agora se elaboravam os implementos com um lascamento mais sofisticado, capaz de dar aos gumes retoques delicados. Esta tecnologia será utilizada durante milênios, sendo encontrada nos sítios arqueológicos do rio da Prata, especialmente no planalto e suas encostas. Os implementos lascados pelos *Homo erectus* incluem um novo tipo de artefato, os bifaces, que eram belíssimas lâminas manuais lascadas bifacialmente, ou seja, em ambas as faces do instrumento. Os caçadores do

passado pré-histórico utilizaram as lâminas dos bifaces para extrair os couros dos animais caçados e ainda para cortar as carnes e prepará-las para o consumo. São denominados com certa impropriedade de "lâminas de machado", apesar de serem esses bifaces muito frágeis para o corte de madeiras e ossos. Os grupos de caçadores-coletores que viviam nas florestas de araucárias locais, possuíam lâminas de machado bifacialmente lascadas muito robustas e com desgastes que sugerem um intenso uso. Outra inovação são os raspadores. Os couros dos animais caçados deveriam ser limpos interiormente. A carne, ao apodrecer, poderia abrir buracos no couro, o que o inutilizaria para a confecção de roupas, pois permitiria a entrada do frio. Os raspadores eram implementos planoconvexos com bordos muito aguçados, que serviam para limpar a parte interna dos couros dos animais caçados. Foram igualmente inventadas as lanças, no início, feitas por inteiro de madeira. As pontas foram endurecidas no calor das fogueiras. Apenas no final do Paleolítico é que foi inventada a ponta de projétil em pedra lascada. Para dar um bom acabamento às hastes das lanças foi inventado um artefato de pedra lascada caracterizado por um entalhe côncavo, extremamente aguçado com a função de uma espécie de plaina côncava. Os arqueólogos o denominaram de "instrumento com entalhe". Estes caçadores continuaram igualmente a utilizar os implementos já conhecidos de seus antecessores, os percutores, os núcleos, as lascas e as talhadeiras. Apresentam outra invenção importante, as bolas de pedra trabalhada para atingir os animais. Desde a pré-história mais remota, na África, encontramos bolas trabalhadas, de pedra, feitas pelo *Homo erectus*. Estas bolas foram elaboradas de pedra picoteada e destinadas a atingir diretamente os animais refugiados nas árvores, principalmente babuínos, derrubando-os e matando-os por concussão. Somente muito mais tarde é que os grupos de caçadores sul-americanos inventaram as bolas de boleadeiras, presumivelmente na Patagônia. Utilizadas em todas as áreas abertas do rio da Prata, esta invenção reunia três bolas

de pedra trabalhada, amarradas com finas tiras de couro em sulcos preparados. Jogadas com habilidade, elas giravam no ar, enroscando-se nas pernas do animal caçado, derrubando-o.

Uma das maiores invenções culturais desta época foi o domínio do fogo. As fogueiras eram utilizadas como fonte de calor durante os períodos frios, como defesa contra os animais selvagens, como iluminação à noite e como fonte de calor para a cocção de alimentos. O homem é a única espécie que aprendeu a dominar o fogo e a colocá-lo a seu serviço. Podemos lembrar dois exemplos desta utilização criativa do fogo para auxiliar a caça dos animais. Em primeiro lugar, o uso de seu calor para endurecer a ponta de lanças de madeira utilizadas para a caça. O fogo foi igualmente uma armadilha de caça. Os caçadores desta época o utilizaram para queimar a vegetação seca e espantar a caça, colocando-a ao alcance dos caçadores escondidos ou provocando a sua fuga em direção a armadilhas naturais, como pântanos, altos barrancos e falésias.

Por volta de duzentos mil anos surge o *Homo sapiens* que terminou por se instalar em todo o planeta. Os últimos continentes a serem conquistados por ele foram a Oceania e a América. Diversas denominações os distinguem no decorrer deste período. Os primeiros foram denominados de *pré-sapiens* e possuíam formas intermediárias, semelhantes aos seus antepassados. Posteriormente predominaram os *Homo sapiens* de Neandertal, com seus cérebros de 1.600cm3 e uma altura média de 1m60cm. Finalmente, os *Homo sapiens sapiens* foram os últimos a surgirem e predominam em todo o planeta há apenas cem mil anos. Somos nós, estes últimos e atuais representantes de uma evolução que durou oito milhões de anos para os homínidas e três milhões de anos para os humanos. Não passamos de uma última mas transitória forma de uma espécie que não cessa de evoluir e de expandir-se. Atualmente nossa altura é de 1m70cm em média e uma capacidade cerebral em torno de 1.800cm3. No decorrer da última glaciação, foram estes últimos tipos humanos que cri-

aram culturas extremamente diversificadas, provavelmente resultante da adaptação aos diversos ambientes nos quais se instalaram no passado pré-histórico. Estes grupos fizeram a cultura dos caçadores-coletores atingir o seu auge, durante a última glaciação. Em especial, podemos destacar a invenção da arte da pintura, da gravura e da escultura, bem como de novos implementos, a criação de novas tecnologias e o aprimoramento substancial dos métodos de caça. Relacionado a esta última atividade, devemos destacar a mais antiga evidência sobre a domesticação dos animais. Nos sítios arqueológicos da época surgiram restos esqueletais do primeiro animal domesticado, o cão. Uma gravura sugere a domesticação do cavalo, ao mostrar a sua cabeça amarrada com cordas, como um buçal.

Duas extraordinárias inovações tecnológicas foram realizadas e encontradas nos remanescentes de suas culturas materiais. A primeira delas foi a produção em série de implementos líticos lascados. A partir de um núcleo lítico achatado e longamente preparado, os neandertalenses retiraram inúmeras lascas curtas e triangulares, a origem das primeiras pontas de lança. Seus substitutos *sapiens sapiens* puderam, mais tarde, extrair lâminas de gumes aguçados de um núcleo mais alongado. Longas e finas, as lâminas só foram obtidas após a descoberta do sistema de trabalho preparatório do núcleo. Uma vez obtidas, elas poderiam ser carregadas pelo homem pré-histórico que, dependendo das necessidades, teria condições de rapidamente retocá-las, transformando-as em furadores, facas ou pontas de projétil (pontas de lança e pontas de flecha líticas). Assim, graças à invenção do núcleo preparado e da produção em série de implementos, no final do Paleolítico, foram inventadas as pontas de projétil de pedra lascada, capazes de serem adaptadas ao cabo da lança, e fixadas à haste de madeira com resina e cipós muito finos. Em tamanho menor, apareceram as pontas de flechas, presas à haste de madeira pela fixação do pedúnculo, e indicando uma outra invenção, o arco. A segunda invenção tecnológica de preparo de artefatos, foi uma nova técnica de tra-

balhar a pedra, o lascamento sob pressão. Trata-se do uso de um retocador feito com a ponta duríssima. Na Europa foi empregado o chifre da rena e na região platina os de veados campestre e florestal. Para fazer os retoques nas lâminas já lascadas, pressionava-se a ponta do retocador contra o gume cortante até extrair pequeníssimas lascas de alguns milímetros de comprimento. Esse instrumento serviu para criar gumes serrilhados muito cortantes, tais como os que encontramos nas pontas de flechas líticas. Essa tecnologia será muito encontrada em sítios pampeanos platinos e na Patagônia, tendo sido utilizada até o século 19. O preparo das hastes de madeira das lanças, das flechas e dos arcos, continuavam a ser feitos com o antigo instrumento com entalhes. Entretanto, ao lado dessas inovações, mantinha-se uma tradição duradoura, pois muitos dos artefatos anteriormente inventados continuaram a ser utilizados, tais como os bifaces, raspadores, percutores e núcleos.

O osso começou a ser intensamente utilizado como fonte de matéria-prima, graças à invenção de dois importantes artefatos de pedra lascada que permitiam a realização do trabalho artesanal. O primeiro deles foi o buril. Artefatos lascados sem forma definida, mas que cabem perfeitamente na mão, os buris se caracterizam por terem uma ponta aguçada, com uma aresta que a fortalece, de maneira a poder trabalhar materiais duros como o osso e a madeira. Somente com a invenção do buril tornou-se possível trabalhar essas matérias-primas, pela primeira vez na história com alto grau de eficiência. Com eles se fizeram incisões de maneira a extrair lâminas ósseas, transformadas posteriormente por polimento em pontas de lança ou de flechas, agulhas e anzóis de ossos. O outro instrumento inventado foi o furador, ou seja, um artefato de pedra lascada, elaborado a partir de lâminas, que possui uma parte mais plana para encaixar na mão e uma ponta aguçada para perfurar. Serve para fazer perfurações em madeira e osso. Os furadores foram utilizados para a abertura de buracos em novos artefatos. Uns foram utilizados para que

se passasse um fio para costurar com as agulhas, outro para sustentar anzóis e mesmo adornos, inúmeros materiais foram trabalhados para serem transformados em adornos. Dentes de animais e conchas de madrepérola viraram colares e pulseiras, por exemplo. Outra invenção da época é o arpão de osso com barbelas (duplas ou simples), encabado em haste de madeira, utilizado para a caça, mas igualmente para arpoar peixes dentro da água.

O fogo continuará a ser utilizado de múltiplas maneiras, por estes caçadores-coletores. Entretanto, duas novas técnicas serão descobertas para a cocção dos alimentos, com a utilização de pedras aquecidas ao fogo. A primeira delas é o denominado "forno polinésico". Dentro de um buraco aberto na terra, colocam-se pedras. Sobre elas se acende uma fogueira, para esquentá-las. Coloca-se então a carne que se quer cozinhar embrulhada em folhas. Tudo é coberto de terra, e a cocção dura aproximadamente duas horas. A segunda relaciona-se à capacidade de transporte do calor por meio de pedras aquecidas (termóforas) para o interior de um determinado recipiente, provavelmente de couro. As termóforas são pedras que apresentam um desgaste muito grande, produzido pela intensa oxidação de sua superfície. Eram submetidas a altas temperaturas no interior das fogueiras e depois colocadas dentro dos recipientes de couro contendo água e os alimentos para serem cozidos. Eram substituídas amiúde por outras pedras quentes, até ser atingida a cocção. Portanto, a finalidade dessas pedras é a de conduzir calor, como seu nome indica. Isso provoca aumentos súbitos e perdas rápidas de temperaturas, o que lhes dá uma aparência oxidada de tons róseos e acinzentados e uma superfície áspera ao toque.

Durante a última glaciação, os imensos ossos e peles dos mamutes foram utilizados para a construção de grandes cabanas nas planícies frias da Europa oriental, enquanto que na França e na Espanha os grupos humanos se protegiam do frio habitando as inúmeras cavernas e abrigos ali existentes. Nesses locais enterraram seus mortos, com suas armas, restos de alimentos e cobertos do vermelho vivo

da hematita em pó, talvez para dar nova vida aos pálidos corpos dos caçadores-coletores mortos. Devido à alta porcentagem de ferro, a hematita é uma pedra de cor avermelhada. Muito friável, quebra facilmente, podendo ser esmagada e transformada em pó. Esse mineral foi muito utilizado como pintura corporal em cerimoniais de iniciação e em enterramentos. O vermelho vivo da hematita provavelmente teria relação simbólica com o sangue e a vida.

Seu desenvolvimento cultural fica evidenciado plenamente quando examinamos a sua arte, expressa em pinturas, gravuras e esculturas. As pinturas apresentam uma extraordinária expressão gráfica. O realismo ilustra muito bem a fauna glacial. Mamutes, bisontes, touros e éguas grávidas, predominam. São raras as representações dos demais animais dessa época, rinocerontes, peixes, pássaros e cervídeos. Parece relacionarem-se a uma magia da fertilidade, devido aos animais machos (bisontes, touros) e fêmeas grávidas (éguas) que se antepõem nas paredes das cavernas. A hipótese tantas vezes enunciada no passado que relacionava a arte à magia da caça, parece hoje superada. Afirmou-se que seriam pintados os animais que se queria caçar, numa espécie de magia simpática. Entretanto, se os restos ósseos da rena representam aproximadamente 80% dos animais caçados, ela praticamente nunca aparece nas pinturas. Cavernas onde aparece apenas um animal pintado ou desenhado dezenas de vezes, como o mamute, poderiam significar o culto a um animal totêmico? Gravuras são igualmente encontradas, tanto em paredes como em placas de osso. Algumas vezes representam animais, mas quase sempre são grafismos abstratos, interpretados muitos deles atualmente como símbolos sexuais, masculinos e femininos. Em nossa região, estes símbolos são também muito freqüentes, tanto nos sítios arqueológicos do litoral como em abrigos e cavernas do interior. Símbolos abstratos semelhantes serão encontrados em nossos sítios arqueológicos platinos. Muitos deles talvez tenham idêntica significação simbólica. A esta arte pré-histórica européia se acrescenta a escultura. Quase

sempre representa mulheres grávidas, denominadas de "vênus pré-históricas" com certa ironia, e interpretadas como sendo deusas da fertilidade. Sabemos que a Vênus romana foi uma deusa da fertilidade em suas origens gregas (Afrodite) e asiáticas (Ishtar, Astarté). Algumas vezes pequenas esculturas representam animais, quase sempre de osso. Bem diferentes quanto à forma, mas com significações simbólicas semelhantes, são as esculturas em pedra polida dos sambaquis do litoral sul-brasileiro. No final da última glaciação aparecem na Europa seixos com inscrições, associados também ao culto da fertilidade. Pedras gravadas são encontradas em sítios do rio da Prata, mas não foram ainda suficientemente estudadas. As cavernas com suas paredes pintadas e com gravuras, as inúmeras esculturas conhecidas, são obras da arte de ótima qualidade que evidenciam técnicas admiráveis. O uso de pincéis ou estiletes, a confecção de tintas, o uso dos suportes para a pintura e para a gravura, as técnicas de polimento da escultura, tudo nos evidencia uma capacidade artesanal extraordinária e um legado cultural importante não apenas para as gerações posteriores, mas para toda a humanidade.

Aproximadamente em doze mil anos antes do presente, chega ao seu final a última glaciação, denominada de Wurm na Europa e Wisconsin na América do Norte. As condições até então predominantes de clima seco e frio são substituídas pelas novas condições ambientais do Holoceno, muito calor, altos índices de umidade relativa do ar e intensa pluviosidade. Drásticas transformações ambientais igualmente para a flora e para a fauna. As espécies vegetais de climas frios pouco a pouco cedem lugar às espécies mais adaptadas ao calor e à umidade. A extinção de inúmeros animais da megafauna glacial foi outro episódio importante ocorrido. Na Europa, desaparecem os gigantescos mamutes, rinocerontes lanudos, cervídeos, bovídeos e tigres de dente de sabre. Os bisontes sobrevivem apenas nas pradarias da América do Norte. As renas migraram para o norte da Europa e do Canadá.

Na América do Sul, a megafauna extinta chegou a atingir perto de 20% dos estoques faunísticos. Por outro lado, com o desenvolvimento das novas condições climáticas, se estabelecem em grande quantidade as espécies da flora e da fauna atuais, de médio e pequeno portes. Na África e na Ásia, multiplicam-se os grandes animais adaptados ao calor e à umidade: elefantes, rinocerontes, hipopótamos, etc.

Os caçadores-coletores-pescadores terão que se readaptar a estas grandes transformações que ocorrem em todo o planeta. Estes grupos pré-históricos aproveitam o derretimento das neves glaciais e a subida dos níveis marinhos para instalar sítios de coleta e de pesca em litorais marinhos. Inicia-se o Mesolítico, ou seja, uma fase intermediária, com uma difusão de pequenos implementos lascados, denominados de micrólitos, muito bem retocados e com gumes serrilhados. As florestas se desenvolvem, com a pluviosidade e a umidade, reocupando áreas onde antes predominavam as paisagens abertas. A partir destas transformações ambientais as comunidades humanas abandonam o Pleistoceno, ou "Era das Glaciações", adaptando-se às novas condições ambientais holocênicas.

A gradual ocupação do continente americano se desenvolve no final da última glaciação e durante o início do Holoceno. Esse povoamento é realizado por grupos pré-históricos dotados de uma cultura material que é o prolongamento dos padrões culturais paleolíticos. Sua aparência física é a correspondente ao *Homo sapiens*. Ainda não foram encontrados esqueletos que possam indicar a existência de homens mais antigos. Ao contrário do que se popularizou, as culturas materiais produzidas pelas populações que se estabeleceram na América do Sul, se integram muito bem à pré-história do resto do planeta. Migrando possivelmente ao longo das encostas dos Andes, ou através da planície amazônica então desprovida da atual vegetação florestal de grande porte e de milhares de espécies, os grupos de caçadores-coletores-pescadores se instalaram gradativamente nas paisagens atlânticas da bacia do rio da Prata. Este processo de instalação ocorre no

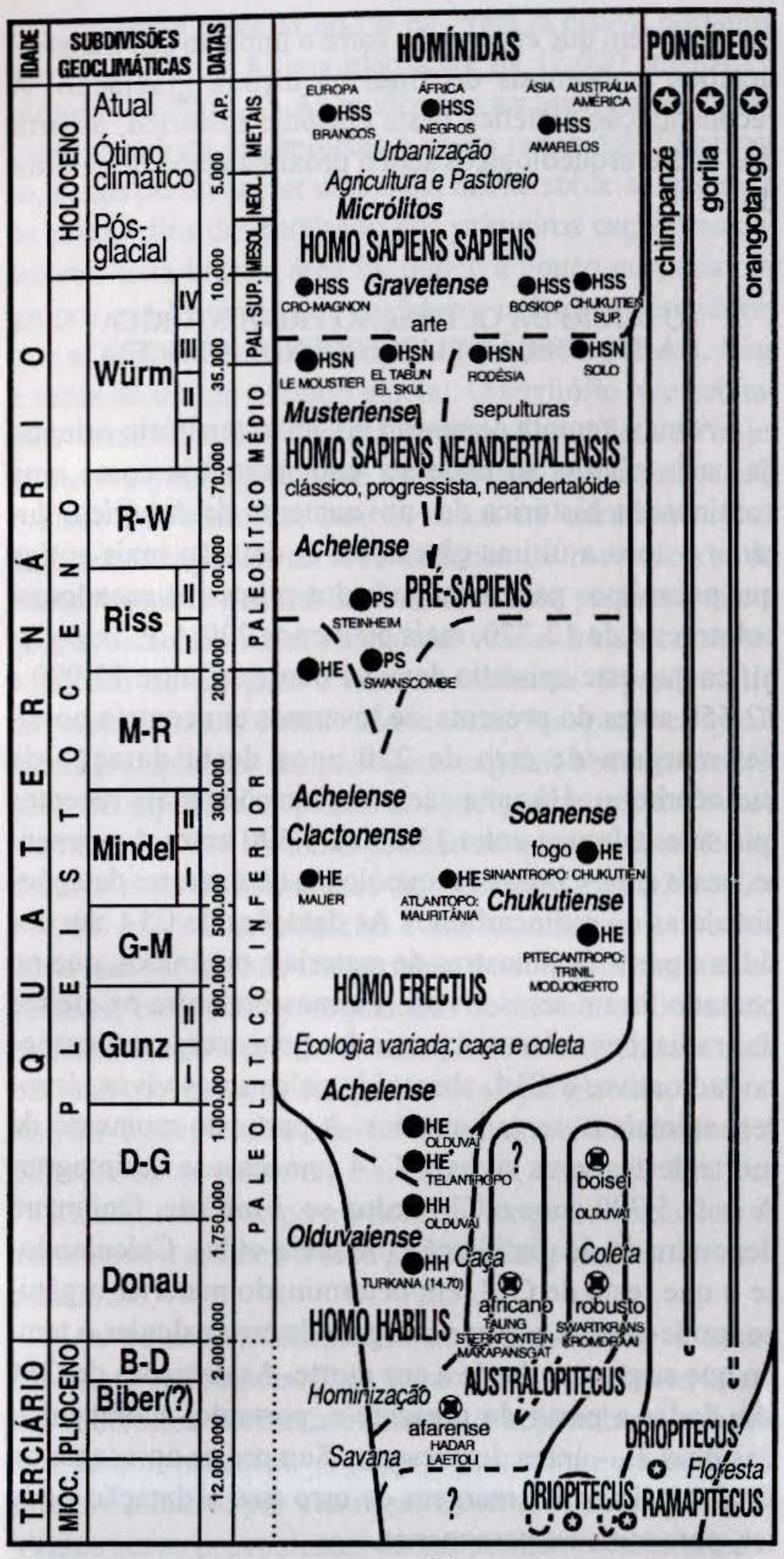


Fig.1 - Etapas principais do desenvolvimento humano na pré-história: períodos geológicos, mudanças climáticas, evolução orgânica do homem e progresso sociocultural.

momento em que esta região sofre o impacto das transformações ambientais do final da última glaciação. A reconstituição sintética deste episódio histórico, a partir dos dados arqueológicos será a próxima etapa deste estudo.

O INÍCIO DA OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA NA TRANSIÇÃO PLEISTOCENO-HOLOCENO

A mais remota ocupação do atual território oriental da bacia platina só pode ser compreendida como uma continuação histórica do povoamento da América, durante e após a última glaciação. A datação mais antiga que possuímos para a chegada dos primeiros caçadores-coletores é de 12.770, mais ou menos 220 A.P. Isso significa que este episódio deve ter ocorrido entre 12.990 e 12.550 antes do presente, se levarmos em conta a possível margem de erro de 220 anos desta datação de radiocarbono. Há uma série de datações mais recentes que se escalonam entre 11.500 e 8.500 antes do presente, nessa área. Como os arqueólogos obtêm estas datações absolutas de radiocarbono? As datações de C14 são obtidas a partir de amostras de materiais orgânicos, que no passado foram seres vivos. A atmosfera sofre os efeitos das radiações solares, a partir das quais surge um carbono radioativo, o C14, absorvido pelos seres vivos: árvores, animais e seres humanos. A partir do momento da morte destes seres vivos, o C14 começa a se desintegrar. A cada 5.700 anos o C14 reduz-se à metade, fenômeno denominado de dimidiação (ou meia-vida). Calculando-se o que resta de C14, em determinado material orgânico, pode-se com alguma margem de erro calcular o tempo que se passou desde a sua morte. As datações de C14 são dadas a partir do presente e, portanto, acompanhadas de A.P. - antes do presente. Sempre se apresenta no final o cálculo da margem de erro que a datação pode ter, para mais ou para menos.

A região oriental do rio da Prata já estava portanto, povoada desde a última glaciação, há 12.000 anos A.P., ou seja, 10.000 a.C. As evidências arqueológicas conhecidas são ainda incompletas e muito reduzidas. Entretanto, já nos permitem ter uma idéia inicial sobre as origens e os primórdios da instalação dos primeiros caçadores-coletores. Esta imensa área foi pouco a pouco ocupada por grupos pré-históricos de caçadores-coletores-pescadores que se instalaram nas paleopaisagens ainda geladas, frias e secas do último período glacial. O território que habitamos atualmente não possuía no passado o clima de hoje. Durante a última glaciação, quando aqui chegaram os primeiros povoadores, outras eram as características ambientais vigentes na área atlântica da bacia do rio da Prata. Imensas geleiras nos Andes, uma pequena calota glacial estabelecida na Patagônia, ventos frios e cortantes soprando do sul para o norte, ocasionam o predomínio das condições ambientais frias e secas. Isso provoca igualmente a ampliação das paisagens vegetais abertas e restrições das espécies adaptadas às condições tropicais. Nesse ambiente, a flora e a fauna já estão adaptadas há milênios, desde o auge da última fase da glaciação (entre 20.000 e 18.000 A.P.). Nas planícies e nas montanhas, os verões deveriam ser apenas temperados e os invernos muito rigorosos, com mais precipitações de neve nas alturas do planalto meridional do Brasil. Com a concentração de imensas quantidades de água nas calotas glaciais, o nível do mar estava muito abaixo do atual, colocando toda a plataforma continental à mostra. A corrente fria das Falklands, rumando para o norte ao longo de nosso litoral, aumentava a aridez e a seca provocadas pelas baixas temperaturas.

As paisagens adaptadas aos climas frios e secos (savanas e estepes xerófilas) predominavam sobre as imensas coberturas florestais úmidas que hoje cobrem a América do Sul atlântica. A própria Amazônia era ocupada primordialmente por caatingas e cerrados nesse período. Ventos secos provenientes do sul traziam escassa umida-

de, provocando poucas precipitações pluviais, e fazendo com que os rios apenas corressem na parte mais profunda de seus leitos, escavando-os. As florestas apenas podem ter sobrevivido protegidas nos vales encaixados nas encostas do planalto meridional brasileiro, ou como mata-de-galeria, ao longo das escassas correntes de água.

Nesse quadro ambiental, durante a última glaciação, vivia uma fauna de grande porte. Era uma megafauna de mamíferos e dentre eles podemos destacar alguns tipos representativos como os mastodontes (Estegomastodonte e Haplomastodonte), parentes distantes dos elefantes atuais, um tipo de hipopótamo (Toxodonte), animais semelhantes aos tatus (Glyptodonte e Pampatério, de 1m50cm de altura e 4m de comprimento), os tigres de dentes de sabre (Esmilodonte), as preguiças terrícolas gigantes (Glossotério e Megatério, de 2m de altura), uma espécie semelhante ao cavalo e à anta (Macrauquênia), cavalos de pequeno porte (Equus e Hippidion), um camelídio (Paleolhama) e um cervídeo (Morenelafo). Essa fauna de megamamíferos extinguiu-se com o término da última glaciação e o surgimento das novas condições ambientais holocênicas. Ela parece ter sofrido também com a chegada de um novo tipo de predador, o homem com seu eficiente equipamento de caça. Aparentemente esses caçadores recém-chegados estavam muito bem armados, em meio a essa fauna em grande parte formada por herbívoros. Outros animais de pequeno porte como as emas, as antas, os ratões-do-banhado e os cervídeos, foram igualmente caçados pelos primeiros grupos pré-históricos que aqui se estabeleceram.

Esses caçadores-coletores-pescadores jamais foram apenas caçadores da megafauna. Os mais antigos sítios arqueológicos conhecidos e as possibilidades ambientais indicam uma dieta variada e onívora. Nos rios Uruguai, Ibicuí e Quaraí, os vestígios arqueológicos mais antigos encontrados (12.000 a 10.000A.P.), indicam caçadores-coletores-pescadores, que além de caçar a megafauna (preguiças e tatus gigantes), também poderiam ter se alimentado de

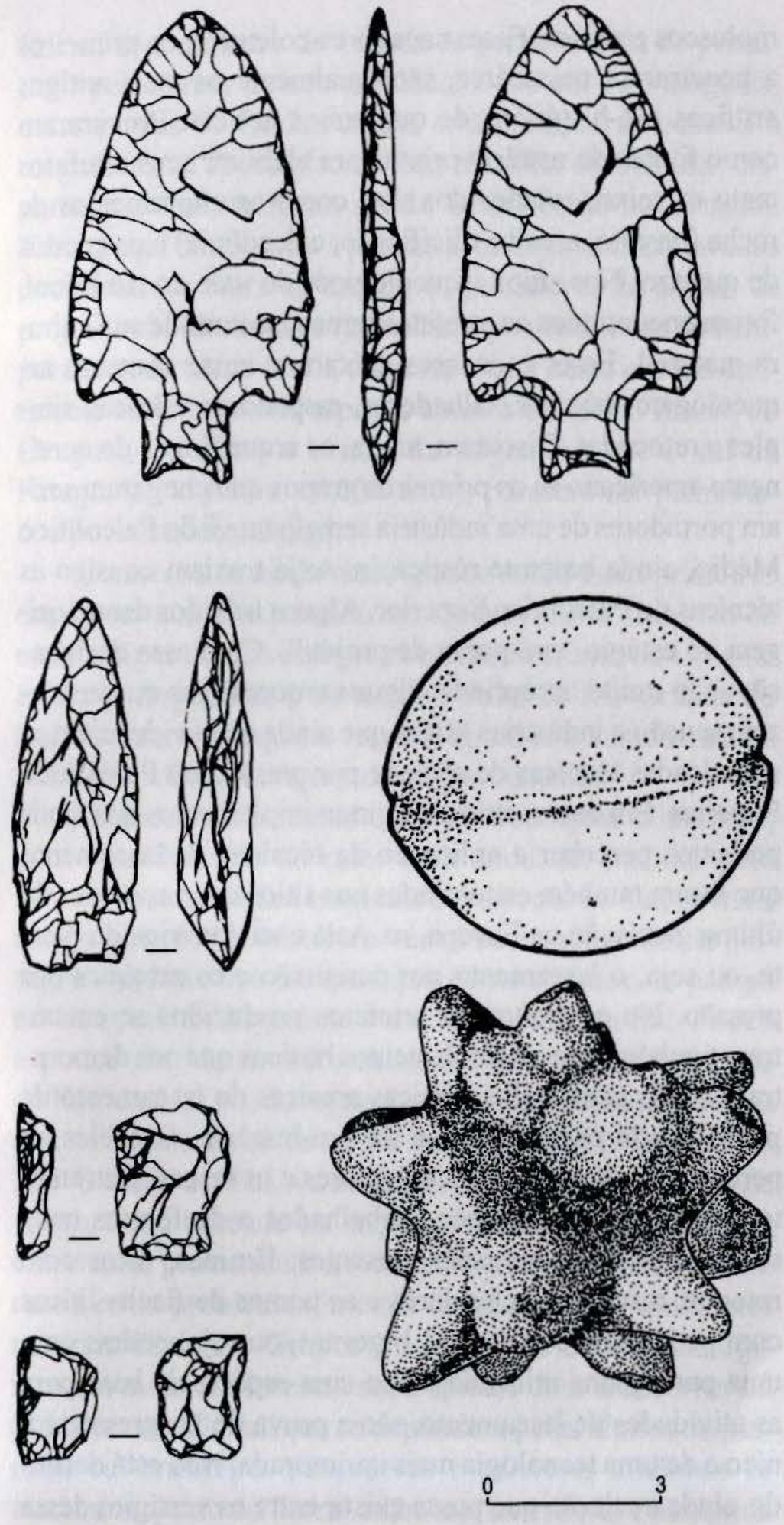


Fig.2 - Grupos de caçadores-coletores-pescadores pampeanos (pontas de flexa e de lança, raspadores, bolas de boleadeira para a caça e a guerra).

moluscos e peixes. Esses caçadores-coletores, os primeiros a penetrarem nessa área, são igualmente os mais antigos artífices pré-históricos de que temos notícia. Procuraram como fontes de matéria-prima para elaborar seus artefatos tanto os seixos rolados dos rios, como os afloramentos de rocha (basalto, arenito silicificado, calcedônia) e os geodos de quartzo. Nos sítios arqueológicos do vale do rio Ibicuí, foram encontrados os artefatos remanescentes de sua cultura material. Esses caçadores deixaram, neste contexto arqueológico, núcleos, talhadores, raspadores e lascas simples e retocadas. Discutem, ainda, os arqueólogos do continente americano se os primeiros grupos que chegaram seriam portadores de uma indústria semelhante à do Paleolítico Médio, ainda bastante rústica, ou se já traziam consigo as técnicas do Paleolítico Superior. Alguns achados deram origem ao estágio "pré-ponta de projétil". Com essa designação, não muito apropriada, alguns arqueólogos querem fazer menção a indústrias líticas que ainda não evidenciam as sofisticadas técnicas de retoque por pressão do Paleolítico Superior. Em outros sítios, surgiram implementos nos quais podemos perceber a aplicação de técnicas de lascamento que foram também encontradas nos sítios dos caçadores da última glaciação na Europa, na Ásia e na América do Norte, ou seja, o lascamento por percussão e os retoques por pressão. No conjunto dos artefatos produzidos se encontram também aqueles implementos básicos que nos demonstram a persistência das técnicas arcaicas do lascamento da pedra desde os primórdios da pré-história. São eles os percutores, os núcleos, os talhadores e as lascas. Entretanto, instrumentos mais bem trabalhados e de formas mais sofisticadas também estão presentes: lâminas, facas com retoque, raspadores circulares e as pontas de flecha líticas com pedúnculo e aletas. As bigornas, ou seja, pedras com uma parte plana utilizada como uma espécie de base para as atividades de lascamento, são a prova do progresso técnico e de uma tecnologia mais aprimorada. Não está definida ainda a relação que possa existir entre os vestígios dessa indústria de pedra lascada com algumas pontas de flechas

líticas, denominadas de "cauda de peixe" ("cola de pescado") pela forma de seu pedúnculo. No sul da Patagônia, essas pontas de flechas líticas estão sempre associadas à megafauna da época glacial. Elas têm sido encontradas dispersas na área, tanto no sul do Brasil como no Uruguai. Temos aqui um desafio à pesquisa, ou seja, realizar estudos comparativos entre os caçadores portadores de pontas de projétil habilidosamente retocadas, e possivelmente contemporâneos da fauna fóssil, do norte ao sul deste imenso continente americano. Os espaços abertos do sul do Brasil, do Uruguai, do oeste e centro da Argentina, até o sul da Patagônia (11.000 a 10.000 A.P.), parecem ser palmilhados por esses caçadores.

Conhecemos ainda muito pouco sobre esses primeiros caçadores que aqui penetraram. Devem existir sítios tão ou mais antigos do que esses já encontrados, tanto no Uruguai como na Argentina, e mesmo no oeste do Rio Grande do Sul. As futuras pesquisas arqueológicas terão ainda muito a nos dizer sobre as origens desse povoamento.

Quando se instalaram as novas condições climáticas, com o predomínio do calor e da umidade, trazidas pelo avanço das condições tropicais em direção ao sul, os mais antigos grupos pré-históricos terminaram adaptados às paisagens abertas dos campos que denominamos de pampa no Uruguai, na Argentina e no Rio Grande do Sul. Pouco a pouco ampliaram seus raios de ação, aproximando-se do litoral atlântico, da região lagunar e das áreas alagadiças que se situam entre os atuais territórios do Uruguai e do Rio Grande do Sul, onde desenvolveram um padrão de subsistência baseado na caça e na pesca. Outros grupos, entretanto, procuraram novas paisagens para se instalar e resolver os problemas iniciais de adaptação a ambientes naturais distintos. Grupos de caçadores-coletores surgiram em meio às florestas subtropicais com araucárias do planalto meridional, que se expandem pelas alturas do planalto sul-brasileiro. Pescadores e coletores marinhos se instalaram junto ao litoral atlântico, na estreita e alongada planície litorânea, onde o mar e as lagoas predominam.

OS PRIMEIROS CAÇADORES-COLETORES-PESCADORES E AS ADAPTAÇÕES HOLOCÊNICAS

AS TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS HOLOCÊNICAS

Ao longo dos 10.000 anos do Holoceno o povoamento indígena, que já estava iniciado, se incrementa. As evidências de sítios arqueológicos se multiplicam. As condições ambientais irão gradualmente se transformar entre 13.000 e 10.000 A.P. Predominantemente glaciais, até então, as temperaturas começam a subir, gradativamente, provocadas por uma maior intensidade da radiação solar. Com o derretimento das geleiras, sobem os níveis marinhos. O processo de transgressão marinha invade a planície litorânea, inundando-a vagarosamente. Persistem os climas secos com pluviosidade restrita, mas cada vez mais quentes. Apenas por volta de 7.000 A.P. o clima temperado seco tornar-se-á úmido, com a progressiva chegada das chuvas intensas e das massas de ar tropical do norte.

Existe uma grande defasagem entre o término das condições glaciais pleistocênicas e a plena recuperação das paisagens vegetais. Durante muito tempo preponderam, ainda, as paisagens abertas com seus campos de gramíneas, arbustos e poucos núcleos de vegetação. Predominam os mosaicos de paisagens abertas entremeadas de raros bosques. Esta situação será alterada com as modificações climáticas posteriores a 8.000 A.P. As florestas irão, aos poucos, recolonizar as paisagens onde, por longo tempo, haviam se expandido apenas as espécies arbustivas. As florestas subtropicais, quase sempre acompanhadas pelos pinheiros (araucária), expandem-se pelo alto do planalto

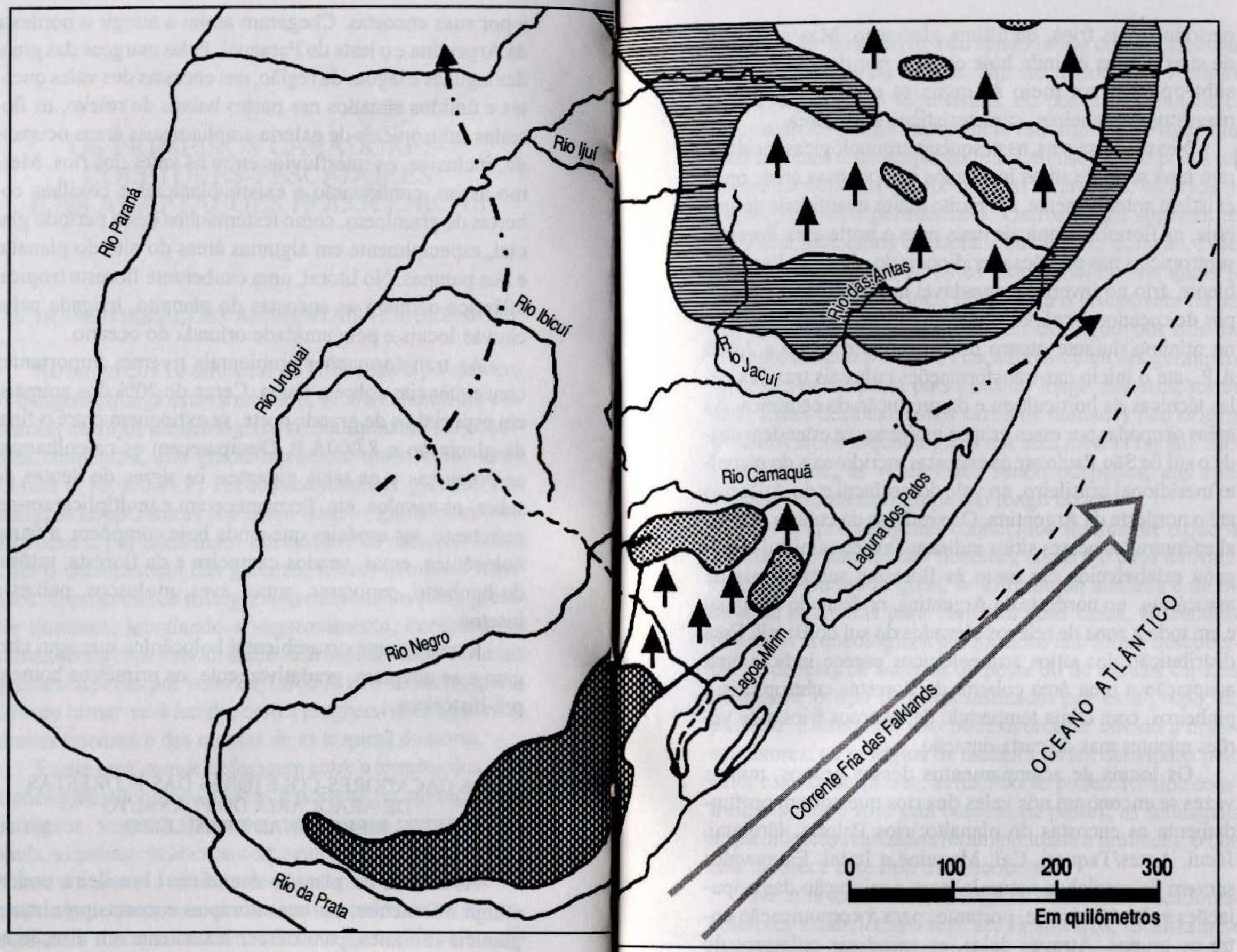
e por suas encostas. Chegaram assim a atingir o nordeste da Argentina e o leste do Paraguai. Pelas margens das grandes lagunas e lagoas da região, nas encostas dos vales quentes e úmidos situados nas partes baixas do relevo, as florestas subtropicais de galeria ampliam suas áreas ocupando, inclusive, os interflúvios entre os vales dos rios. Mesmo assim, continuarão a existir planícies e coxilhas cobertas de gramíneas, como testemunhos deste período glacial, especialmente em algumas áreas do alto do planalto e nos pampas. No litoral, uma exuberante floresta tropical atlântica ocupará as encostas do planalto, irrigada pelas chuvas locais e pela umidade oriunda do oceano.

As transformações ambientais tiveram importantes conseqüências sobre a fauna. Cerca de 20% dos animais, em especial os de grande porte, se extinguem entre o final da glaciação e 8.000A.P. Desaparecem as paleolhamas, as preguiças e os tatus gigantes, os tigres de dentes de sabre, os cavalos, etc. Permaneceram e multiplicaram-se, entretanto, as espécies que ainda hoje compõem a fauna holocênica, emas, veados campeiro e da floresta, ratões-do-banhado, capivaras, antas, aves, moluscos, peixes e insetos.

É nesse contexto ambiental holocênico que aqui chegam e se adaptam, gradativamente, os primeiros homens pré-históricos.

OS CAÇADORES-COLETORES DAS FLORESTAS DE ARAUCÁRIA DO PLANALTO MERIDIONAL BRASILEIRO

As alturas do planalto meridional brasileiro podem atingir mil metros, nas suas abruptas encostas próximas à planície litorânea, para descer lentamente em direção ao interior onde dá origem a suaves coxilhas que atingem o leste do Paraguai e o nordeste da Argentina. É cortado por vales que rasgam suas paredes de pedras, nos quais correm rios saltando sobre pedras. Nas partes mais altas podem-se ainda hoje encontrar campos, que são relictos dos



Mapa 1 - Paisagens frias encontradas
pelos primeiros povoadores no final da última glaciação.
(Fonte: Kern, 1981; baseado em Ab'Saber)

períodos mais frios, da última glaciação. Mas a maioria de suas alturas é ainda hoje coberta por densas florestas subtropicais, em meio às quais se erguem os altos e magestosos pinheiros, característicos dessa área.

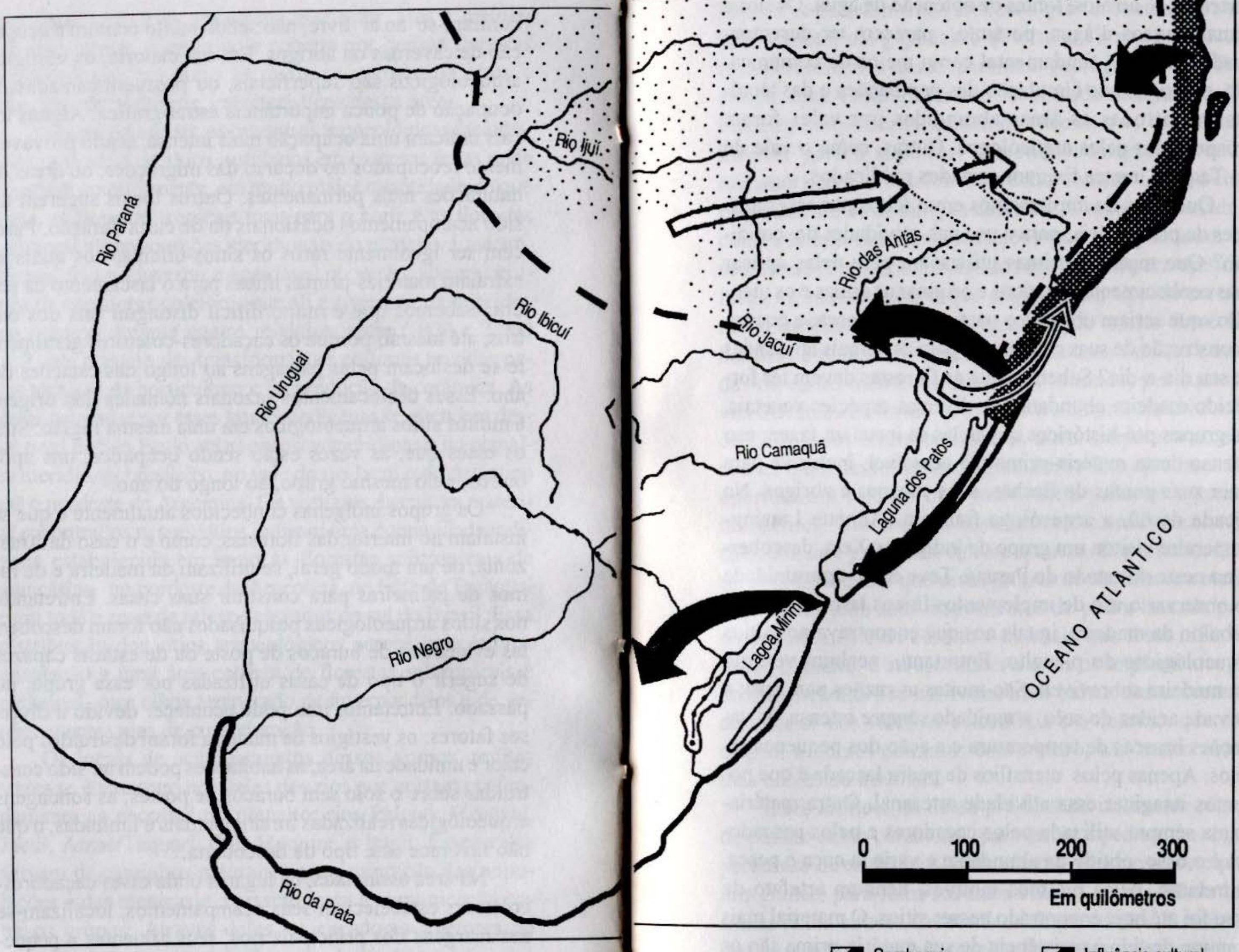
Nessas paisagens, as pesquisas arqueológicas localizaram uma série de sítios instalados em extensas áreas onde existiam anteriormente, em muito maior quantidade do que hoje, as florestas tropicais mais para o norte e as florestas subtropicais nas porções meridionais do planalto. Esse ambiente, frio no inverno e agradável no verão, abrigou grupos de caçadores-coletores que ali estiveram estabelecidos no mínimo durante quatro milênios, entre 6.000 e 2.000 A.P., até o início das transformações culturais trazidas pelas técnicas da horticultura e da produção da cerâmica. As áreas ocupadas por esses grupos indígenas se estendem desde o sul de São Paulo até as encostas meridionais do planalto meridional brasileiro, no vale do rio Jacuí e do Atlântico até o nordeste da Argentina. Os vestígios da cultura material encontrados nesses sítios indicam uma comunidade indígena estabelecida em meio às florestas subtropicais de araucárias, no nordeste da Argentina, no leste do Paraguai e em toda a zona de relevos elevados do sul do Brasil. Essa distribuição dos sítios arqueológicos parece indicar uma adaptação a uma área coberta de florestas subtropicais e pinheiros, com clima temperado de invernos frios e de verões quentes mas de curta duração.

Os locais de acampamentos desses grupos, muitas vezes se encontram nos vales dos rios que cortam profundamente as encostas do planalto: rios Pelotas, Uruguai, Jacuí, Antas/Taquari, Caí, Maquiné e Itajaí. Esses vales servem de caminhos naturais, para a migração das populações e das técnicas e, portanto, para a comunicação entre os grupos. Através deles, os caçadores-coletores do planalto tiveram acesso às florestas das encostas e àquelas que limitam com os campos do pampa. Nas baixadas, as temperaturas são mais altas e tornam-se raros os pinheiros e os vestígios arqueológicos desses grupos.

A maior parte dos sítios arqueológicos estudados encontram-se ao ar livre, não sendo muito comum a ocupação de cavernas ou abrigos. Em sua maioria, os vestígios arqueológicos são superficiais, ou possuem camadas de ocupação de pouca importância estratigráfica. Alguns locais indicam uma ocupação mais intensa, sendo provavelmente reocupados no decurso das migrações, ou áreas de habitações mais permanentes. Outros locais sugerem ter sido acampamentos ocasionais ou de curta duração. Parecem ser igualmente raros os sítios-oficina, nos quais se extraiam matérias-primas líticas para o lascamento da pedra. Sabemos que é muito difícil distinguir uns dos outros, até mesmo porque os caçadores-coletores geralmente se deslocam pelas paisagens ao longo das estações do ano. Esses deslocamentos sazonais nômades dão origem a muitos sítios arqueológicos em uma mesma região. Sítios esses que, às vezes estão sendo ocupados, uns após outros, pelo mesmo grupo, ao longo do ano.

Os grupos indígenas conhecidos atualmente e que se instalam no interior das florestas, como é o caso da Amazônia, de um modo geral, se utilizam da madeira e de ramos de palmeiras para construir suas casas. Entretanto, nos sítios arqueológicos pesquisados não foram descobertas evidências de buracos de poste ou de estacas capazes de sugerir o tipo de casas utilizadas por esse grupo, no passado. Entretanto, isso pode acontecer devido a diversos fatores: os vestígios de madeira foram destruídos pelo calor e umidade da área; as habitações podem ter sido construídas sobre o solo sem buracos de postes; as sondagens arqueológicas realizadas foram pontuais e limitadas, o que não favorece esse tipo de descoberta.

Na área assinalada, os lugares onde esses caçadores-coletores estabeleciam seus acampamentos, localizam-se nas margens dos principais rios, seus afluentes e pequenos arroios. Os sítios conhecidos se encontram, na sua maior parte, nas bacias dos rios Uruguai e Jacuí, Paraná, Paranapanema e Ivaí. Os locais escolhidos se encontram nas várzeas, nos terraços e mesmo nos topos de colinas ou platôs. Jamais estão afastados das pequenas lagoas,



Mapa 2 - Os primeiros grupos de povoadores: áreas ocupadas, expansão e influências culturais dos grupos pampeanos, do planalto e do litoral.

vertentes ou arroios, fontes de obtenção de água. Os rios e demais cursos d'água, portanto, parecem ter desempenhado um papel fundamental como meios de comunicação, como vias de circulação das populações e das técnicas. Nem todas as áreas abrangidas por vales foram prospectadas pelos arqueólogos. Outras, como o vale do rio Taquari, nunca tiveram os dados publicados.

Que tipos de implementos eram feitos por esses artífices da pré-história, para o uso nas atividades do cotidiano? Que matérias-primas utilizavam para nelas aplicar seus conhecimentos técnicos e originar as armas e os utensílios que seriam utilizados para a caça, a pesca, a guerra, a construção de suas cabanas ou para as demais atividades do seu dia-a-dia? Sabemos que as florestas devem ter fornecido madeira abundante de diversas espécies vegetais. Os grupos pré-históricos que nelas se instalam fazem uso intenso desta matéria-prima tão acessível, inclusive para fazer suas pontas de flechas, suas cabanas e abrigos. Na década de 60, a arqueóloga francesa Annette Laming-Emperaire visitou um grupo de indígenas Xetá, descoberto no oeste do estado do Paraná. Teve então oportunidade de observar o uso de implementos líticos lascados para o trabalho da madeira, iguais aos que encontrava nos sítios arqueológicos do planalto. Entretanto, nenhum vestígio em madeira sobreviveu. São muitas as razões para isso: a elevada acidez do solo, a umidade sempre intensa, as variações bruscas de temperatura e a ação dos pequenos insetos. Apenas pelos utensílios de pedra lascada é que podemos imaginar essa atividade artesanal. Outra matéria-prima sempre utilizada pelos caçadores e pelos pescadores é o osso, obtido da abundante e variada caça e pesca. Entretanto, pelos mesmos motivos, nenhum artefato de osso foi até hoje encontrado nesses sítios. O material mais comum, devido à resistência de sua matéria-prima são os utensílios elaborados em pedra.

Sabemos hoje que o planalto sul-brasileiro foi formado por sucessivos derrames de lavas que, por efusão, subiram através de fendas na crosta terrestre e se derramaram sobre os sedimentos arenosos que formaram, no passado remoto, um gigantesco deserto em nossa região. As rochas resultantes desse fenômeno geológico se distribuem em uma estratigrafia bem conhecida atualmente. De maneira simplificada, podemos reconhecer, da camada inferior para a superior: o arenito comum, o arenito metamórfico e o basalto. O arenito comum formou-se a partir das areias de antigos desertos. A segunda camada é conseqüência das transformações por que passaram os sedimentos arenosos submetidos às altas temperaturas das lavas incandescentes, o que originou um tipo de arenito metamorfizado duro e de granulação muito fina. Os basaltos e diabásios recobrem a base arenítica em camadas de vários metros de espessura, formadas por sucessivos derrames de lavas. Provenientes da própria lava solidificada, após terem baixado as altas temperaturas, são rochas igualmente duras, de granulação fina, que lascadas oportunizam instrumentos muito úteis pelos seus gumes resistentes. Em meio a essa mesma camada, existem calcedônias e geodos de ágata e quartzo. É, portanto, fácil de se compreender que esses grupos de caçadores-coletores tenham feito seus instrumentos de pedra lascada predominantemente de basalto e diabásio nas áreas mais altas do planalto, e acrescentado a estes os implementos de arenito metamórfico nas zonas mais baixas das encostas e do interior dos vales. A calcedônia e o quartzo, que dão origem a gumes cortantes como vidro, são muito raros, mas não estão ausentes.

Estes artífices da nossa pré-história utilizaram seixos de basalto como percutores, para lascar a pedra e fazer por percussão direta os seus instrumentos. Mesmo os retoques nos gumes, para torná-los mais afiados e mais eficientes, foram feitos através das técnicas de percussão. A maioria dos instrumentos parece ter sido feita para trabalhar a madeira, como as grandes plainas que são instrumentos líticos de forma plano-convexa, como os raspadores, mas de tamanho maior. Apresentam desgastes na base, o que indica a sua utilização para trabalhar a madeira. Uma variedade

muito grande de pesados talhadores foram encontrados. Alguns foram, por igual, lascados bifacialmente. Os seixos lascados de maneira a terem em uma de suas extremidades um gume afiado serviram desde a mais remota antigüidade do homem até recentemente como uma espécie de machado manual rudimentar. Foram destinados a cortar madeira ou ossos.

Na pré-história européia foram encontrados pequenos seixos lascados em apenas uma das faces, quando são denominados de talhadeiras unifaciais (*choppers*), ou em ambas as faces, quando são denominadas de talhadeiras bifaciais (*chopping tool*).

Nos sítios arqueológicos do planalto sul-brasileiro, os talhadores (denominação mais usual no Brasil), são rudimentares e de grande porte, mas muito eficientes. Foram no passado as formas pré-históricas de nossas atuais lâminas de machado. Entretanto, alguns deles apresentam na outra extremidade uma ponta, o que sugere uma dupla utilização para o mesmo artefato, e uma economia de meios. As lâminas de machados bifaciais são muito mais robustas e resistentes do que as que eram elaborados na pré-história européia. Isso dá aos machados bifaciais, locais, uma aparência algumas vezes mais rudimentar e quase sempre volumes e pesos maiores, em relação aos das demais culturas conhecidas nas planícies do litoral e do pampa. Podemos imaginar o seu uso para derrubar as árvores e o corte dos galhos, seja para a construção de abrigos, seja para a confecção de canoas. São também encontrados em grande quantidade os raspadores, os furadores, as lascas, as lâminas utilizadas como facas e como pontas, instrumentos com entalhes, etc. Picaretas primitivas manuais (picões) poderiam servir para a extração de raízes comestíveis ou para escavar a terra. Entretanto, os mais extraordinários produtos do artesanato desses grupos são os belíssimos bifaces curvos, ou bumerangóides. São provavelmente artefatos para uso ritual, pois quase não apresentam sinais de utilização. Seus gumes são finamente retocados e apresentam uma empunhadura bem trabalhada. A pureza de suas linhas cur-

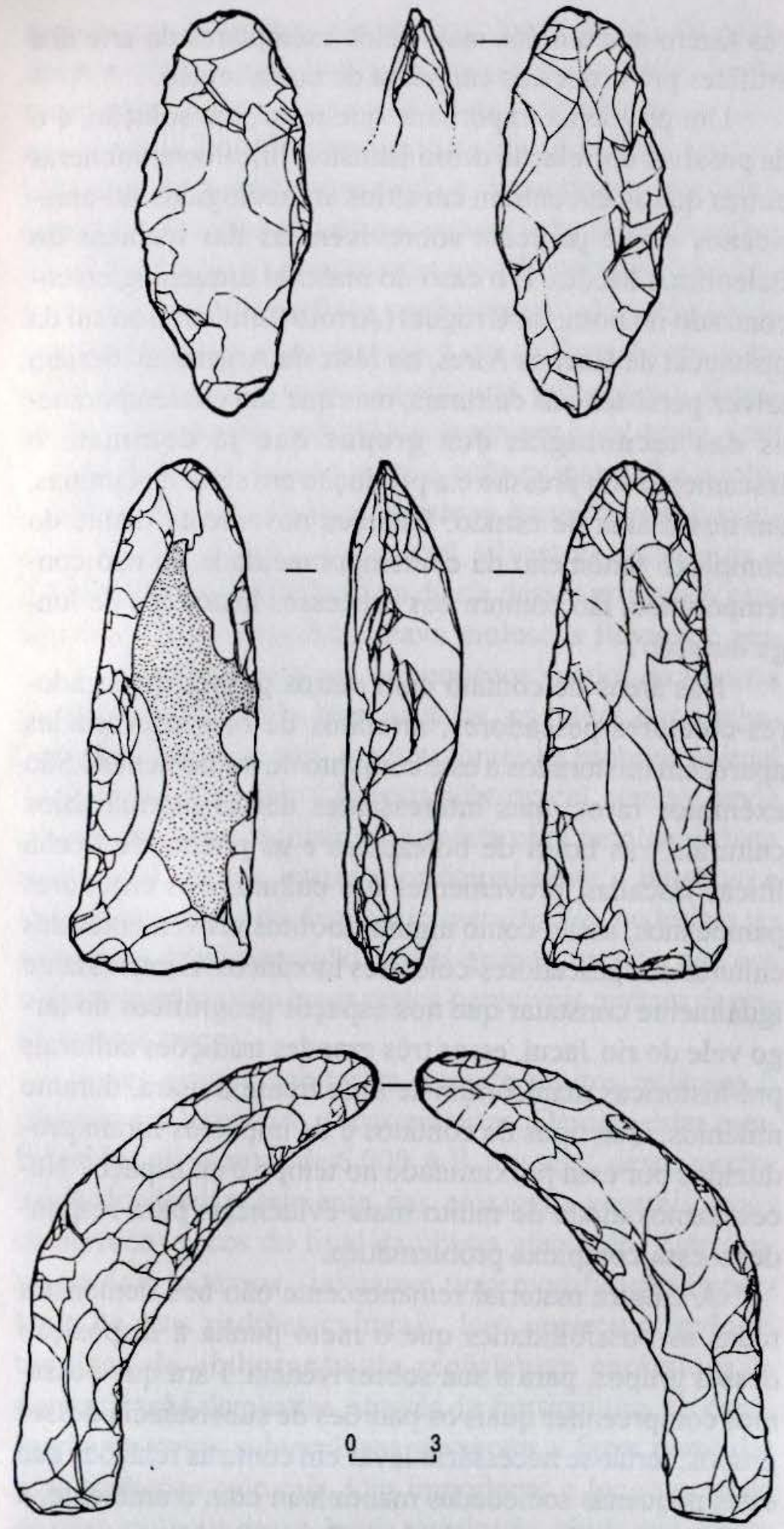


Fig.3 - Grupos de caçadores-coletores do Planalto Meridional (lâminas de machado, retos e bumerangóides).

vas fazem-nos um dos mais belos exemplares da arte dos artífices pré-históricos em pedra de nossa região.

Um problema importante que resta sem solução, é o da possível correlação dessa indústria lítica com inúmeras outras que se encontram em sítios arqueológicos sul-americanos e que parecem sobrevivências das técnicas do Paleolítico Médio. É o caso do material arqueológico encontrado no norte do Uruguai (Arroio Catalán) e ao sul da província de Buenos Aires, no leste da Argentina. Seriam talvez persistências culturais, mas que são contemporâneas das tecnologias dos grupos que já dominam o lascamento sob pressão e a produção em série de lâminas, em nossa área de estudo. Estamos novamente diante do complexo fenômeno da contemporaneidade do não contemporâneo, tão comum aos processos históricos de longa duração?

Nas áreas de contato com outros grupos de caçadores-coletores-pescadores, artefatos de origens variadas aparecem misturados a este conjunto de implementos. São exemplos raros, mas interessantes destes intercâmbios culturais, as bolas de boleadeira e as pontas de flecha líticas lascadas, provenientes das culturas dos caçadores pampeanos, assim como alguns zoólitos provenientes das culturas dos pescadores-coletores litorâneos. É interessante igualmente constatar que nos espaços geográficos do largo vale do rio Jacuí, essas três grandes tradições culturais pré-históricas mantiveram-se uma frente a outra, durante milênios. Que tipos de contatos e de impactos foram produzidos por essa proximidade no tempo e no espaço? Necessitamos ainda de muito mais evidências para responder a essa complexa problemática.

A cultura material remanescente não nos demonstra todas as possibilidades que o meio punha à disposição desses grupos, para a sua sobrevivência. Para que possamos compreender quais os padrões de subsistência desses grupos, torna-se necessário levar em conta as relações que estas pequenas sociedades mantinham com o ambiente, e a adaptação ótima possível. A floresta subtropical e os

ambientes ribeirinhos ofereciam a esses grupos de caçadores-coletores uma fauna abundante e uma flora exuberante, oportunizando uma alimentação sempre rica e variada em seus desdobramentos sazonais. A visão teórica de uma economia subdesenvolvida e com recursos limitados, hoje é substituída por outras constatações e interpretações. Em primeiro lugar, é necessário reconhecer que esses grupos possuíam um perfeito conhecimento do meio ambiente. Em seguida, sabemos que a sua exploração era sazonal e nos diversos nichos ecológicos disponíveis. Finalmente, a adaptação cultural tende sempre a ser ótima, com uma perfeita adequação entre a cultura material e a integração sociedade/natureza. Pássaros, mamíferos de pequeno e médio portes, raízes, mel silvestre, caramujos e pinhões faziam parte da dieta diária desses grupos. A proximidade dos rios oportunizava moluscos fluviais e peixes. Os porcos selvagens, os pequenos veados da floresta (as mazama), as capivaras, as antas, os ratões dos banhados e mesmo os jacarés, eram as fontes de proteína animal disponíveis. Em meio à floresta subtropical, sempre havia possibilidade de realizar uma coleta para ampliar a dieta tradicional. Frutos, raízes e principalmente o nutritivo e abundante pinhão da *Araucaria angustifolia*, poderiam ter sido parte da alimentação desses grupos, mesmo que nos sítios arqueológicos esses restos perecíveis tenham deixado poucos traços.

Esses grupos habitaram durante muitos milênios o planalto sul-brasileiro e suas encostas. Deviam estar estabelecidos ali já antes de 6.000 A.P., ou seja, desde a retomada do desenvolvimento das paisagens vegetais, após os períodos secos do final da última glaciação. Entretanto, há dois milênios, iniciaram uma modificação importante de seus padrões culturais. Isso ocorreu quando as técnicas de elaboração de recipientes cerâmicos, a domesticação de plantas, através da horticultura, e a construção de casas subterrâneas passaram a fazer parte das suas tradições culturais. Um importante e longo período de caça, coleta e pesca, havia terminado, ainda que alguns

deles tenham permanecido durante muito tempo ao abrigo das inovações em seus refúgios florestais. Não sabemos ainda se as inovações neolitizantes foram trazidas por grupos Jê que migraram para o sul pelas alturas do planalto sul-brasileiro, ou se o aporte de novas tecnologias foram sendo passados de grupo a grupo por processos de aculturação. O que parece indiscutível, é que se introduziram novos padrões culturais que dariam origem a outra importante etapa deste complexo processo histórico. Parece provável também que a invasão gradual da região platina pelos Guaranis tenha colaborado com esse processo de neolitização.

OS PESCADORES-COLETORES SAMBAQUIANOS DA PLANÍCIE LITORÂNEA

Quando nos deslocamos todos os verões para o litoral, em busca do sol e do mar, não nos damos conta de que somos representantes atuais de muitos outros grupos de homens que, no passado, ali se estabeleceram nos últimos seis ou sete mil anos. Durante milênios, grupos de pescadores e coletores marinhos viveram nesta estreita paisagem emoldurada por duas magníficas, mas quase intransponíveis, barreiras geográficas: o mar e a serra. A leste, situa-se o imenso horizonte das águas do oceano Atlântico. Esses grupos pré-históricos poderiam chegar no máximo até as ilhas próximas ao litoral, com canoas monóxilas, ou seja, feitas de um tronco de árvore. As encostas orientais do planalto sul-brasileiro se estendem paralelas ao oceano, erguendo-se abruptas e escarpadas, até altitudes de mil metros acima do nível do mar, com poucos lugares de trânsito para as terras do interior.

As paisagens da planície litorânea são muito diversificadas. As escarpas orientais do planalto meridional brasileiro avançam em direção ao oceano Atlântico de maneira irregular, e por isto a longa planície costeira ora é

mais larga, ora mais estreita. Muitas vezes as montanhas se encontram junto às praias, batidas pelas ondas, ou em pleno oceano, emergindo como ilhas. No passado, ocorreram avanços do mar, as transgressões marinhas, nas quais os níveis marinhos subiram até cinco metros acima do atual. Montanhas como as da praia de Torres estiveram então isoladas em pleno oceano, como um paleoarquipélago. Nessa época, o mar batia contra as encostas do planalto meridional, onde hoje temos a margem ocidental da lagoa de Itapeva e das demais lagoas do litoral. Os relictos deste litoral antigo podem ser observados ainda hoje quando examinamos essas encostas, as margens das lagoas e as falésias de basalto sobressaindo das areias da praia de Torres. Podemos constatar que formavam um litoral marinho semelhante ao que hoje encontramos em Santa Catarina em direção ao norte.

Atualmente, do litoral do Rio de Janeiro até o de Torres, são muito comuns as pequenas praias delimitadas por montanhas. Através delas pequenos cursos de água correm para o mar, algumas vezes em meandros sinuosos. Algumas são de mar aberto, outras protegidas entre as ilhas e o continente. Esse parece ter sido um dos ambientes preferidos pelos grupos de pescadores-coletores pré-históricos. Em outros lugares, o recuo holocênico marinho, as regressões, formou extensas e estreitas faixas de areia, que isolaram lagoas e lagunas, cujas águas aos poucos perderam a salinidade. Em outras áreas mais baixas e sob a influência das marés, formaram-se manguezais, com uma vegetação bem típica, de pouca altura e de raízes aéreas. Muitos dos sítios arqueológicos desta época, encontrados no litoral sul-brasileiro, estão ao lado dos mangues. Junto às margens das lagoas e dos pequenos rios, em torno dos manguezais e subindo pelas encostas do planalto sul-brasileiro, uma exuberante floresta tropical atlântica encontrou possibilidades de se desenvolver, rica em caça e possibilidades de coleta. Mais para o sul, quando as montanhas se afastam do oceano, desaparecem os manguezais e as pequenas praias bordejadas por rochedos. As áreas aber-

tas de campo aparecem, ligando-se com as imensas pradarias dos pampas. Neste momento, passam a predominar as imensas praias de mar aberto, cobertas por dunas móveis de areia, principalmente ao sul de Torres. A mudança de paisagem é muito grande, e os sítios arqueológicos dos pescadores-coletores desaparecem pouco a pouco, assim como os elementos materiais da sua cultura.

Nesse ambiente extremanente favorável à vida, os grupos pré-históricos que ali se estabeleceram tiveram amplas possibilidades de pescar, coletar e também caçar. A pesca pode ser desenvolvida tanto no mar como nas lagoas, lagunas e vales dos rios. Pescavam corvinas, cações, miraguaias, tainhas, camarões, etc. A coleta de moluscos se fez nos mangues, nas praias e junto aos rochedos batidos pelas vagas do mar. Ali encontravam as ostras, os mexilhões e os mariscos. E no mosaico de florestas e campos, junto às montanhas ou nas margens desta complexa hidrografia composta por rios, lagoas, lagunas e praias, a caça poderia oportunizar uma variada diversidade alimentar. Nesses ambientes sempre se poderia encontrar antas, capivaras, ratões-do-banhado, etc. Nas praias poder-se-iam caçar lobos-marinhos, pingüins e, com alguma sorte, encontrar, de quando em vez, uma baleia prisioneira nos bancos de areia. Em toda essa longa planície costeira, poder-se-iam caçar ainda dezenas de tipos diferentes de aves. As evidências arqueológicas dos sítios próximo aos litorais marinhos indicam a exploração diversificada dos variados nichos ecológicos existentes. Mas, por outro lado, sugerem a predominância das atividades relacionadas principalmente à pesca e à coleta marinha. Essas atividades de pesca, coleta e caça, ocorrem também em relação aos ambientes lacustre, paludial e terrestre.

Há seis mil anos, quando se instalaram as condições quentes e úmidas do período "ótimo climático", entre 6.000 e 4.000A.P., grupos de pescadores e coletores marinhos iniciaram uma lenta mas constante ocupação da planície litorânea. Vindos provavelmente dos litorais de São Paulo e Paraná, onde existem datações de radiocarbono mais

antigas, pouco a pouco eles chegaram às praias de Santa Catarina e do litoral norte do Rio Grande do Sul. Por volta desse período, a transgressão marinha inundava as planícies costeiras do Brasil meridional e as terras baixas do litoral atlântico do Uruguai.

Os grupos que se estabeleceram no litoral norte do Rio Grande do Sul e no litoral de Santa Catarina, puderam pescar e coletar moluscos em um ambiente muito favorável. As condições tropicais favoreciam a proliferação da fauna lacustre e marinha. Mas a regressão marinha recuou os níveis marinhos para onde hoje se encontram. Imensas porções de água salgada ficaram isoladas do mar por cordões litorâneos arenosos, dando origem às lagoas e lagunas da planície costeira. Os locais de habitação destes grupos pré-históricos logo deram origem a verdadeiras colinas de restos alimentares, com milhões de ossos de peixes e carapaças de moluscos. Esses sítios arqueológicos foram sempre denominados de sambaquis, e alguns deles chegaram a se transformar em pequenas colinas de 50m de altura . Os conjuntos de remanescentes da cultura material neles encontrados, foram algumas vezes denominados de "cultura sambaquiana", um termo cômodo mas pouco preciso. Os pescadores-coletores sambaquianos permaneceram nesse ambiente propício até que novos imigrantes mais recentes, os Guaranis, iniciaram a ocupação do litoral, após 2.000 A.P. Seu conteúdo cultural é muito diverso. A cultura material desses grupos de pescadores-coletores costeiros, e em especial a sua arte escultórica, não se limitou apenas aos territórios que ocupavam nas praias e mangues banhados pelas águas do oceano Atlântico. Exemplares de suas manifestações culturais passaram pelos caminhos naturais para o interior como, por exemplo, pelos campos que se abrem em direção ao pampa uruguaio ou pelas margens ao longo do vale do rio Jacuí.

Sabemos muito pouco sobre o aspecto físico destes habitantes dos sambaquis. Estudos dos esqueletos encontrados nos enterramentos nos sugerem uma população vi-

gorosa, com boa estrutura óssea. Entretanto, a dieta de moluscos provocava-lhe muitas vezes desgastes intensos nos seus dentes, devido aos grãos de areia armazenados dentro dos moluscos. Conhecemos alguns enterramentos, sempre dentro dos sambaquis, associados a objetos e utensílios, cobertos com hematita vermelha em pó. Mas não temos maiores informações sobre os mitos e rituais associados às formas de sepultamento. Sabemos, entretanto, que é uma prática surgida há muitos milênios, pois são encontrados já nos níveis inferiores, portanto mais antigos, dos sítios arqueológicos.

Habitavam esses pescadores-coletores sobre os sambaquis que iam lentamente construindo com os acúmulos de conchas e ossos de peixes. Sabemos pouco, entretanto, sobre os seus padrões de habitação e as formas de seus abrigos. Inúmeros vestígios de estacas ficaram evidenciados nos sítios arqueológicos, mas sobrepostos de tal maneira, que se torna difícil reconstituir as formas das cabanas. Muitas dessas evidências de estacas estão nitidamente relacionadas com as fogueiras, e não com as moradias.

A cultura material, encontrada nos locais de habitação desses grupos de pescadores-coletores sambaquianos, demonstra uma grande capacidade artesanal e o perfeito domínio de técnicas, principalmente o polimento da pedra e do osso. Entretanto, encontram-se igualmente artefatos com evidências das técnicas de desbaste e lascamento. Blocos de pedras, algumas vezes à beira-mar, apresentam sulcos alongados polidos, que evidenciam o seu uso como polidores de implementos. As rochas utilizadas como percutores ou como núcleos, são seixos rolados que foram trazidos dos vales dos rios que descem as encostas do planalto. Isso nos demonstra que estes grupos circulavam pela planície costeira em todas as direções, explorando ao máximo seus diversos ambientes e fontes de matéria-prima. Dessas rochas que existem em abundância, desde as encostas da Serra Geral até as falésias do litoral, esses artífices pré-históricos sambaquianos elaboraram mais de

quarenta tipos diferentes de utensílios e objetos de adorno. Dentre eles, pode-se destacar, como sendo de uso cotidiano, as lascas comuns e as lâminas usadas como facas, os furadores para fazer furos circulares, as talhadeiras para cortar a madeira ou o osso, os raspadores para limpar as peles dos animais, os instrumentos com entalhes para alisar as hastes de flecha e lanças, etc. Muitos instrumentos foram confeccionados para serem utilizados em mais de uma função ao mesmo tempo. Um exemplo disso são os utensílios com um gume que os caracteriza como raspadores, em uma das extremidades, e que apresenta, na outra, uma ponta. Outros foram reutilizados, posteriormente, para uma função diferente. Um núcleo podia ser, por exemplo, reutilizado como uma plaina. Inúmeras pedras achatadas foram utilizadas como bigornas, com uma base plana para as atividades de lascamento. Outras pedras de granulação grossa, quase sempre arenitos, apresentam muitos desgastes. São sulcos nas formas de V ou de U, indicando o seu uso para afiar ou polir instrumentos de osso ou madeira. Artefatos semelhantes aos buris europeus tiveram a mesma finalidade: extrair, das fontes de matérias-primas ósseas, lâminas que serão mais tarde transformadas em anzóis, agulhas ou pontas de flecha. Alguns objetos polidos são de uso hipotético. Uns têm a forma de bastonetes, foram elaborados em pedra e parecem ter servido como pequenas mãos de pilão para esmagar corantes, por exemplo. Outros são espátulas largas feitas de ossos planos de baleias e que podem ter sido úteis para retirar peles de animais tais como as dos lobos-marinhos.

As atividades de pesca ficam evidenciadas quando constatamos a existência de muitos pesos de linha, usados com os anzóis, além dos grandes pesos de redes, utilizados como poitas até pouco tempo ainda pelos pescadores. As redes necessitam de bóias na parte superior e pesos na parte inferior, para que permaneçam na vertical, dentro da água, obtendo um maior rendimento na pesca. Para que estes pescadores do passado pudessem obter este efeito, os porongos poderiam ter sido utilizados como bóias e os

pesos de redes como lastro. No caso da pesca com linhas de pescar, os pequenos pesos de pedra encontrados e utilizados junto com os anzóis, seriam suficientes para dar lastro e facilitariam a captura de peixes nas águas mais profundas. Os pesos de redes e os de linhas de pescar possuem sulcos desbastados ou polidos, para a amarração. São encontrados muitos anzóis polidos em osso. Muitos destes anzóis de osso polido eram compostos por duas pequenas peças amarradas firmemente uma na outra. Agulhas elaboradas com pequenas plaquetas de ossos e bem polidas, são encontradas regularmente. Não são encontradas as pontas de flechas líticas lascadas, mas, sim, inúmeras pontas planas de ossos polidos, cujas formas sugerem a sua utilização na caça. Muitos artefatos foram feitos em conchas grossas de moluscos: raspadores, pontas e facas. Uma série de objetos muito bem polidos parecem ter sido utilizados como adornos: uns são pontas planoconvexas, outros são belíssimos objetos bicônicos, fusiformes, com sulcos polidos próximos às pontas.

Inúmeras fogueiras nos atestam as atividades cotidianas de cocção dos alimentos. Próximo a elas são encontradas dezenas de termóforas utilizadas para esse fim. Essas pedras, como sabemos, eram aquecidas intensamente nas fogueiras e, após, colocadas nos recipientes para esquentar a água e cozinhar os alimentos. Este talvez fosse o método utilizado para fazer com que os moluscos abrissem suas carapaças. Provavelmente os recipientes eram de couro, pois a cerâmica ainda era desconhecida.

Um dos elementos que mais nos despertam a atenção são pequenas esculturas polidas, verdadeiras obras-primas da arte pré-histórica. Foram realizadas em rochas difíceis de serem trabalhadas, tais como o diabásio e o basalto, e mais raramente em ossos de baleias. Na sua maior parte são representações de animais, e por isto foram chamadas de "zoólitos". No Uruguai foi encontrado um "antropólito", ou seja, uma escultura em forma humana e que parece ser associada a essa mesma cultura, apesar do inusitado do tema. Algumas esculturas foram realizadas sobre plaquetas

de pedra e possuem formas achatadas. São platiformes, como um peixe, por exemplo. Outras foram confeccionadas sobre blocos de pedra arredondados. Aves e mamíferos têm, por exemplo, essa aparência paquiforme. Quase sempre o realismo dessas figuras é muito grande, e podemos reconhecer o animal representado. Entretanto, algumas vezes, o índice de abstração é muito grande e as formas animais são apenas sugeridas. Acredita-se, na época atual, que são representações simbólicas, e não tentativas de representações realistas. Seriam os zoólitos possivelmente objetos relacionados com cerimônias míticas, por não apresentarem nenhuma evidência de utilização? Algumas esculturas foram encontradas em enterramentos, podendo estar relacionadas com mitos da morte e do renascimento. Outras poderiam estar relacionadas com mitos da fertilidade, por suas formas faliformes. Conhecemos uma escultura que parece representar aves copulando. As mais conhecidas esculturas representam animais marinhos, tais como arraias, cetáceos, baleias e raros peixes. Representações de aves sugerem pombas e corujas. Existem ainda raros exemplares que sugerem animais terrestres, como o tatu. E por fim, deve ser citada essa singular e única escultura em forma humana, encontrada muito longe dos sambaquis, em plena paisagem uruguaia. Algumas delas possuem depressões ou cavidades ventrais ou laterais polidas, cuja finalidade nos é desconhecida. Possivelmente, devido aos seus aspectos estéticos, muitas dessas esculturas foram levadas para bem longe dos sítios arqueológicos onde habitaram os artífices que as produziram e onde se encontram os restos materiais dessa cultura dos sambaquis. Assim, foram encontradas esculturas ao longo da Depressão Central do Rio Grande do Sul (vale do rio Jacuí) e nas planícies do pampa uruguaio. Elas estão sempre nas zonas de contato com as áreas habitadas por caçadores-coletores da floresta subtropical com araucárias ou com os caçadores-coletores dos pampas do sul.

Na área onde se encontram os sambaquis, tanto no

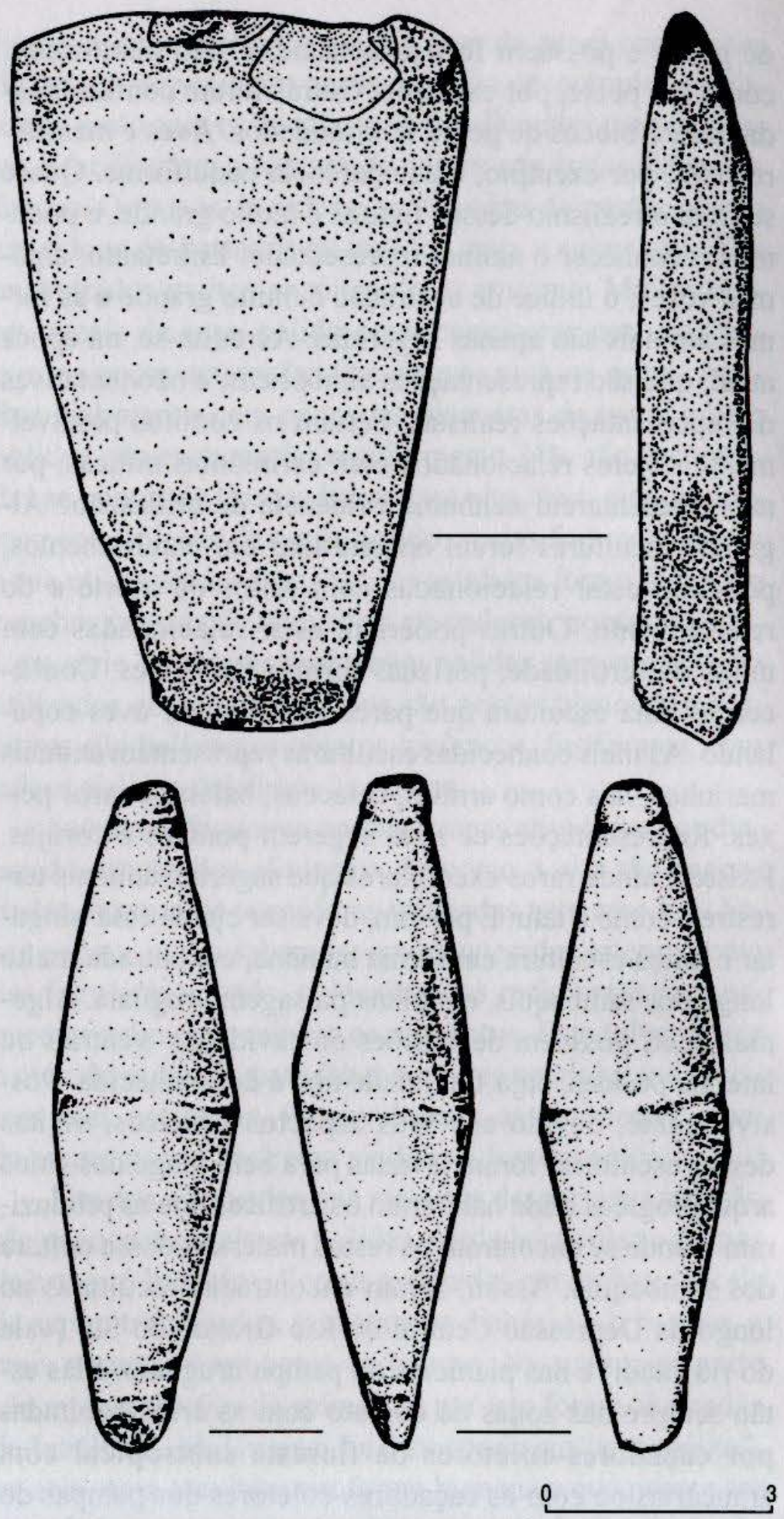
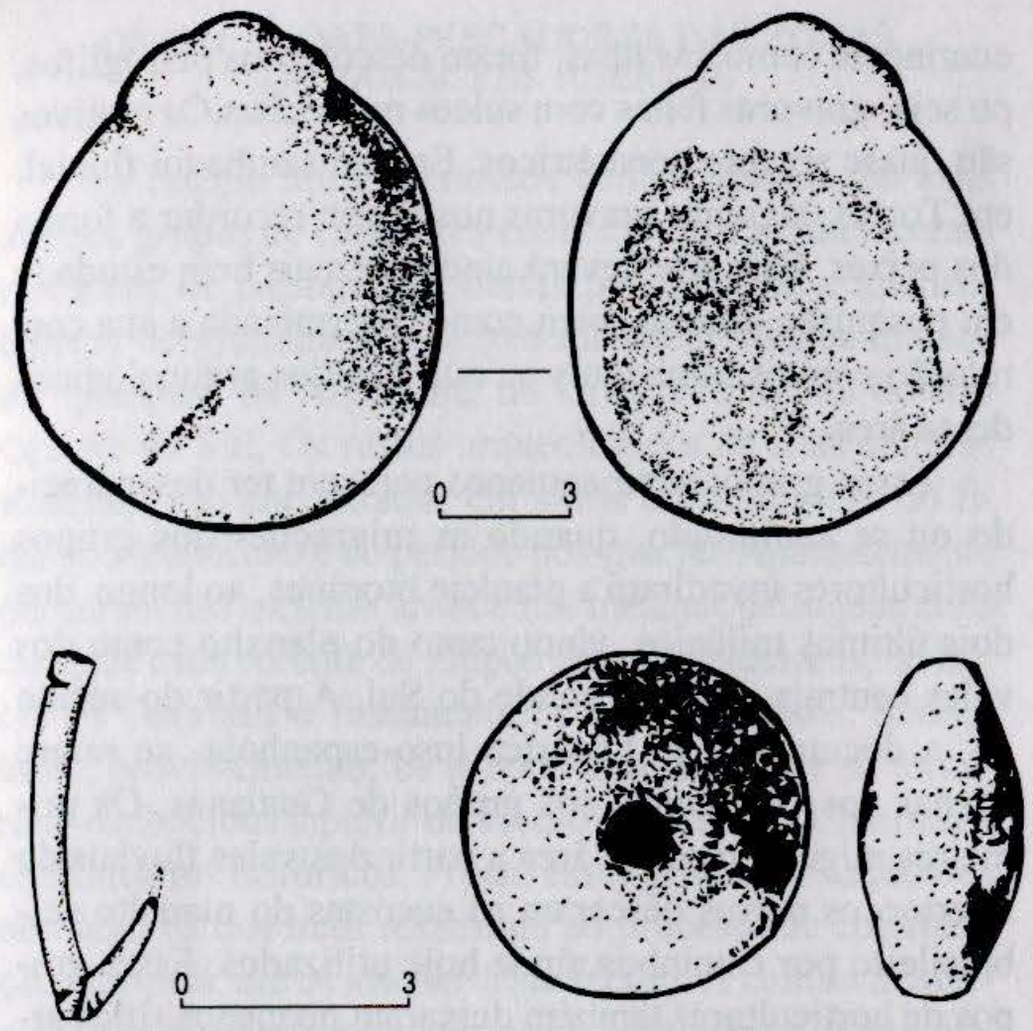
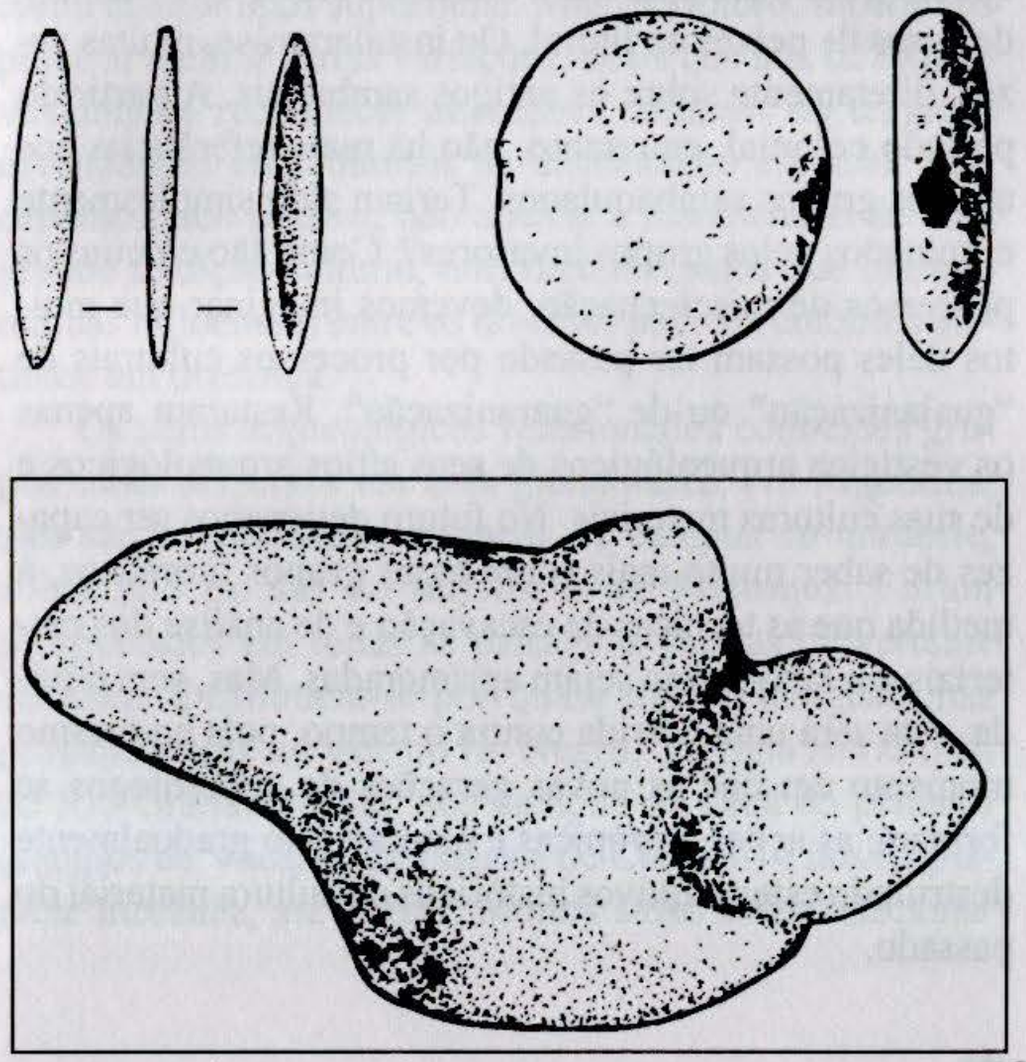


Fig.4 - Grupos sambaquianos de pescadores-coletores litorâneos (artefatos polidos: lâminas de machado, zoólitos, ornamentos; artefatos em osso: anzóis, simples e composto; peso de linha de pesca).





G1

continente como nas ilhas, foram descobertos petróglifos, ou seja, gravuras feitas com sulcos nas rochas.Os motivos são quase sempre geométricos. Em um sambaqui fluvial, em Torres, algumas gravuras nos fazem recordar a forma dos peixes. Esta arte deverá ainda ser mais bem estudada em pesquisas futuras, bem como determinada a sua correlação com os sambaquis ou outros sítios arqueológicos dessa área.

Esses grupos sambaquianos parecem ter desaparecido ou se aculturado, quando as migrações dos grupos horticultores invadiram a planície litorânea, ao longo dos dois últimos milênios, vindo tanto do planalto como dos vales centrais do Rio Grande do Sul. A partir do século 16, a documentação histórica luso-espanhola se refere apenas aos Guaranis e aos grupos de Guaianás. Os primeiros migraram para a área a partir dos vales fluviais do interior, os outros desceram as encostas do planalto sul-brasileiro por caminhos ainda hoje utilizados. Esses grupos de horticultores também deixaram pequenos sítios arqueológicos onde aparecem limitados restos de conchas e de ossos de peixes no litoral. Ou instalaram-se, muitas vezes, diretamente sobre os antigos sambaquis. A partir do período colonial, entretanto, não há mais referências aos antigos grupos sambaquianos. Teriam sido simplesmente eliminados pelos grupos invasores? Como são comuns os processos de miscigenação, devemos imaginar que muitos deles possam ter passado por processos culturais de "guaianização" ou de "guaranização". Restaram apenas os vestígios arqueológicos de seus sítios arqueológicos e de suas culturas materiais. No futuro deveremos ser capazes de saber muito mais sobre esses grupos litorâneos, à medida que as técnicas de escavação e de análise dos materiais em laboratório sejam aprimoradas. Mas, sem dúvida, esta será uma corrida contra o tempo, pois no mesmo momento em que as novas gerações de arqueólogos se formam, as ações antrópicas e naturais vão gradualmente destruindo estes arquivos históricos da cultura material do passado.

OS CAÇADORES-PESCADORES DAS ZONAS DE PAISAGENS ABERTAS

No estágio atual de nossos conhecimentos, os mais antigos grupos de caçadores conhecidos se estabeleceram nas áreas de paisagens cobertas por arbustos e imensos tapetes de gramíneas, que genericamente denominamos de "pampas" na Argentina, no Uruguai e no sul do Rio Grande do Sul. Os restos arqueológicos de suas culturas materiais são encontrados em sítios arqueológicos do final do Pleistoceno e do período pós-glacial. Aparentemente perduram nas mesmas áreas e nas mesmas paisagens até a chegada mais recente de grupos de conquistadores, no início os Guaranis e finalmente os luso-espanhóis. Seriam estes, provavelmente, os grupos indígenas que se tornaram conhecidos a partir do século 16 como os Charruas e os Minuanos históricos. Foram esses grupos de caçadores nômades os que mais resistiram ao processo de colonização européia, até os inícios deste século. A cultura material desses grupos parece ser muito homogênea, numa primeira análise mais superficial. Mas, no futuro, saberemos precisar melhor certas variações locais que nos farão provavelmente reconhecer alterações culturais no tempo e diversidades etnoculturais na distribuição espacial. Percebemos, aos poucos, não apenas a manutenção de uma grande tradição cultural, mas reconhecemos que existem mútuas influências entre os diversos padrões culturais distintos em presença.

Os sítios arqueológicos relacionados com esses grupos estão dispersos em uma grande área. Na Argentina, eles são encontrados nas zonas de campos do nordeste, sobretudo no sul do território de Misiones. Foram prospectados em todas as paisagens abertas da vertente atlântica. Distribuem-se por quase todo o Uruguai, mas principalmente no vale do rio Negro, na zona meridional do Rio Grande do Sul, nos campos de cima do planalto (campos de Vacaria, de Lages e de Curitiba) e nos da planície litorânea, até Torres. Muitos sítios estão relaciona-

dos com as zonas alagadiças das cabeceiras do rio Negro,e do sudoeste e sul do Rio Grande do Sul. Nas proximidades da região lagunar da planície litorânea, no nordeste do Uruguai e sul do Rio Grande do Sul, muitos sítios arqueológicos se encontram no topo aplainado de colinas e nos denominados "cerritos". Estes últimos são pequenas elevações artificiais, sobre e em torno das quais esses grupos se estabeleceram. Tanto nas zonas alagadiças como nas lagunares, os padrões alimentares, deduzidos dos restos de alimentação encontrados no sítios arqueológicos, indicam-nos locais de ocupação sazonal para a pesca. Em toda a encosta sul do planalto, e em especial nos vales dos rios que deságuam na margem esquerda do rio Jacuí, existem sítios arqueológicos em abrigos e cavernas. Mesmo que eles se encontrem na fímbria ou um pouco para o interior da floresta subtropical, nunca estão afastados das zonas de campos. Não podemos também ignorar que os limites das florestas avançaram e recuaram em função das alterações climáticas e das transformações das paleopaisagens. Restritas em períodos secos e frios, as áreas florestais tenderam a se expandir durante os episódios climáticos quentes e úmidos, quando então as florestas recolonizaram os terrenos favoráveis. Por isso, quando estudamos o passado, devemos tentar reconstituir as paisagens da época, pois sabemos que importantes alterações ocorreram em relação à situação ambiental de nossos dias.

Esses caçadores-pescadores encontraram faunas variadas e abundantes, nas áreas de campos próximos ao mar, ao lado das lagoas, tais como as de Itapeva e Mirim, junto à laguna dos Patos, nos campos do interior e nas zonas alagadiças. Nos sítios pesquisados, os restos de alimentação indicam uma dieta variada composta de: ratões-do-banhado, capivaras, veados campeiros, tatus, emas, peixes (bagres, corvinas, miraguaias, traíras, etc), pássaros, moluscos, quelônios (como as tartarugas), coquinhos, etc. Nas áreas próximas às encostas do planalto, principalmente nos abrigos, os restos de alimentação encontrados apresentam uma variação ainda maior: porcos do mato, veados, tatus, antas, capivaras, macacos, felinos (como a onça), peixes, aves, quelônios, moluscos, cascas de ovos de emas, coquinhos, cascas de pinhões, dentre outros. A partir desses vestígios arqueológicos nos é possível compreender o modo de vida desses grupos. Preferencialmente caçadores e pescadores nômades dos campos e de áreas alagadiças, esses grupos pampeanos nunca deixaram de fazer a coleta de moluscos marinhos ou de vegetais (frutos e raízes), sempre que isso foi possível.

Os artífices pré-históricos desses grupos utilizaram em larga escala as técnicas de lascamento por percussão, com os percutores de seixos, e as de retoques por pressão, com retocadores de pontas de chifres de veado. Percebe-se isto, principalmente na elaboração cuidadosa de magníficas pontas de flechas líticas, com suas aletas bem delineadas e seus gumes serrilhados cortantes. As bolas de boleadeiras, que produziam nos permitem observar que não ignoravam as técnicas de polimento para o tratamento das superfícies, e as de desbaste para a confecção de sulcos destinados à prensão. Em todos os sítios próximos à encosta do planalto sul-brasileiro, a matéria-prima preferida para a elaboração de seus instrumentos e armas foi o arenito metamorfizado, a calcedônia, e em menor quantidade o basalto. Enquanto que o basalto foi o preferido para a elaboração das bolas de boleadeiras, as demais matérias-primas foram utilizadas sobretudo para o lascamento de lâminas cortantes, como as facas ou as pontas de flechas líticas.

Os instrumentos mais característicos elaborados em pedra são as pontas de projéteis pequenas, lanceoladas ou com pedúnculos e aletas, utilizadas como pontas de flechas; as grandes pontas de projétil lanceoladas, provavelmente utilizadas como pontas de lanças; pequenos raspadores planoconvexos; lâminas bifaciais e facas; pequenas lâminas de machado bifacialmente lascados; furadores e dois tipos de bolas de boleadeiras. As mais comuns eram esféricas, provavelmente utilizadas para a caça. As "mamilares", também chamadas de "rompe-ca-

beças", eram dotadas de pontas arredondadas, e possivelmente utilizadas como arma de guerra. Essas bolas de boleadeiras são geralmente reconhecidas pelo entalhe desbastado ou polido que serve para fixar a tira de couro que as amarra. O gaúcho até recentemente as utilizava em nossos campos, para derrubar o gado, quase da mesma maneira. Encontram-se igualmente pedras com depressões semi-esféricas polidas e picotadas, denominadas de "quebra-coquinhos", cujo uso desconhecemos. Algumas delas possuem a depressão com evidências de golpes, o que nos sugere o uso como bigorna. A inexistência de referências etnográficas dificulta a explicação. Seriam base para sustentar a haste de madeira rotativa para a fiação, bigorna para lascamento, ou quebrar coquinhos? As bigornas e percutores encontrados serviam para a elaboração tecnotipológica dos implementos, como em todos os demais grupos pré-históricos conhecidos. Inúmeros são os fragmentos de hematita, utilizados como corantes. O uso do osso como matéria-prima foi também bastante comum, com ele eram elaborados os anzóis, as agulhas, alguns furadores, pontas simples que podem ter sido pontas de flechas, e pontas duplas que provavelmente foram uma espécie de anzol, inserido no pequeno peixe que serve de isca. Os chifres de veados, pela incrível resistência de suas pontas, foram usados como auxiliares na atividade artesanal para retocar por pressão os cortes das lâminas. Assim se preparavam gumes serrilhados muito cortantes. Muitos dentes de animais (macacos, canídeos, etc.) foram encontrados com perfurações para serem utilizados como contas para colares. Alguns discos de conchas tiveram a mesma função. É possível perceber a variação, ao longo do tempo, de alguns instrumentos elaborados por esses artífices, como é o caso das pontas de flecha líticas. Futuramente, poderemos compreender melhor não apenas o que permaneceu tradicional nas técnicas e nos tipos de instrumentos, mas as modificações culturais por que passaram esses grupos de caçadores. Muitos objetos elaborados por esses artífices pré-históricos são encontrados ainda mais longe, em sítios do pampa argentino e da Patagônia. Esse é o caso das boleadeiras e das pontas de flechas líticas. As relações entre os grupos patagônicos e os pampeanos parece evidente, porém ainda não foi bem estudada.

A arte pré-histórica desenvolvida por esses grupos pampeanos e patagônicos é uma das mais belas e extraordinárias, dentre as já conhecidas em nossa pré-história. Nos sambaquis litorâneos, como vimos anteriormente, a escultura em pedra polida teve um grande desenvolvimento. Entretanto, é na gravura que os grupos pampeanos irão evidenciar a sua capacidade artística. Os suportes sobre os quais esses artistas pré-históricos gravaram suas obras-primas foram variados. No planalto sul-brasileiro utilizavam as paredes de abrigos e cavernas da encosta, e ainda os blocos de pedras isolados. Encontram-se também gravuras em blocos soltos, localizados desde a Patagônia argentina, datadas de 10.000 A.P., até as proximidades de Torres. Outro tipo, são os pequenos seixos achatados, denominados de "pedras gravadas", pelos signos ou petróglifos, esculpidos quase sempre em ambas as faces. Foram achadas principalmente na região de Salto Grande, na parte baixa do vale do rio Uruguai.

Muitas das manifestações de arte pré-histórica encontradas nos sítios europeus são signos gravados em paredes de abrigos ou cavernas e por isso denominada de arte parietal, ou em seixos achatados portáteis, e chamados de arte móvel. Essas gravuras são feitas com um instrumento lítico pontiagudo com o qual se abrem sulcos no suporte. Os petróglifos da região platina podem ser realistas quando representam, por exemplo, uma pegada de felídeo, de jaguar ou onça. Podem ser também peixes estilizados, como os observados em Torres. Mas, de uma maneira geral, são uma série de sulcos paralelos ou convergentes, que designaríamos como signos abstratos geométricos.

O que é mais admirável nas esculturas de zoólitos sambaquianos são as suas características de extraordinário realismo e a perfeita técnica de polimento. Entretanto,

as manifestações artísticas gravadas que encontramos relacionadas corn os grupos pampeanos são, com raras exceções, signos abstratos geométricos. Como muitas vezes tratam-se de signos que poderiam sugerir pegadas de animais, este estilo foi inicialmente denominado de "estilo de pisadas". O exemplo disso são as denominadas "pegadas de felinos", e as "pegadas de aves", essas com três sulcos convergentes para um único ponto (ou tridígito), ou triângulos cortados por uma linha do vértice à base. Esses signos foram descritos como representações esquematizadas do triângulo pubiano feminino, ou "vulvas". Essas raras representações poderiam ser caracterizadas como sendo biomorfas esquematizadas. A maioria das representações, entretanto, só pode ser descrita como sendo signos abstratos geométricos, que podem surgir de maneira simples ou combinados. Os sulcos gravados se apresentam em forma de grade, de "escada", "espinha de peixe", círculos com perfurações centrais, letra "U" invertida, letras "V" e "X", linhas paralelas, losangos, círculo com uma série de raios, etc. Alguns signos são abstrações puntiformes, pois se apresentam como uma série de pontos em linhas retas, em curvas ou combinados. Encontram-se sulcos em forma de "V" ou de "U", de 1,5cm de largura e 0,5cm de profundidade, em média. Algumas vezes ainda foi possível encontrar pigmentos de cores preto, verde, branco e marrom (vermelho escuro?) e roxo, no interior dos sulcos. As pedras gravadas também apresentam signos abstratos geométricos. As datações encontradas em alguns sítios arqueológicos, onde essas manifestações artísticas podem ainda hoje ser observadas, indicam datas entre aproximadamente 5.700 e 700A.P. Isso evidencia a sua correlação com os grupos de caçadores-pescadores das paisagens abertas não apenas quanto à sua dispersão espacial, mas também quanto ao tempo em que viveram nessa região.

Um fenômeno cultural interessante, que ainda se encontra em estudos, é o da construção dos aterros artificiais, denominados de "cerritos" nessa área. Muitos deles

são encontrados em áreas alagadiças, mas aparecem, igual, em número significativo em zonas mais altas e secas. Um sítio sobre uma elevação em zona baixa e alagadiça, poderia ser uma solução para possíveis enchentes. Porém, existem os aterros artificiais que se encontram nos topos dos terraços e nas colinas. Sugerem um esforço grupal muito grande para se obter esse enorme deslocamento de terra, com outras finalidades, talvez mais culturais. Parecem indicar outros objetivos e valores culturais mais complexos. Os enterramentos encontrados e os poucos objetos associados, pareciam indicar uma ocupação rarefeita dos sítios arqueológicos, por caçadores-pescadores e coletores, já desde o início das pesquisas arqueológicas. Atualmente estas informações são acrescidas de outras, retiradas da documentação histórica da época e da ampliação das pesquisas. Parecem, em primeiro lugar, sugerir que os "cerritos" foram utilizados para enterramentos cerimoniais. Por outro lado, se as sondagens dos cerritos indicaram uma ocupação esporádica, as pesquisas realizadas à sua volta parecem evidenciar uma ocupação mais intensa do que se imaginava a princípio. Teriam sido formados por pequenos grupos, com suas diversas áreas de ocupação, em torno desse foco central que é o "cerrito". Para levantar esta hipótese foram levados em conta os diversos agrupamentos de artefatos e os elementos das culturas materiais que se tem encontrado nas suas proximidades.

As deduções obtidas a partir dos restos de alimentação encontrados e do conjunto das informações já conhecidas anteriormente, parecem sugerir sítios sazonais para a caça, a pesca e a coleta. Nos sítios foram encontrados restos da coleta de moluscos e de pesca, espécies ali existentes nos meses quentes do ano. Bagres, miraguaias, tainhas, corvinas, siris e camarões, vindos do mar, penetram em enorme quantidade no sistema lacustre litorâneo, para desovarem, reproduzirem-se, alimentarem-se ou para crescerem. Aparentemente, a ocupação dos sítios conhecidos do nordeste do Uruguai, do sul e sudoeste do Rio Grande do Sul realizar-se-ia em especial na primavera e

no verão, sendo acampamentos estacionais de pesca, sobretudo. No inverno, esses grupos estariam no interior, mais nas proximidades do vale do rio Negro. Como sempre acontece no devir da pesquisa científica, as futuras investigações deverão esclarecer melhor outros aspectos da vida destes caçadores, tão envoltos nas sombras veladas de nosso ainda limitado conhecimento.

Os grupos nômades pampeanos resistiram bem às invasões dos Guaranis, a partir dos dois últimos milênios, porque, em grande parte esses horticultores, de origem amazônica, sempre procuraram, como paisagens específicas em suas migrações, as coberturas florestais e a proximidade de rios com várzeas inundáveis próprias para o plantio. Como essas paisagens são restritas, tanto no pampa uruguaio como na parte meridional do Rio Grande do Sul, os grupos invasores dos Guaranis tiveram mais sucesso nas migrações que desceram o vale do rio Uruguai até as cercanias de Montevidéu. Nas costas atlânticas, a rarefação dos bosques de mata subtropical em direção ao sul apenas permitiu o avanço muito limitado, e os Guaranis quase não ultrapassam o limite sul da lagoa Mirim, no nordeste do Uruguai. De qualquer maneira, tanto os caçadores-pescadores pampeanos como os horticultores aldeãos guaranis tiveram que coexistir nessa imensa área, nem sempre de maneira pacífica, pelo que conhecemos das duas etnias. Esses contatos representaram igualmente intercâmbios culturais. Alguns grupos de caçadores-coletores-pescadores terminarão por integrar o tembetá guarani ao seu equipamento. Os Guaranis irão também utilizar as bolas de boleadeiras pampeanas, principalmente a partir do momento em que as sociedades ibéricas aqui introduzirem o gado. Em pleno século 16, as frentes de colonização ibéricas invadem essas áreas abertas pampeanas, para explorar intensamente as "vacarias" de gado selvagem, e instalar as estâncias de gado domesticado. Nesse momento, os caçadores-pescadores que aqui haviam vivido por mais de dez mil anos, tiveram que tomar difíceis decisões para sobreviver. Logo, adotaram o cavalo trazido pelos

ibéricos e transformaram-se em velozes guerreiros-cavaleiros, portando suas longas e temidas lanças pelos pampas que conheciam tão bem. Alguns lutaram nas guerras dos brancos, sem receber nem dar quartel. Outros lutaram para manter a sua irredutível independência. Muitos viram decretadas as suas sentenças de morte, no campo de batalha ou na emboscada à traição. Entretanto, um número ainda dificíl de precisar, terminou transformando-se em peões das estâncias de gado que se implantavam. Descaracterizaram-se culturalmente e miscigenaram-se do ponto de vista étnico, mas terminaram por se inserir na sociedade colonial que emergia. Contribuiram, dessa maneira para a formação do gaúcho trazendo consigo as boleadeiras, o churrasco, a chinoca e o nomadismo típico desse tipo arredio.

AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS DO HOLOCENO MÉDIO

O PROCESSO DE NEOLITIZAÇÃO

Durante muito tempo acreditou-se que teria ocorrido uma "revolução neolítica" no Oriente Próximo, correspondente ao início da Idade da Pedra Polida, e tão importante para a história da humanidade como a Revolução Industrial o foi para o início da idade Contemporânea. Afirmou-se que em um período de tempo relativamente curto, por volta de 8.000A.P., as populações instaladas nas terras altas da Mesopotâmia teriam descoberto a domesticação das plantas e dos animais, a agricultura e o pastoreio, o polimento da pedra, a cerâmica, a vida sedentária em aldeias ou o nomadismo das hordas de pastores, os silos escavados no chão para a armazenagem de cereais, a tecelagem, a panificação, o tear, a pedra-mó, etc. Pensou-se mesmo que esta verdadeira revolução sociocultural, uma vez originada em um único centro, de maneira explosiva, teria se expandido, após, por todo o mundo.

Atualmente se conhece muito mais a respeito das imensas transformações que ocorreram no início do Holoceno. Gerando novos conhecimentos, as pesquisas arqueológicas ampliaram-se no Oriente Próximo e na Europa, iniciando-se em outros continentes como é o caso da América e da Ásia. Sabemos hoje com certeza que a Revolução Neolítica não foi nem neolítica nem uma revolução, porque as transformações denominadas de "neolíticas" são muito mais antigas do que se imaginava inicialmente; elas ocorreram em diversos lugares quase

ao mesmo tempo e foram muito mais complexas do que se podia supor algum tempo atrás. Em primeiro lugar, muitas das invenções atribuídas ao Neolítico são muito anteriores. O polimento da pedra, os primeiros objetos em cerâmica e os primeiros animais domesticados, são conquistas culturais realizadas já no Paleolítico Superior. A coleta desenvolvida no Mesolítico é que deu origem à domesticação das plantas. Assim, podemos afirmar que muitas das inovações técnicas desse momento da história foram antes de tudo paleolíticas e mesolíticas, tendo se popularizado no Neolítico. Por outro lado, ao contrário do que se pensou no passado, não existiu apenas um centro histórico de transformações, no Oriente Próximo. Diversos centros de invenção surgiram, inclusive na Ásia e na América. Nestas áreas nucleares de invenção ocorre o que os historiadores denominam de "a contemporaneidade do não-contemporâneo". Isso significa a coexistência de grupos neolitizados total ou parcialmente, com outros que mantêm, apesar de tudo, as suas tradições milenares de caça, coleta e pesca. Finalmente, se a difusão dessas inovações se escalonam no tempo, ao longo de cinco milênios, podemos continuar a referir-nos ao conceito de revolução e imaginar o seu caráter explosivo num dado momento? Diversas considerações importantes devem ser levadas em conta, portanto, quando nos referimos aos complexos processos históricos pelos quais passou a humanidade.

Em primeiro lugar, essas transformações socioculturais estão intimamente relacionadas com as modificações ambientais pós-pleistocênicas e o predomínio dos climas quentes e úmidos holocênicos. Essas alterações ambientais modificaram a fauna e a flora. Extinguiu-se a megafauna pleistocênica, predominando os animais de médio porte. Por outro lado, multiplicaram-se aos milhares os peixes e aves nas zonas agora inundadas por pântanos, originados pelo derretimento das geleiras. Precipitações pluviais, calor e umidade provocaram um grande desenvolvimento da flora subtropical e tropical, fazendo com que as áreas densamen-

te florestadas ocupassem o espaço onde antes predominavam as paisagens abertas. Em segundo lugar, trata-se de um longo processo de transformações que durou mais de cinco mil anos, e não um processo rápido e intenso, como geralmente é uma revolução. Teve início no final do Paleolítico e foi desenvolvida pelas populações mesolíticas e neolíticas. Não ocorreu apenas no Oriente Próximo, mas pelo menos em outros dois centros de invenção, localizados na Ásia e na América. Por outro lado, sabemos que nem todas as populações do globo sofreram as mesmas modificações culturais, e algumas permaneceram caçadoras até os tempos atuais. Devido a isso, tende-se hoje a utilizar o termo "processo de neolitização" e sugerir modificações complexas ao longo do tempo, com variações culturais muito amplas e diversificadas em cada uma das áreas em que ocorreu. A domesticação das plantas foi uma decorrência de milênios de coletas de plantas selvagens. Em inúmeras áreas da Europa isso ocorreu com o trigo, a cevada e o centeio. A neolitização da Ásia se centraliza em torno da coleta e posteriormente do cultivo do arroz, em áreas perenemente inundadas. No Oriente Próximo a neolitização se fez em torno dos diversos tipos de trigo selvagem, da cevada, do painço e do linho, produzidos no seco, em terras irrigadas pelas chuvas. Na América, como veremos posteriormente, as sociedades locais foram igualmente muito criativas, chegando mesmo a inventar o milho, uma planta inexistente em estado natural. Os diversos tipos de sociedade deram origem a processos de neolitização capazes de produzir diferentes técnicas de produzir o alimento.

Muitas vezes se afirmou, no passado, que a sedentarização dos homens esta ligada às técnicas de plantio, e que as searas teriam fixado o homem à terra. Sabemos hoje, entretanto, graças às escavações arqueológicas, que muitas populações de caçadores viveram séculos em aldeias, no Oriente Próximo, muito antes de adotarem as práticas de cultivos ou a cerâmica. Superamos igualmente a hipótese que associava a agricultura à sedentarização. O termo agricultura significa a cultura de cereais em campo

aberto. Esta técnica só foi conhecida após a invenção do arado nos momentos finais da pré-história. Todos os grupos neolíticos apenas conheceram a horticultura, ou seja, o cultivo de plantas domesticadas em pequenas hortas, numa escala limitada, nas clareiras abertas nas florestas. O sistema de cultivo, posto em prática por grupos aldeões, tais como os Guaranis, caracteriza-se pela utilização de pequenas clareiras abertas pelos homens nas florestas das várzeas dos rios. A finalidade é o plantio de plantas domesticadas. Na América, o cultivo era realizado pelas mulheres. Limitado às hortas, em meio a clareiras, a variedade de plantas nativas domesticadas incluía o milho, a mandioca, o tabaco, as batatas, os feijões, os porongos, o algodão, o amendoim, etc. Esse sistema indígena de plantio, denominado de horticultura, não pode ser confundido com a agricultura de campo aberto e arado, introduzido pelos europeus na América apenas na época colonial.

A domesticação dos animais é conhecida igualmente desde o Paleolítico. Durante a última glaciação, na Europa, já se domesticara o cão e há evidências da domesticação do cavalo. Mais tarde, em cada uma das regiões do globo, domesticaram-se animais diferentes: o gado zebu na Índia, o camelo no Oriente Próximo, a lhama nos Andes, etc. Abelhas, porcos, cabras, alpacas, vicunhas, dromedários, renas, galinhas, são alguns dos animais que as sociedades pré-históricas terminaram domesticando e colocando a seu serviço. A carne, as gorduras, os tendões, o leite, a manteiga, o queijo e o iogurte, foram produtos oriundos da domesticação dos animais. Ao lado dos aldeões horticultores, surgiram os rebanhos conduzidos por pastores. Muitas aldeias também tiveram seus rebanhos, assim como os pastores não desconheceram o plantio. Tornava-se ainda mais complexa a diferenciação das sociedades e das culturas, o que levou muitos arqueólogos a se referirem de maneira mais precisa aos diversos "neolíticos".

Outro importante aspecto dessa complexa questão refere-se às características básicas dos novos padrões de sub-

sistência. Em lugar de uma pretensa "revolução agrícola", como já se imaginou, sabemos que às atividades predadoras da caça, da pesca e da coleta, somam-se os produtos da horticultura e da domesticação dos animais. Como a densidade demográfica dos grupos pré-históricos nunca foi grande e o território onde essas múltiplas atividades se desenvolvem é extenso, cria-se uma situação que já foi denominada de "economia da abundância". Os grupos pré-históricos que participam do processo de neolitização na vertente atlântica do continente sul-americano, são bem um exemplo disso. Apresentam características que nos levam a repensar certas explicações consagradas no passado. Quando estudamos os Tupis no litoral atlântico brasileiro e os Guaranis no rio da Prata, percebemos como subutilizam seus recursos e como dedicam poucas horas por dia à subsistência. Os recursos alimentares das grandes áreas que percorrem, servem bem para atender às necessidades básicas de uma população proporcional ao território. Grande parte das atividades que se relacionam com a obtenção de alimentos, como a caça e a pesca, são igualmente atividades lúdicas. As noções de trabalho e de produção, que os europeus trouxeram no século 16 para a América, eram totalmente ausentes do cotidiano desses grupos horticultores. A reação contrária dos indígenas ao trabalho compulsório terminou gerando preconceitos por parte do branco. Para ele, o índio seria indolente e preguiçoso. O europeu não percebeu, ou não quis perceber, que tinha diante de si um modo de viver capaz de lhe oferecer uma lição de vida digna de ser examinada. Estes poucos exemplos nos demonstram a diversidade dos processos de neolitização em cada uma das regiões onde ele ocorreu. Nos fazem igualmente raciocinar sobre a excessiva simplificação das idéias que se tem sobre o complexo episódio histórico denominado de Neolítico.

Na América, o processo de neolitização é do mesmo jeito complexo, quando comparamos os dados que temos com aqueles do Velho Mundo, ou quando examinamos uma área específica como a que habitamos. Os animais que podem ser domesticados são aqueles que vivem gregários e

que se organizam como rebanhos. Na América, eles são em pequeno número, restringindo-se às lhamas, alpacas, vicunhas. Em compensação, são em grande número e diversificadas as espécies vegetais domesticadas, tais como o algodão, o tabaco, a mandioca, o amendoim, o milho, os porongos, os feijões, as batatas, etc. O domínio das técnicas de domesticação das plantas e dos animais, assim como do polimento da pedra e da arte de fazer a cerâmica, por exemplo, não são coincidentes nem no tempo nem no espaço. Sabemos que o polimento da pedra e o processo de cocção da cerâmica já era conhecido pelas populações paleolíticas, pois na Europa muitas das estatuetas femininas da arte paleolítica evidenciam o uso dessas técnicas. Mesmo em nosso litoral, encontramos o domínio do polimento da pedra nos sambaquis, muito antes do aparecimento da cerâmica e da domesticação das plantas. A domesticação dos animais não foi conhecida pelos nossos grupos indígenas locais, antes da chegada do gado trazido pelos espanhóis e portugueses. Por outro lado, alguns de nossos grupos indígenas sul-americanos demonstraram capacidades extraordinárias, de invenção e domínio técnico, também importantes do ponto de vista histórico, principalmente ao domesticarem inúmeras plantas nativas. Realizaram uma inovação cultural extraordinária ao inventar, através do cruzamento de algumas gramíneas, uma planta que não existe em estado selvagem e é incapaz de se reproduzir sozinha, o milho. Esta planta é conhecida nos sítios arqueológicos andinos já desde as origens do Holoceno. A domesticação das plantas se fazia centrada na mandioca doce, ou aipim, entre os grupos Tupis do Brasil tropical, e no milho entre os Guaranis, instalados nos ambientes subtropicais do rio da Prata. Os conhecimentos técnicos da horticultura parecem ter sido introduzidos no oriente da bacia do rio da Prata por esses horticultores e aldeões guaranis. No mesmo momento em que isso acontecia, outros grupos permaneciam basicamente caçadores e coletores nômades no pampa, mantendo contato com os invasores, mas pouco utilizando as novas invenções disponíveis. Já os caçadores-coletores do

planalto usufruíram não apenas destas inovações trazidas, mas também de outras que migram pelos altos do planalto, desde o Brasil central até as encostas mais meridionais.

Sabemos hoje que estas intensas modificações socioculturais que ocorreram no início do Holoceno, e que se relacionam com o processo de neolitização, devem ter sido acompanhadas dos deslocamentos de populações. Elas devem ser estudadas caso a caso, em cada um dos centros de invenção e em cada uma das áreas nas quais as novas tecnologias e as novas formas de organização socioeconômicas se estabeleceram. É o que tentaremos fazer em relação à área oriental da região do rio da Prata. Sabemos que aqui, as novas condições ambientais quentes e úmidas do período denominado de "Ótimo Climático" (6.000 a 4.000A.P.) propiciaram o auge do desenvolvimento das sociedades de caçadores-coletores-pescadores. Somente após 2.000A.P., portanto muito recentemente em relação ao conjunto do povoamento da região, grupos horticultores aldeãos de origem amazônica aqui se estabelecerão. Mas nessa época, outros grupos igualmente já estabelecidos apresentarão inovações neolitizantes em sua cultura. É o caso dos caçadores-pescadores do pampa, que se apresentam como portadores de uma cerâmica muito diferente da amazônica. E também os caçadores-coletores do planalto meridional brasileiro, que parecem receber influências culturais do norte, mas de diferentes origens. Três grandes vagas de inovações neolíticas, pouco a pouco penetrarão e se instalarão nessa área. Uma primeira manifestação dessas modificações culturais parece migrar pelos altos do planalto sul-brasileiro, vinda do Brasil central, através dos contatos ou das migrações dos grupos Jê. Ela vem acompanhada por uma nova tecnologia de construções de casas subterrâneas em conjuntos estabelecidos em meio às matas de pinheiro (araucária), bem como de um estilo cerâmico muito específico. Outro ponto de origem é a foz do rio da Prata, onde uma cerâmica tão antiga como a trazida pelos artífices guaranis, parece estar-se desenvol-

vendo, já há muito tempo. E, finalmente, aquela que parece ser a vaga mais importante, que é a contribuição amazônica a estas inovações culturais. Se a chegada dos primeiros grupos pleistocênicos paleolíticos representou uma primeira ocupação de caçadores portadores da tecnologia da pedra lascada, as migrações holocênicas dos horticultores habitantes de aldeias representou um outro aporte importante de novas tecnologias. Vejamos através de um exemplo, o da cerâmica, o que representou este processo.

A presença de vestígios cerâmicos nos sítios arqueológicos evidencia uma inovação tecnológica importante e uma manipulação da natureza que abriu perspectivas extraordinárias aos grupos pré-históricos. Um exemplo disso é o da cocção dos alimentos. Se no passado os caçadores necessitavam utilizar pedras aquecidas, as termóforas, para cozinhar alimentos em recipientes que não podiam ir ao fogo, por serem muito frágeis, agora esta limitação se encontrava superada. A tecnologia da modelagem da cerâmica foi talvez a invenção mais significativa. No passado se chegou a fazer pequenas estatuetas de "vênus" pré-históricas modeladas em cerâmica, no Paleolítico Superior. Posteriormente, realizaram-se pequenos recipientes a partir de uma massa compacta de argila, aberta de cima para baixo com pressões de mãos, dedos, ou do próprio punho fechado, dando-lhe aos poucos a forma desejada. Um processo mais sofisticado é o da modelagem do recipiente cerâmico através da manipulação da argila, que vai sendo trabalhada por partes que serão, logo em seguida, unidas umas às outras. Em pleno processo de neolitização, a partir de uma época ainda não datada, inova-se esta tecnologia, aperfeiçoando-a. A mais sofisticada técnica de modelagem é o método que utiliza roletes de argila. A partir de uma base colocada sobre uma superfície plana, modelam-se as paredes colocando roletes cilíndricos de argila uns sobre os outros. Isso permite a confecção de formas cilíndricas, globulares ou em meia-calota. Os roletes serão pressionados de maneira a formar paredes compactas, que após poderão ser alisadas, decoradas plas-

ticamente ou pintadas. A cocção final se fazia em fogueiras abertas, o que oportunizava na maioria das vezes, uma queima irregular, mas suficiente para dar ao recipiente cerâmico a robustez necessária para resistir aos usos do cotidiano.

Com o processo de neolitização, portanto, ocorrerão as grandes transformações socioeconômicas que irão alterar substancialmente o quadro geral do povoamento da região platina. Sem, no entanto, alterar os modos de vida de todos os grupos indígenas locais da mesma maneira e em igual intensidade. Alguns deles permanecerão em grande parte caçadores, subsistindo dessa maneira, até o início deste século. Outros incorporarão com maior ou menor intensidade os novos padrões culturais. É um tema ainda pouco explorado pelas pesquisas da arqueologia platina o das diversas rotas de migração das influências neolitizantes.

AS GRANDES MODIFICAÇÕES AMBIENTAIS DO HOLOCENO MÉDIO E FINAL: O "ÓTIMO CLIMÁTICO"

No conjunto da área oriental da bacia do rio da Prata, as modificações ambientais foram muito importantes a partir dos últimos seis mil anos. É somente entre 6.000 e 4.000 A.P. que esta imensa área adquire uma fisionomia mais semelhante à atual. Devem ser particularmente destacadas as transformações ocorridas no clima, na flora e na fisionomia da planície litorânea. Para o relevo continental e a fauna não foram tão significativas as modificações. É a partir de seis mil anos que as temperaturas altas da região se somam aos altos índices de pluviosidade, dando origem ao episódio climático conhecido como "Ótimo Climático". As conseqüências desta série de modificações ambientais tiveram reflexos no povoamento indígena da área.

O clima do Holoceno apresenta mais recentemente algumas singularidades e contrastes. Mesmo que haja,

por um lado, uma certa uniformidade climática ao longo do ano no que diz respeito às precipitações pluviométricas constantes e à ausência de estação seca, por outro lado, as amplitudes térmicas são notáveis. As temperaturas da área, nos verões, são muito elevadas, devido aos avanços para o sul das massas de ar tropical. Estas altas temperaturas podem ser influenciadas pela proximidade do mar, pelas altitudes do planalto sul-brasileiro, bem como pelas latitudes subtropicais. As altas temperaturas de 35º ou mais, são equilibradas junto ao rio da Prata pelas latitudes subtropicais e, no norte do Rio Grande do Sul, pelas altitudes do relevo do planalto. No litoral, as proximidades do mar atenuam em parte o calor do verão. O máximo de calor se faz sentir nos vales dos rios Uruguai, Ibicuí, Jacuí e seus afluentes. Essas áreas de vales quentes e úmidos, foram as preferidas dos Guaranis, de origem amazônica, devido às similitudes com a sua região originária. Nos invernos temperados, as temperaturas são sempre inferiores a 15º, com as mínimas atingindo poucas vezes níveis inferiores a zero grau. As alturas do planalto sul-brasileiro acentuam o frio. As frentes polares, frias e secas, atingem toda a região através de ventos cortantes, denominados de "pampeiro" ou de "minuano". Essas frentes produzem uma sensação térmica de maior frio, geadas constantes e mesmo a neve, muito esporádica no alto do planalto. A proximidade do mar e as raras penetrações de massas de ar tropical quente, contrabalançam essas tendências.

Durante o "Ótimo Climático", entre 6.000 e 4.000A.P., o clima foi muito mais quente e úmido, com maiores precipitações pluviométricas. As altas temperaturas continentais derreteram as neves nas cadeias de montanhas dos Andes, o que provocou uma subida acentuada dos níveis marinhos, 3 a 5m acima da costa atual. Isto provocou intensas e extensas alternâncias dos níveis marinhos na planície litorânea. Tanto as transgressões como as regressões do mar tiveram imensas conseqüências para a hidrografia local. A planície costeira foi inundada, transformando as falésias de Torres

em um paleoarquipélago. A costa leste da lagoa de Itapeva tornou-se um litoral cheio de falésias e montanhas descendo até o mar, muito semelhante à atual costa de Santa Catarina. A regressão marinha só ocorreu após 3.000A.P., aproximadamente, quando tem início novo período de frio e de seca. Por volta dos dois últimos milênios, o clima se estabiliza e se transforma no que ele é hoje, com seus verões tropicais e seus invernos temperados. A partir de então as oscilações climáticas serão de menor importância, não havendo substanciais alterações em relação à flora, à fauna ou mesmo ao clima. O período de 3.000 a 2.000A.P., parece ter trazido problemas para as florestas tropicais, pois grupos amazônicos de horticultores guaranis passam a migrar para o rio da Prata. Após 2.000A.P., quando se instalam as condições ambientais atuais, eles estão invadindo todas as áreas onde existam vales de rios bordejados pela floresta, com climas quentes e úmidos. Esses fatos serão da maior importância para a história.

As várias características da arquitetura do relevo, assim como as variações paleoclimáticas e os diversos microclimas locais, terminaram por influenciar a flora e a fauna locais. As ações antrópicas, principalmente as relacionadas com o desenvolvimento socioeconômico atual, terminaram por alterar bastante o panorama geral. Com as atividades da agricultura em campo aberto e com o uso do arado, por exemplo, as paisagens florestais do Rio Grande do Sul se limitaram aproximadamente a uma décima parte do que eram. A variedade de paisagens vegetacionais é significativa, mesmo que se leve em conta a existência de zonas intermediárias de transição no mosaico das diversas formações florísticas distintas. As encostas atlânticas do planalto meridional, impropriamente denominadas de "Serra Geral", estão cobertas de uma exuberante floresta tropical. A planície litorânea possui um mosaico de formações vegetais composto de campos, capões de mato, vegetação arbustiva de terrenos arenosos, etc., que fazem frente à densa floresta das encostas. Nas demais vertentes e no topo do planalto, encontram-se as espécies típicas da

floresta subtropical, acompanhadas pelo pinheiro. Nas alturas do planalto, zonas de paisagens abertas são remanescentes indicativos das fases frias e secas do passado. Exemplos disto, são os campos de Lages em Santa Catarina e os campos de Vacaria, no Rio Grande do Sul. Do vale do Jacuí para o sul, iniciam as imensas paisagens abertas compostas por gramíneas e vegetação arbustiva que compõem os pampas uruguaio, argentino e do sul do Brasil. Estas formações florísticas se completam com capões de mato e florestas de galeria ao longo dos rios e das lagoas.

Devemos imaginar que nos episódios mais quentes e úmidos do "Ótimo Climático", as formações florestais se expandiram, enquanto que os períodos secos e frios devem ter favorecido as paisagens abertas de arbustos e gramíneas. A fauna aquática, aérea e terrestre manteve-se razoavelmente estável, durante estes últimos milênios, oportunizando alimentação abundante aos grupos pré-históricos locais. A fauna é muito numerosa no que diz respeito à quantidade, mas o número de espécies é reduzido. Podemos imaginar que as espécies adaptadas ao ambiente dos pampas deve ter-se expandido nos episódios de frio e seca, enquanto que as espécies de ambientes de florestas ribeirinhas e de banhados se multiplicaram com a instalação dos episódios de maior calor e umidade. A fauna disponível para a caça era composta por roedores (tais como as lebres, os ratões-do-banhado e as capivaras), por felinos (como os gatos selvagens e as onças), por canídeos (cães selvagens), por tapires (antas), por cervídeos (os veados do campo e da floresta), suínos (pecari ou porco selvagem), símios (como os bugios), dentre diversos tipos de macacos), desdentados (como os tamanduás, os tatus e as preguiças arborícolas), aves (emas, patos, marrecões, codornas, papagaios, corujas, e tantos outros), batráquios (como o sapo e as rãs), insetos, peixes (fluviais e marinhos), moluscos (mexilhões, mariscos) e gastrópodos (caramujos terrestres e aquáticos), e tantos outros. Mesmo com a introdução da horticultura e a domesticação de plantas, a caça, a coleta e a pesca, continuaram a ser as

mais importantes atividades para a obtenção de alimentos. A partir das observações realizadas em campo pelos etnólogos, afirma-se mesmo que o seminomadismo dos grupos horticultores que habitam aldeias se deve ao esgotamento e à fuga da caça. E não, como já se afirmou no passado, ao esgotamento do solo pela prática da horticultura.

OS CAÇADORES-COLETORES-HORTICULTORES DO PLANALTO MERIDIONAL

O planalto sul-brasileiro foi palco de uma série de importantes transformações culturais, a partir dos dois últimos milênios. Alguns arqueólogos, nos anos 60, desenvolveram uma certa tendência a explorar ao máximo a cerâmica como "fóssil diretor". Isso significa considerá-la como aquele vestígio mais característico em suas análises e o definidor, por excelência, de uma certa cultura, dentre todos os indícios arqueológicos encontrados. Devido a isso, ocorreram muitos enganos de interpretação e travaram-se infrutíferas discussões sobre as diferenças entre a cerâmica. Exemplo dessas dificuldades foi a discussão decorrente do estabelecimento de "subtradições ceramistas", denominadas de "Itararé" e "Casa de Pedra" as mais setentrionais e de "Taquara" a mais meridional. Na medida em que nosso conhecimento avança, entretanto, somos obrigados a reconhecer que são múltiplas as variáveis indicadoras dos diversos processos de neolitização, da mesma forma como são diversificadas as facetas de uma cultura. O que distingue do ponto de vista da cultura material, a partir de um certo momento, as populações estabelecidas no planalto, dos grupos que as antecederam, é um conjunto amplo e diversificado de inovações e modificações culturais neolitizantes e modernizadoras. Podemos destacar como novas práticas, a domesticação de algumas plantas e a conseqüente ampliação do sistema de exploração sazonal dos recursos do ambiente, as inovações arquitetônicas *sui generis* na construção das casas subterrâneas e semi-subterrâneas, além de um modo de vida em aldeias, a nova tecnologia do polimento da pedra e a invenção de novos tipos de implementos, as técnicas de confecção de recipientes cerâmicos e, finalmente, a arte decorativa aplicada à sua superfície. Essas são as mais evidentes práticas que modificaram substancialmente o cotidiano dos grupos de caçadores-coletores instalados há milênios em meio à floresta subtropical e às matas de araucárias. Os dados obtidos pela arqueologia e pelos estudos etno-históricos sobre os grupos de fala Jê que ainda hoje habitam toda esta imensa área ao sul do Trópico de Capricórnio, permitem a reconstituição deste novo modo de vida, apesar de ainda reconhecermos a existência de muitas lacunas.

A flora e a fauna do planalto meridional continuaram a representar recursos abundantes em proteínas e carboidratos aos grupos locais. Os padrões de caça, de coleta e de pesca, numa exploração sazonal dos territórios, estão arraigados às atividades cotidianas já há mais de quatro milênios, quando se iniciam as transformações culturais às quais nos referimos. Desta maneira, continua importante no outono a coleta do pinhão e o consumo deste importante alimento. Por outro lado, inúmeras espécies da floresta subtropical continuam a favorecer a coleta vegetal. A fauna é sempre variada, favorecendo a caça de animais como o porco do mato (pecari), a capivara e os pequenos veados da floresta (mazama), dentre outros. Moluscos e peixes podiam complementar a dieta destes grupos. Esses mesmos recursos animais e vegetais forneciam matérias-primas para outras atividades do cotidiano e a manufatura de artefatos em madeira, fibras vegetais, peles e ossos.

Nenhum dos animais da região foi domesticado. Isso aconteceu em todo o litoral atlântico da América do Sul. Sabemos que em toda a comunidade de índios atuais sempre existem alguns animais, trazidos ainda filhotes das matas para as cabanas, tais como os papagaios e os pequenos macacos. Existem mesmo referências a patos do-

mesticados na documentação colonial. Entretanto, isso não configura a domesticação de rebanhos de animais, como ocorreu no Andes, por exemplo, com a lhamas, as alpacas e as vicunhas. Por outro lado, o processo de neolitização sul-americano está, antes de tudo, relacionado com a domesticação de inúmeras espécies vegetais, tais como o milho e a mandioca doce, por exemplo. Devemos imaginar, portanto, como a domesticação das plantas pode ter alterado os padrões culturais já existentes. As evidências arqueológicas encontradas nos indicam o plantio do milho e dos porongos. Sabemos que a horticultura de outras espécies disponíveis não é muito fácil nas alturas do planalto, pois exigem muita insolação e calor, como é o caso da mandioca, ainda hoje. Entretanto, os recursos do milho já seriam um acréscimo importante na dieta destes grupos, pelas possibilidades de consumi-lo em grãos cozidos ou como farinha. Assim, devemos imaginá-los explorando os recursos das matas com pinheiros e os campos do alto do planalto, os vales de encostas abruptas e rios encaixados cobertos de florestas, e finalmente a ocupação mais recentes das várzeas inundáveis nas partes mais largas dos rios visando a horticultura do milho.

Uma situação excepcional ocorria com os grupos que habitavam as alturas do planalto, situadas próximas às encostas, suaves a oeste, mais altas ao sul e muito abruptas a leste. Descer em direção às planícies dos vales do rio Paraná e Paraguai, a oeste, passou a representar, por um lado, o acesso aos recursos que há alguns milênios tinham estado à sua disposição. Mas, a partir deste período, significaram constantes contatos e conflitos com os recentes invasores amazônicos de fala guarani. Poderiam ainda aqueles grupos do planalto descer os vales dos rios em direção ao sul, em busca da planície do vale do Jacuí, como sempre haviam feito. Ali, teriam acesso a outros tipos de recursos, mas, desta vez, à custa de conflitos com os grupos pampeanos instalados nos abrigos da região. Este fato deve ter-se repetido ao longo dos milênios, nos quais se defrontaram, desde seus ambientes específicos. Agora,

entretanto, deveriam fazer frente aos grupos de horticultores guaranis recém-chegados. O amplo vale do rio Jacuí passou a ser o cenário dos embates e das trocas culturais das populações do planalto, do pampa e vindas do Amazonas. As encostas a leste levavam à planície litorânea e aos seus recursos. Ali, também, havia grupos pampeanos nos campos e abrigos até Torres, assim como pescadores-coletores sambaquianos nos litorais do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A situação no litoral tornou-se ainda mais complexa, quando grupos de invasores guaranis penetraram na área. Quando examinamos estas situações de encontros e confrontos entre os grupos que habitam ambientes tão característicos, mas ao mesmo tempo tão próximos uns dos outros, é que nos damos conta das situações de tensão que poderiam surgir entre eles, assim como as inevitáveis oportunidades de miscigenação e contatos culturais. Ao mesmo tempo, compreende-se melhor o papel de zona de refúgio que o planalto representou para seus caçadores-coletores em vias de tornarem-se horticultores. Apesar dos padrões culturais destas sociedades terem permanecido essencialmente diferentes, poderemos sempre nos perguntar sobre os momentos em que as situações de conflito deram lugar à miscigenação, às trocas e ao intercâmbio cultural. Não podemos ignorar que processos de "guaranização" podem ter ocorrido nas áreas limítrofes de contatos culturais. As informações do século 19 sobre os "coroados" do vale do rio das Antas, por exemplo, evidenciam inúmeros termos da língua guarani. Isso ocorreu apenas por ter sido o tupi-guarani a "língua geral" já desde a época colonial?

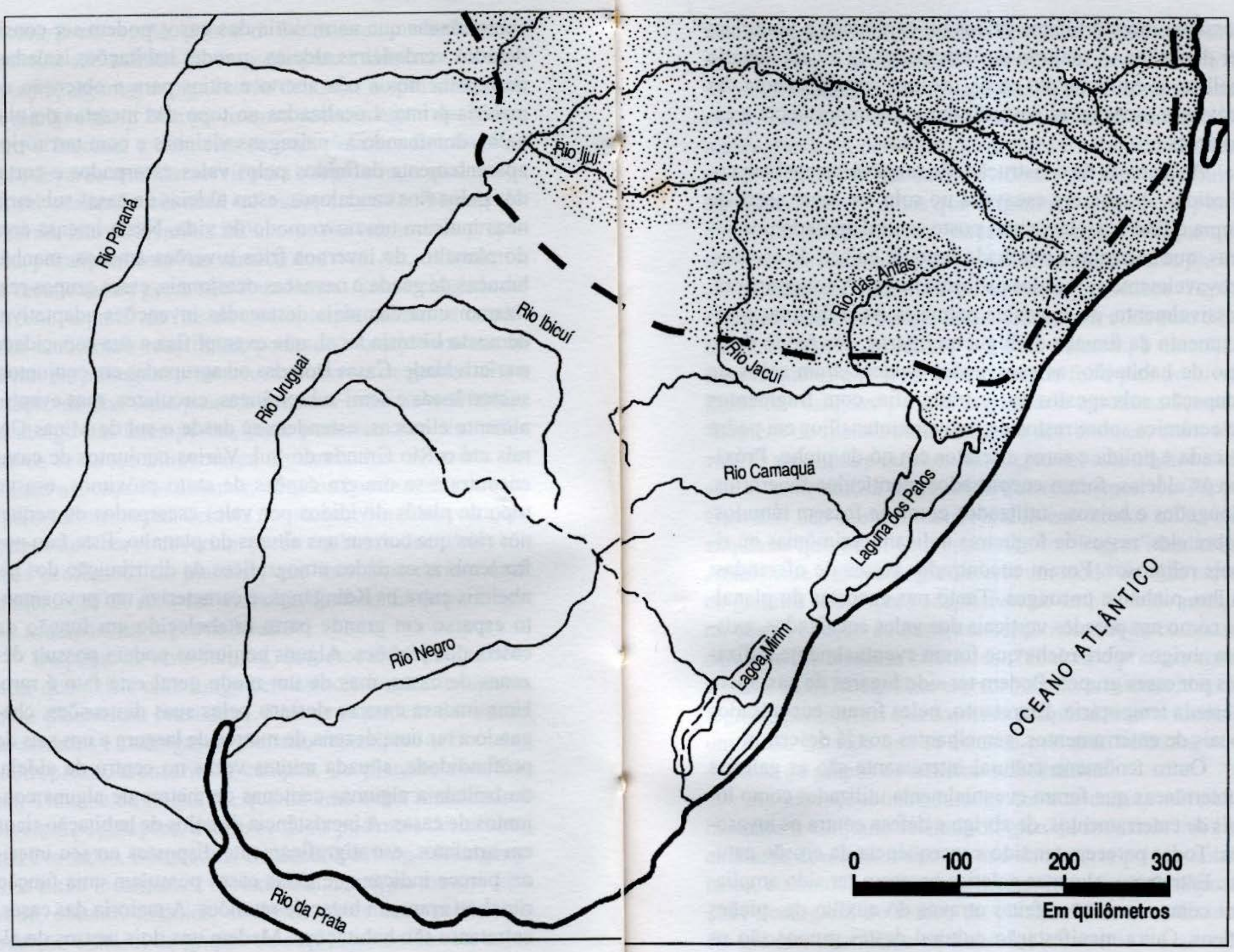
Podemos reunir as informações disponíveis e tentar hipoteticamente imaginar como deveria ser a ocupação desse imenso espaço de relevo acentuado, vales escarpados e encostas abruptas, ao longo do ano. Podemos nos perguntar sobre a estação do ano que estes grupos semi-sedentários do planalto permaneceriam em suas aldeias de casas subterrâneas, localizadas em meio às matas de araucárias. Pelas evidências obtidas, eles deveriam ali se

encontrar no verão, pois o milho estava amadurecendo, podendo ser colhido ainda verde para a alimentação. Entretanto, algumas espigas serão deixadas no pé, até o final de março e abril. Elas serviriam à armazenagem dos grãos para o inverno, e com eles se poderá fazer farinha. Porém, deverão também servir para o replantio, o qual deveria ser realizado em abril ou maio, antes da chegada do inverno. Isto os levaria a instalar-se nas terras mais propícias, principalmente nas várzeas dos rios. Ali, os recursos da caça, coleta e pesca são abundantes. Com a chegada do inverno, a partir de fins de maio, implantavam-se condições ambientais mais frias, podendo excepcionalmente nevar. As paisagens amanhecem cobertas de geadas. Essa estação do ano seria passada em suas casas subterrâneas, ao abrigo das intempéries, onde poderiam também utilizar os recursos alimentares armazenados. A coleta do pinhão e a caça dos animais, atraídos igualmente por este tipo de alimentação, ocorria no outono. Na primavera, os grupos familiares deveriam partir em busca dos vários nichos ecológicos do planalto, que lhes forneceriam uma alimentação de recursos variados, instalando-se para isso em acampamentos provisórios.

Do ponto de vista cultural, devemos inicialmente destacar que existe uma longa persistência lingüística nestas áreas planaltinas brasileiras. Elas se estendem das zonas de cerrados e caatingas do planalto central, até as florestas subtropicais, araucárias e campos, do planalto meridional. Trata-se da língua Jê, que dá uma certa identidade a diversas populações, dentre os quais podemos destacar as dos Coroados, Botocudos, Guaianá, Xokleng e Kaingáng. Elas estão localizadas, aproximadamente, na mesma área onde, durante milênios, se desenvolveu uma persistente tradição cultural de grupos de caçadores-coletores, cujas tradições culturais se mantiveram até recentemente.

As pesquisas desenvolvidas têm descoberto tipos diferentes de sítios arqueológicos e que, aparentemente, se relacionam com uma mesma sociedade, portadora da mesma cultura material. São encontrados conjuntos de casas

subterrâneas que na maioria dos casos podem ser considerados verdadeiras aldeias, grandes habitações isoladas, acampamentos a céu aberto e sítios para a obtenção de matéria-prima. Localizadas no topo das mesetas do planalto, dominando as paisagens vizinhas e com territórios aparentemente definidos pelos vales escarpados e cortados pelos rios caudalosos, estas aldeias de casas subterrâneas indicam um novo modo de vida. Nesta imensa área do planalto, de invernos frios e verões amenos, manhãs brancas de geada e nevascas ocasionais, esses grupos realizaram uma das mais destacadas invenções adaptativas de nossa história local, que exemplifica a sua capacidade e criatividade. Casas isoladas ou agrupadas em conjuntos, subterrâneas e semi-subterrâneas, circulares, mas eventualmente elípticas, estendem-se desde o sul de Minas Gerais até o Rio Grande do Sul. Vários conjuntos de casas encontram-se ora em capões de mato próximos, ora no topo de platôs divididos por vales escarpados de pequenos rios que correm nas alturas do planalto. Este fato nos faz lembrar os dados etnográficos da distribuição dos pinheirais entre os Kaingángs, e caracteriza um povoamento esparso em grande parte estabelecido em função da coleta dos pinhões. Alguns conjuntos podem possuir dezenas de casas, mas de um modo geral este fato é raro. Uma imensa casa se destaca pelas suas dimensões, chegando a ter uma dezena de metros de largura e uns seis de profundidade, situada muitas vezes no centro da aldeia, ou isolada a algumas centenas de metros de alguns conjuntos de casas. A inexistência de solos de habitação ricos em artefatos, estratigraficamente dispostos no seu interior, parece indicar que essas casas possuíam uma função ritual ou eram um lugar de reuniões. A maioria das casas, entretanto são habitações. Medem uns dois metros de altura e entre quatro e cinco de largura. No seu interior encontramos camadas de ocupação com restos de fogueiras, fragmentos de cerâmica, implementos líticos e restos de alimentação. Outras casas, de dimensões muito exíguas, medem apenas dois metros de largura e dois de altura.



Mapa 3 - Área arqueológica onde se encontram vestígios da cerâmica dos grupos do planalto.

Possuem raros artefatos líticos ou cerâmicos e poderiam ser depósitos. A maioria das atividades da aldeia deveria realizar-se em volta das casas, até uma certa distância. As próximas escavações deverão dar mais importância a estas áreas.

As técnicas de construção são razoavelmente bem conhecidas. A casa era escavada no solo em lugar seco, de forma cilíndrica. Havia um poste central apoiado por pedras, que sustentava o telhado feito de galhos de árvores, provavelmente colocados de forma radial. A cobertura era, possivelmente, de ramos de palmeira, para facilitar o escoamento da fumaça da fogueira interna. No fundo deste tipo de habitação, as escavações evidenciaram solos de ocupação sobrepostos em estratigrafia, com fragmentos de cerâmica sobre restos de fogueira, utensílios em pedra lascada e polida e raros artefatos em nó de pinho. Próximo às aldeias, foram encontrados montículos funerários, alongados e baixos, utilizados como se fossem túmulos. Sobre eles, restos de fogueiras indicam cerimônias ou rituais religiosos. Foram encontrados restos de oferendas: milho, pinhão e porongos. Tanto nas encostas do planalto, como nas paredes verticais dos vales encaixados, existem abrigos sobre rocha que foram eventualmente utilizados por esses grupos. Podem ter sido lugares de passagem e estada temporária. Entretanto, neles foram encontrados locais de enterramentos, semelhantes aos já descritos.

Outro fenômeno cultural interessante são as galerias subterrâneas que foram eventualmente utilizadas como locais de enterramentos, de abrigo e defesa contra os invasores. Todas parecem ter sido conseqüência da erosão natural. Entretanto, algumas galerias parecem ter sido ampliadas com escavações feitas através do auxílio de pições líticos. Outra manifestação cultural destes grupos são os locais denominados algumas vezes de "dançadores". São grandes áreas planas que foram transformadas e recriadas culturalmente com fins rituais. Deram origem a áreas circulares e trapezoidais, de grandes dimensões, atingindo até 20 ou 30 metros de diâmetro, e delimitadas por aterros baixos não superiores a um metro de altura. Foram encontrados montículos semelhantes a túmulos, o que pôs em dúvida a real utilização destes espaços. Essas diversas atividades evidenciam a necessidade de um trabalho comunitário muito grande. A derrubada de árvores e a limpeza das áreas, as escavações das casas, a construção dos montículos tumulares, são trabalhos que exigem um quadro complexo e variado de convicções, visões de mundo e crenças que terminam se materializando nestas estruturas em terra. Quando os brancos buscaram informações junto aos Tupis-Guaranis sobre os indígenas que habitavam mais para o interior, no alto do planalto e em suas encostas, a descrição feita daqueles que eram seus inimigos foi a pior possível. Eram os "caáguas", o que significaria aproximadamente "homens do mato". Para a maioria dos brancos, eram selvagens atrasados e incultos. Infelizmente, esta ainda é a visão preconceituosa transmitida que recebemos: os Tupis-Guaranis são muito desenvolvidos em termos culturais, enquanto que os Jê (ou Tapuias) são "bugres" bárbaros. Atualmente a arqueologia desvela um modo de vida capaz de grandes realizações adaptativas ao ambiente do planalto, com a criação de outra concepção de aldeia, composta de casas subterrâneas circulares. Técnicas e práticas construtivas inequivocamente extraordinárias em nossa história regional platina, nos aparecem nas pesquisas, corporificando um modo de vida que se estende por uma imensa área e dezenas de grupos de culturas semelhantes.

As inovações introduzidas em sua cultura alterarão bastante o conjunto tecnotipológico da indústria lítica já existente desde há muito. O uso da matéria-prima, entretanto, continuou muito semelhante, imposto pelas formações geológicas do relevo do planalto. Foram utilizados em grande quantidade os diabásios e basaltos nas alturas, acrescidos do arenito silicificado na base das encostas, e mais raramente a calcedônia e o quartzo. As tecnologias de preparo da pedra, e em especial o lascamento, já estavam desenvolvidas há milênios. Os artífices pré-históricos destas áreas haviam transmitido de geração em gera-

ção os seus conhecimentos, dentre os quais se destaca a arte de fazer os belos bifaces bumerangóides. Desta maneira, não é de se estranhar que os percutores, os núcleos, as lascas, as lâminas utilizadas como facas e pontas, as lâminas de machado bifaciais, as plainas, os raspadores, os furadores, os instrumentos com entalhes, os picões e os grandes talhadores, continuem a ser utilizados como antes. Mais de vinte instrumentos diferentes foram estudados pelos arqueólogos. As maiores inovações nas técnicas do lascamento aparecem na necessidade de aprimorar os resultados obtidos com a calcedônia e o quartzo, muito difíceis de lascar somente por percussão direta. Surgiram evidências da utilização das bigornas de pedra como base para o lascamento bipolar. Este processo compõem-se de uma seqüência de gestos técnicos muito aprimorada. A matéria-prima a ser lascada é colocada sobre a bigorna e recebe os impactos do percutor na parte superior, que é assim lascada, as ondas de choque atravessam a pedra que está sendo submetida ao lascamento, refletem-se na bigorna e retornam, lascando a parte inferior. Isso produz um lascamento que ocorre quase simultâneo nas duas extremidades ou pólos da peça. Por isso designamos esse processo de lascamento bipolar. É uma técnica muito segura de obter o lascamento controlado de matérias-primas de difícil elaboração artesanal. A superfície da bigorna apresentará depressões semi-esféricas com as cicatrizes das ações desenvolvidas.

Outra extraordinária inovação é a introdução do polimento da pedra. Os artefatos mais característicos, as mãos-de-pilão, são longos blocos de diabásio diaclasado, que chegam a ter de 20 até 70 ou 80cm de comprimento. Foram submetidos a um processo de polimento que não chegou muitas vezes a fazer desaparecer por completo as arestas da peça original. Raramente são encontrados nos sítios arqueológicos, mas os moradores locais já descobriram, casualmente, dezenas desses artefatos deste tipo nas diversas áreas do planalto ocupadas por essa cultura. A elaboração e o acabamento trabalhoso e refinado não indi-

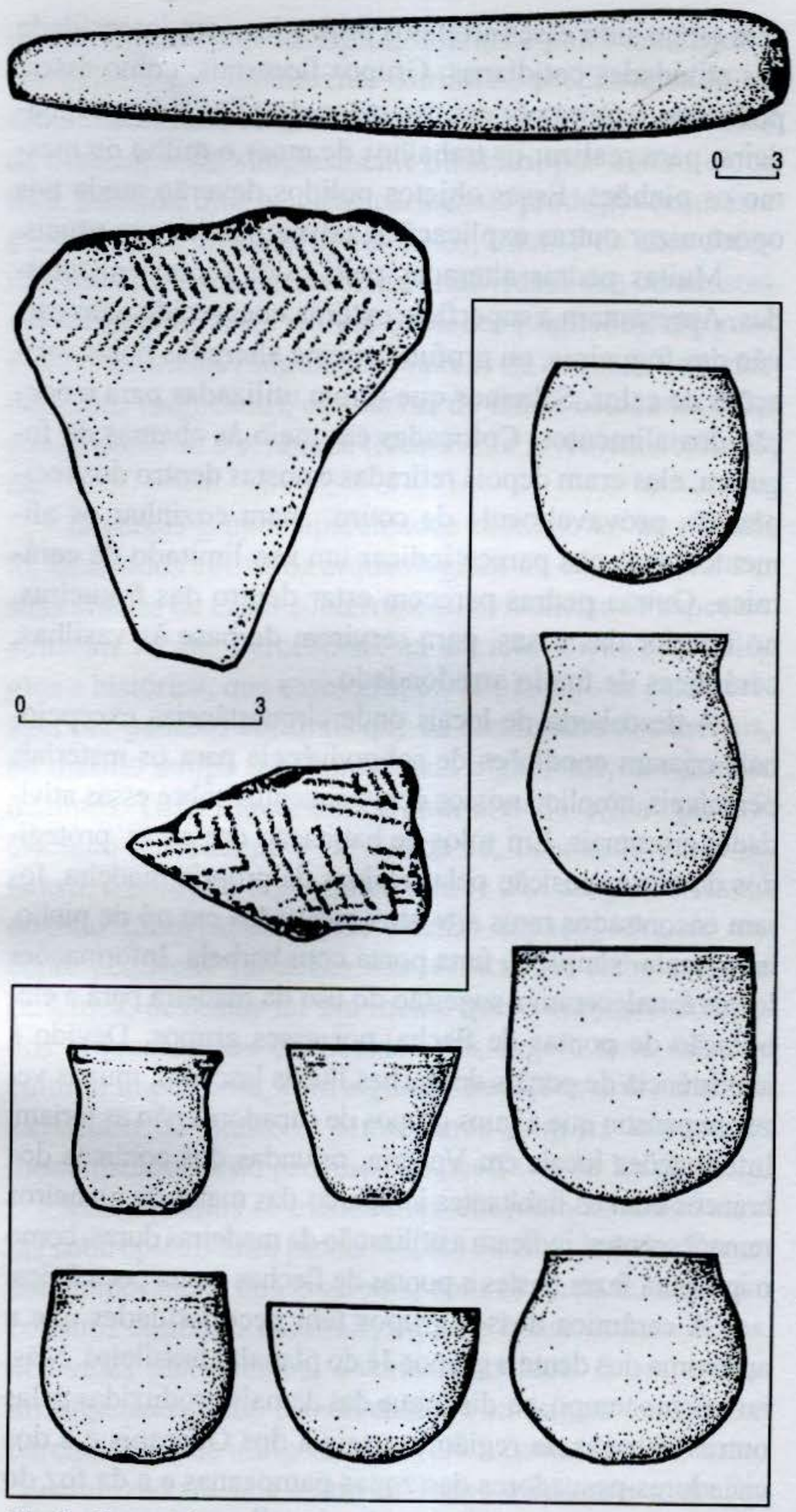


Fig.5 - Grupos de coletores e horticultores incipientes do Planalto Meridional (mão de pilão polida, recipientes cerâmicos e fragmentos de cerâmica decorados).

cam terem sido esses artefatos utilizados com intensidade nas atividades cotidianas. Grupos florestais, como esses, poderiam sempre pôr em uso mãos-de-pilão feitas de madeira, para realizar os trabalhos de moer o milho ou mesmo os pinhões. Esses objetos polidos deverão ainda nos oportunizar outras explicações, talvez ligadas aos rituais.

Muitas pedras alteradas pelo calor foram encontradas. Apresentam a superfície externa enegrecida pelo carvão das fogueiras, ou profundamente alteradas pelas variações de calor. Sabemos que foram utilizadas para a cocção dos alimentos. Colocadas em meio às chamas da fogueira, elas eram depois retiradas e postas dentro dos recipientes, provavelmente de couro, para cozinhar os alimentos. Isto nos parece indicar um uso limitado da cerâmica. Outras pedras parecem estar dentro das fogueiras, no interior das casas, para servirem de base às vasilhas, cerâmicas de fundo arredondado.

A descoberta de locais onde circunstâncias excepcionais criaram condições de sobrevivência para os materiais perecíveis, ampliou nossos conhecimentos sobre essas atividades artesanais. Em solos de habitação das casas, protegidos da decomposição pelas resinas da própria madeira, foram encontrados raros artefatos escavados em nó de pinho, uma ponta simples e uma ponta com barbela. Informações locais fortaleceram a sugestão do uso da madeira para a elaboração de pontas de flecha, por esses grupos. Devido à inexistência de pontas de flechas líticas lascadas, muitas vezes se pensou que alguns grupos de caçadores não as teriam. Informações locais em Vacaria, oriundas dos contatos dos brancos com os habitantes indígenas das matas de pinheiros remanescentes, indicam a utilização de madeiras duras, como o ipê, para fazer hastes e pontas de flechas numa peça única.

A cerâmica desses grupos tem peculiaridades que a aproxima dos demais grupos Jê do planalto brasileiro. Mas, ao mesmo tempo, se distingue das demais produzidas pelas outras culturas da região, ou seja a dos Guaranis e a dos caçadores-pescadores das zonas pampeanas e a da foz do rio da Prata. Os recipientes são de talhe pequeno e compostos basicamente de tigelas abertas e potes cilíndricos. As formas são igualmente variadas, predominando as semicilíndricas e as globulares. Muitos destes vasilhames de cerâmica são simplesmente alisados, por dentro e por fora. Somente uma pequena parte desta produção ceramista é decorada, e na maioria dos casos, trata-se de uma decoração plástica que ilustra bem a criatividade dos ceramistas desses grupos: leves marcas de dedos (digitado), algumas marcas de unhas (ungulado), marcas de pequenos objetos pontudos (ponteado), ou marcas de unhas colocadas lado a lado como se a cerâmica tivesse sido levemente beliscada.

Diversos grupos aparentados coexistiram no planalto, instalados em sítios arqueológicos de céu aberto e em suas aldeias de casas subterrâneas, evidenciando aspectos culturais locais. Percebe-se, na documentação arqueológica e histórica, que esses grupos do planalto se caracterizam por padrões culturais que os distinguem dos demais, ao mesmo tempo que apresentam alguns traços culturais distintos. Tudo sugere uma grande área de cultura material muito semelhante e de língua Jê, ocupando o sul do Brasil, o noroeste argentino e o leste do Paraguai. Mesmo quando subdividimos esse imenso espaço, levando em conta pequenas variações nas técnicas de elaboração da cerâmica, devemos ter em mente que o conjunto dos dados arqueológicos conhecidos nos sugere uma unidade cultural importante, com algumas tradições milenares coexistindo de maneira simultânea com as inovações modernizadoras do processo de neolitização local.

Esses grupos se mantiveram em meio às suas florestas subtropicais com pinheiros, até os dias de hoje. Foram contemporâneos dos Guaranis, com os quais mantiveram contatos étnicos e culturais, durante quase dois mil anos, nos vales mais baixos, quentes e úmidos. Esses grupos miscigenados estão provavelmente na origem de diversas parcialidades de indígenas que foram caracterizados como "guaranizados", tais como os Tapes missioneiros do Rio Grande do Sul. Eles sobreviveram igualmente às investidas

luso-espanholas. Resistiram sempre, até a conquista do planalto pelas novas levas de colonização italiana, alemã e polonesa. Historicamente foram conhecidos por diversas denominações locais, na própria língua Jê, tais como os Kaingángs e os Xoklengs. Algumas vezes foram denominados por apelidos, tais como "botocudos" ou "coroados", tanto pelos batoques de madeira utilizados nos lábios, como pela forma de cortar seus cabelos, em forma de coroa, em torno da cabeça. Seus descendentes ainda hoje podem ser encontrados nos postos indígenas, ou perambulam pelas estradas vendendo recipientes de fibras vegetais pintadas com cores berrantes. Alguns deles podem ser vistos nas feiras urbanas, inclusive nas manhãs de domingo em Porto Alegre, vendendo seus produtos.

OS CAÇADORES-PESCADORES CERAMISTAS NÔMADES DAS ZONAS PAMPEANAS

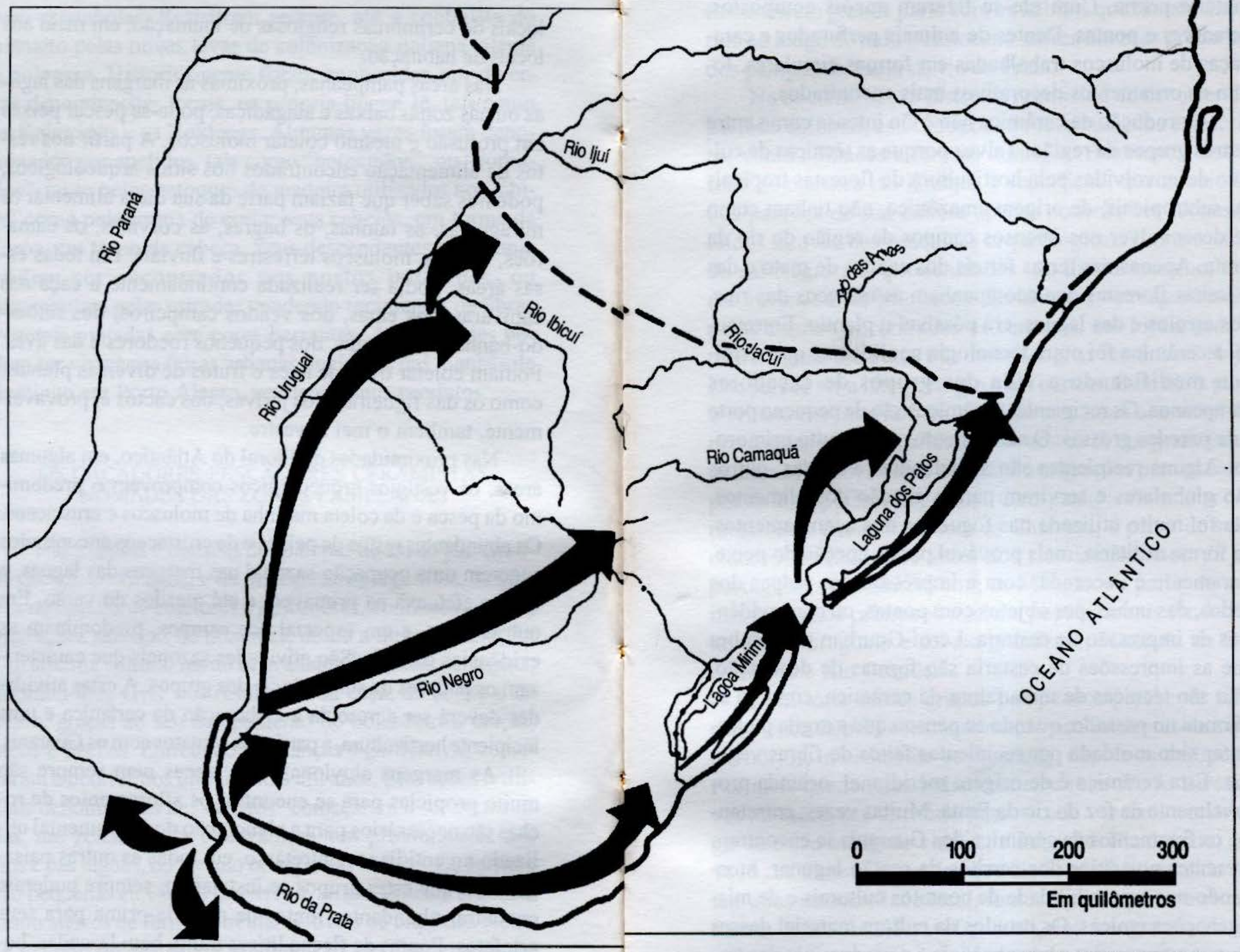
Nas imensas extensões dos pampas do sul do Rio Grande do Sul, do Uruguai e da mesopotâmia argentina, os grupos de caçadores-coletores e pescadores, continuavam suas migrações sazonais de nômades, desde a última glaciação. Um sistema cultural muito bem adaptado a estas paisagens, permitia-lhes viver dos resultados da caça, da coleta e da pesca, graças ao seu equipamento de boleadeiras, lanças, arcos e flechas. Entretanto, mudanças significativas começaram a ocorrer nos últimos dois mil anos. Elevações artificiais denominadas de "cerritos" começaram a ser construídas, nas zonas baixas e alagadiças, nas proximidades dos rios e das lagoas, ou mesmo no topo das colinas. Os cerritos são pequenas elevações de terreno, artificialmente erguidas como aterros de formas circulares, ovais ou elípticas. Neles se encontram restos de alimentação, de fogueiras e de enterramentos. Em torno deles, áreas de ocupação habitacional, com evidências da utilização de recipientes cerâmicos, completam o panorama dos novos padrões culturais dos grupos pampeanos. Ao que tudo indica, estas elevações eram

locais de cerimônias religiosas de inumação, em meio aos locais de habitação.

Nas áreas pampeanas, próximas às margens das lagoas ou nas zonas baixas e alagadiças, pode-se pescar peixes em profusão e mesmo coletar moluscos. A partir dos restos de alimentação encontrados nos sítios arqueológicos, podemos saber que faziam parte da sua dieta alimentar as miraguaias, as tainhas, os bagres, as corvinas, os camarões, os siris, moluscos terrestres e fluviais. Em todas essas áreas, podia ser realizada continuamente a caça das capivaras, das emas, dos veados campeiros, dos ratões-do-banhado, dos tatus, dos pequenos roedores e das aves. Podiam coletar ovos de aves e frutos de diversas plantas, como os das figueiras, dos jerivás, dos cactos e, provavelmente, também o mel silvestre.

Nas proximidades do litoral do Atlântico, em algumas áreas, os vestígios arqueológicos comprovam o predomínio da pesca e da coleta marinha de moluscos e crustáceos. Os abundantes restos de peixes e de crustáceos encontrados sugerem uma ocupação sazonal nas margens das lagoas, e que se efetuava na primavera e até meados do verão. Em outras áreas, e em especial nos campos, predominam as evidências da caça. São atividades sazonais que caracterizam os padrões de subsistência dos grupos. A estas atividades deverá ser acrescida a elaboração da cerâmica e uma incipiente horticultura, a partir dos contatos com os Guaranis.

As margens aluvionais das lagoas nem sempre são muito propícias para se encontrar os afloramentos de rochas tão necessários para a elaboração do instrumental utilizado no cotidiano. Entretanto, em todas as outras paisagens em que estes grupos se instalaram, sempre puderam encontrar abundantes fontes de matéria-prima para seus artefatos. Pontas de flecha líticas muito bem lascadas, bolas de boleadeiras, pedras com depressões semi-esféricas polidas, polidores, percutores, lascas e furadores, são alguns dos tipos de utensílios encontrados nos locais de habitação desses grupos. Tanto no pampa como nas margens do litoral atlântico, o osso sempre foi utilizado como



Mapa 4 - Possíveis rotas da difusão da cerâmica dos grupos pampeanos. (Baseado em Brochado, 1984)

matéria-prima. Com ele se fizeram anzóis compostos, furadores e pontas. Dentes de animais perfurados e carapaças de moluscos trabalhadas em formas circulares, foram os ornamentos decorativos mais encontrados.

A produção da cerâmica não é tão intensa como entre outros grupos da região. Talvez porque as técnicas de cultivo desenvolvidas pela horticultura de florestas tropicais ou subtropicais, de origem amazônica, não tinham como se desenvolver nos imensos campos da região do rio da Prata. Apenas nas terras férteis dos capões de mato e das estreitas florestas que acompanham as margens dos rios, dos arroios e das lagoas, era possível o plantio. Entretanto, a cerâmica foi outra tecnologia neolitizante que terminou modificando a vida dos grupos de caçadores pampeanos. Os recipientes cerâmicos são de pequeno porte e de paredes grossas. O acabamento não é muito primoroso. Alguns recipientes são semelhantes a tigelas, outros são globulares e serviram para a cocção dos alimentos. Ela foi muito utilizada nas fogueiras dos acampamentos, de forma utilitária, mais provável para a cocção do peixe. Raramente é decorada, com a impressão das polpas dos dedos, das unhas, por objetos com pontas, ou com evidências de impressão de cestaria. Leroi-Gourhan nos lembra que as impressões de cestaria são formas de decoração. Não são técnicas de manufatura da cerâmica, como já se afirmou no passado, quando se pensou que a argila pudesse ter sido moldada por recipientes feitos de fibras vegetais. Esta cerâmica é de origem meridional, oriunda provavelmente da foz do rio da Prata. Muitas vezes, entretanto, os fragmentos da cerâmica dos Guaranis se encontram presentes nos sítios dos cerritos da região lagunar, mostrando-nos a possibilidade de contatos culturais e de miscigenações étnicas. Os estudos da cultura material desses grupos comprovam a permanência e o predomínio das tradições culturais milenares, mesmo quando são defrontados com as inovações trazidas pelo processo de neolitização. As modificações modernizadoras aceitas não chegaram a alterar substancialmente o seu modo de vida. Continuaram em grande parte com os hábitos que tinham mantido ao longo de todo o Holoceno nessas imensas pradarias dos pampas da bacia do rio da Prata.

Na documentação histórica produzida no decorrer do período colonial, estes grupos são referenciados e descritos como nômades e ferozes inimigos. Entretanto, isso é feito de maneira tão limitada e superficial, que a maioria dos padrões de sua cultura apenas poderão ser reconstituídos através das pesquisas arqueológicas. Entre o vale do rio Negro e as proximidades do litoral marinho, encontravam-se os Minuanos. Seriam eles os responsáveis pelos cerritos encontrados às centenas, em locais próximos à laguna dos Patos e às demais lagoas litorâneas? Hoje esta parece ser a interpretação mais correta. Bem mais para o oriente encontravam-se os Charruas, junto aos vales do rio Uruguai e de seus afluentes, de ambas as margens. Estes últimos estariam sempre realizando migrações para os campos da mesopotâmia argentina. Os espanhóis entraram continuamente em contato com os Charruas, a partir de suas cidades fundadas nos vales dos rios interioranos. Já os portugueses contataram com os Minuanos a partir de sua instalação nos primeiros núcleos populacionais fundados no litoral uruguaio e sul-rio-grandense, Colônia de Sacramento e Rio Grande.

A história desses grupos pampeanos parece ter sido caracterizada pela constante reação aos invasores de seus territórios, inicialmente os Guaranis, depois os europeus. Por mais que tenham indomitamente resistido às sucessivas invasões, seu território passou cada vez mais a restringir-se e seu modo de vida ser ameaçado. Finalmente, em 1835, os últimos nômades que ainda não haviam sido integrados na sociedade local, foram definitivamente eliminados. Uma considerável parcela dos integrantes dessa cultura teve possibilidade de sobreviver, através da mestiçagem. São ainda hoje reconhecidos nas fisionomias indiáticas de muitos gaúchos dos pampas do Uruguai e do Rio Grande do Sul. Seu legado cultural foi do mesmo modo importante, integrando-se aos hábitos locais.

OS GUARANIS: HORTICULTORESDA FLORESTA SUBTROPICAL

Os portugueses e os espanhóis não foram os primeiros conquistadores da América. Astecas e Incas estavam organizados militarmente e controlavam impérios no México e no Peru, dominando outros grupos indígenas, transformados em seus tributários e dominados. Muitos séculos antes da denominação colonial ibérica, os grupos Tupis e Guaranis realizaram uma intensa atividade de conquista e povoamento de uma enorme área situada no litoral leste do Brasil e em grande parte da região do rio da Prata. A partir da Amazônia e em toda costa atlântica, desenvolvem-se migrações de grupos Tupis e Guaranis, por volta de 2.000 A.P. Isso indica a ocorrência, aparentemente, após um episódio climático seco importante, estima-se que entre 3.000 e 2.000 A.P., e que deve ter provocado uma crise na floresta equatorial amazônica e nas restantes massas florestais do continente. Rumando no início para o nordeste do Brasil, e posteriormente para o sul, os Tupis ocuparam grande parte da costa leste, desde o Equador até o Trópico de Capricórnio, no litoral de São Paulo. Quando os portugueses descobriram o Brasil e se instalaram no litoral, este já estava ocupado pelos Tupinambás. Os Guaranis, por sua vez, desceram da Amazônia para o sul, pelos caminhos hidrográficos da bacia platina. Instalaram-se desde o sul do Mato Grosso e do Trópico de Capricórnio, até a foz do rio da Prata, ocupando ainda o litoral sul-brasileiro. Deixaram intocadas, entretanto, as alturas do planalto meridional e o pampa. Suas aldeias e os seus territórios de caça, pesca e coleta, ocuparam amplos espaços nos férteis vales dos rios Paraguai, Paraná, Uruguai e Jacuí, bem como nos de seus afluentes. Já se afirmou que o crescimento demográfico foi uma das razões para esta expansão. Entretanto, ela não teria sido possível sem um número muito grande de guerreiros e o padrão cultural da prática do canibalismo. A destruição, por meio desse ritual, dos principais e melhores guerreiros inimigos, deve ter

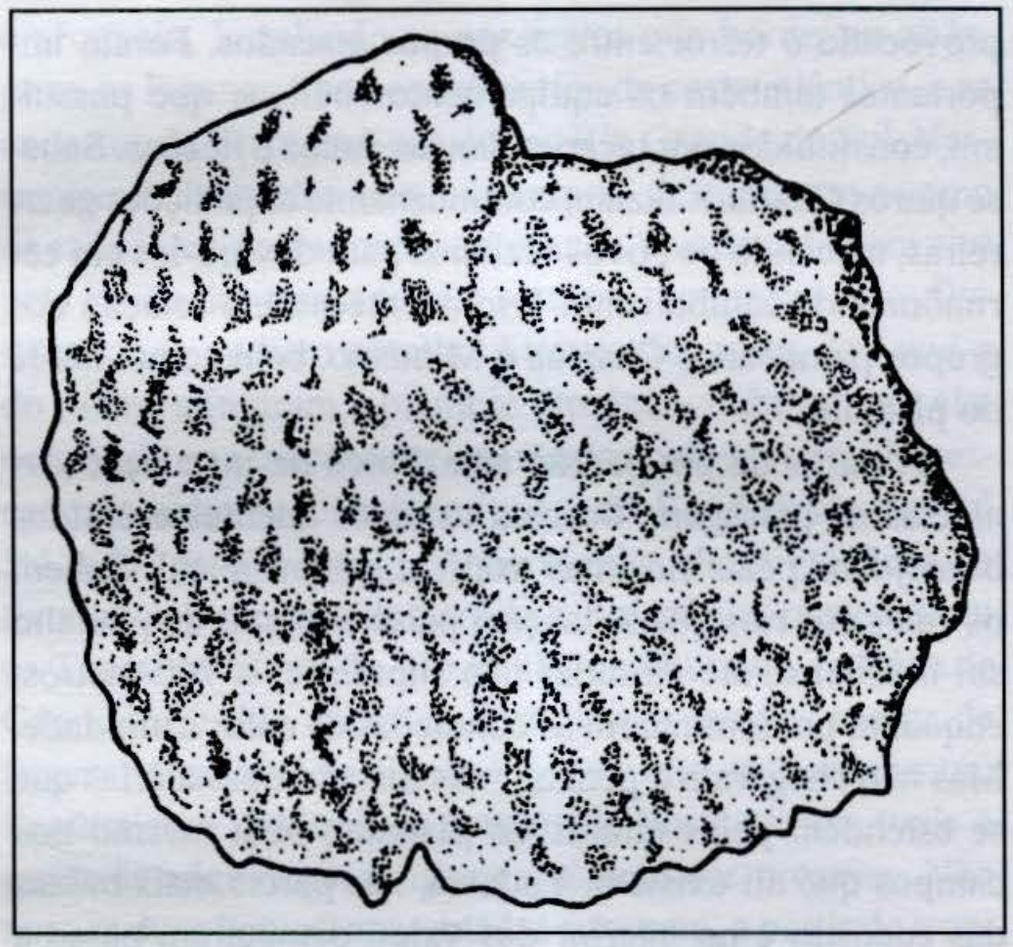


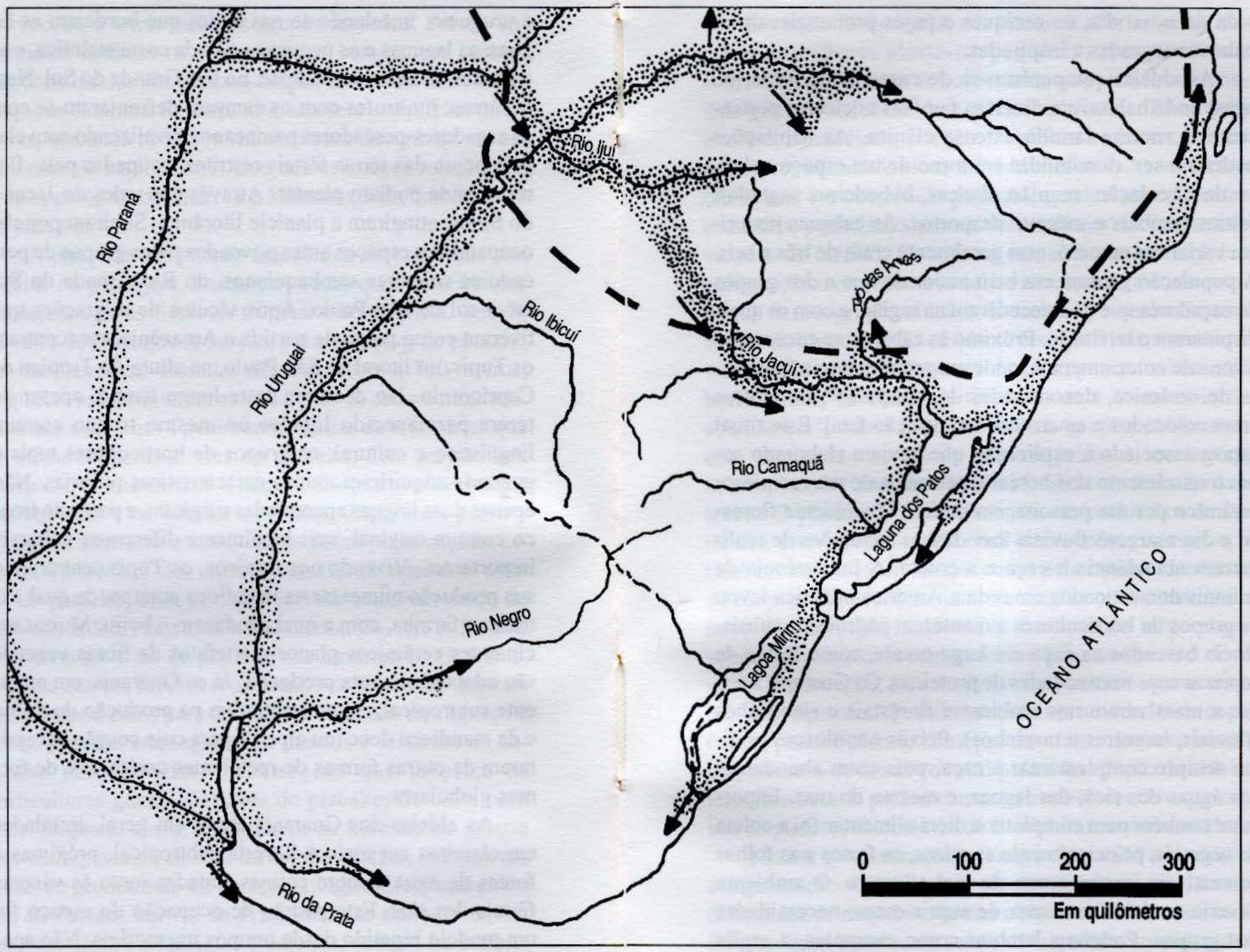
Fig.6 - Grupos de pescadores-caçadores dos cerritos (ponta de flexa, recipientes de cerâmica e fragmento com decoração plástica; seixos com depressões semi-esféricas polidas).

provocado o terror entre os grupos atacados. Foram importantes também os equipamentos bélicos que possuíam, constituídos por tacapes, lanças, arcos e flechas. Sabe-se que os Guaranis faziam continuamente expedições guerreiras, atacando os povos vizinhos para devorá-los em cerimônias de canibalismo. Isso aconteceu em relação aos grupos pampeanos Charrua e Minuano, bem como aos Jê do planalto.

A partir de um padrão amazônico de instalação das aldeias na paisagem, buscam os vales quentes e úmidos bordejados pelas florestas tropical e subtropical. Sobem os vales dos rios que se lançam pelas encostas do planalto sul-brasileiro, até altitudes não superiores a 700 metros, enquanto predominarem as condições de calor e umidade. Mas não chegaram a penetrar nas matas de araucárias que se estendem pelas alturas do planalto, nem mesmo nos campos que ali existem. Todavia, nas partes mais baixas das encostas e no interior dos vales, disputaram passo a passo um território ocupado há milênios pelos caçadores-coletores locais. Estes últimos mantiveram apenas as alturas do planalto, onde puderam instalar seu novo modo de vida nas aldeias de casas subterrâneas. Os verões frescos e os invernos frios do planalto não atraíram os Guaranis. O clima não era favorável ao plantio das espécies vegetais dos trópicos. Mais para o norte, os vales dos rios Iguaçu e Paranapanema eram quentes e úmidos e serviram de caminho para extensas penetrações que levaram os horticultores guaranis através do planalto, de oeste para leste. Seguem, ainda, os Guaranis as florestas de galeria que acompanham os rios da região platina, mesmo em zonas de predomínio do pampa. Atingem desta maneira a foz do Paraná, no rio da Prata, onde se estabelecem na margem direita e nas ilhas fronteiras, sempre na estreita faixa de floresta subtropical que acompanha o leito dos rios. Segundo as informações obtidas nas fontes históricas, aparentemente a chegada dos Guaranis à foz do rio da Prata antecedeu de muito pouco à dos europeus. Através do vale do rio Jacuí, eles atingem os litorais sul-brasileiro

e uruguaio, instalando-se nas matas que bordejam as lagoas, as lagunas e os pequenos rios da costa atlântica, e as encostas da Serra do Sudeste, no Rio Grande do Sul. Nestas áreas, limítrofes com os campos, defrontaram-se com os caçadores-pescadores pampeanos, rivalizando com eles pela posse das terras férteis restritas, ocupadas pela floresta, onde podiam plantar. Através dos vales do Jacuí e do Sinos, atingiram a planície litorânea. Subiram por ela, ocupando os espaços antes povoados pelos grupos de pescadores-coletores sambaquianos, do Rio Grande do Sul até o sul de São Paulo. Após séculos de migrações que tiveram como ponto de partida a Amazônia, reencontram os Tupis, no litoral de São Paulo, na altura do Trópico de Capricórnio. No decorrer deste longo tempo, apesar de terem permanecido ligados ao mesmo tronco comum lingüístico e cultural, os grupos de horticultores tupis e guaranis adquiriram muitas características próprias. Não apenas duas línguas aparentadas surgiram, a partir do tronco comum original, mas igualmente diferenças culturais importantes. Vivendo nos trópicos, os Tupis centraram a sua produção alimentar na mandioca amarga, da qual extraem a farinha, com a qual produzem o beiju. Muitos recipientes cerâmicos planos e artefatos de fibras vegetais são adaptados a esta produção. Já os Guaranis, em ambiente subtropical, se concentraram na produção do milho e da mandioca doce (ou aipim), para cuja cocção necessitaram de outras formas de recipientes cerâmicos, de formas globulares.

As aldeias dos Guaranis eram, em geral, instaladas em clareiras em meio à floresta subtropical, próximas a fontes de água e sobre colinas situadas junto às várzeas férteis dos rios. Este padrão de ocupação do espaço foi um modelo repetido desde tempos imemoriais. Não apenas se tratava de uma posição estratégica, da qual se podia observar toda a área, mas também da escolha de um lugar mágico. Pela manhã, quando as trevas da noite se dissipavam para dar lugar ao raios de Quaraí, o sol, e quando a neblina começava a subir da calha do rio, prenunciando a



Mapa 5 - Área de dispersão dos sítios e da cerâmica dos Guaranis.
(Baseado em Brochado, 1984)

vida do novo dia, os caciques e pajés pronunciavam as palavras sagradas e inspiradas.

As aldeias compunham-se de casas ovais (ocas, ou ogas) onde habitavam diversas famílias nucleares pertencentes à mesma família extensa clânica. As habitações poderiam ser distribuídas em torno de um espaço coletivo de circulação, reunião, danças, bebedeiras sagradas, festins canibais e mesmo desportos. As cabanas poderiam variar em número, mas geralmente eram de três a seis. A população guarani era bem maior do que a dos grupos de caçadores que os antecederam na região, e com os quais disputaram o território. Próximo às cabanas se encontrava a zona de enterramentos, onde em grandes urnas funerárias de cerâmica, denominadas de "igaçabas", os mortos eram colocados e amarrados em posição fetal. Este ritual estava associado à explicação que haviam elaborado sobre o nascimento dos homens, retirados de um recipiente cerâmico por um personagem mítico. O ambiente florestal e das margens fluviais lhes davam condições de realizar em abundância a caça e a coleta. A inexistência de animais domesticados em toda a América atlântica levou os grupos de horticultores a manterem padrões de subsistência baseados na caça em larga escala, como forma de suprir as suas necessidades de proteínas. Os Guaranis sempre a mantiveram nos ambientes florestais e ribeirinhos (fluviais, lacustres e marinhos). Peixes e moluscos podiam sempre complementar a caça, pois eram abundantes nas águas dos rios, das lagoas, e mesmo do mar. Importante também para completar a dieta alimentar foi a coleta de vegetais, principalmente as raízes, os frutos e as folhas comestíveis, assim como do mel silvestre. O ambiente deveria também ser capaz de suprir outras necessidades dos grupos. Podemos lembrar como exemplos, a argila para a cerâmica, os afloramentos de rochas para a elaboração dos implementos líticos, as fibras vegetais para a cestaria, as penas de aves para a ornamentação pessoal, as madeiras para armas, casas e canoas feitas de um só tronco de árvore (monóxilas).

Em meio às florestas, nas clareiras abertas pelos homens, as mulheres plantavam pequenas roças, nos férteis solos ricos em húmus. A horticultura que praticavam possuía grande variedade de espécies cultivadas. Plantavam o milho, a mandioca, o feijão, a abóbora e a batata, principalmente, alimentos ricos em carboidratos. As variações climáticas e a ocorrência de secas, geadas ou enchentes eventuais, poderiam algumas vezes pôr em risco estas atividades de cultivo. Da mesma maneira que no neolítico europeu, isso representava sérias ameaças à relativa autonomia desses grupos aldeãos. Entretanto, o conhecimento amplo dos recursos do ambiente em que viviam terminava fazendo com que, através da caça, pesca, coleta e da horticultura, os Guaranis tivessem uma "economia da abundância", como todos os demais grupos pré-históricos. O algodão servia de matéria-prima à tecelagem, oportunizando uma fibra vegetal fácil de ser trabalhada e tecida. O plantio do fumo e seu uso em cachimbos de cerâmica estava relacionado com as cerimônias mágicas e também com o lazer. Assim como pela manhã as névoas do rio prenunciavam de maneira mágica o nascimento do novo dia, os pajés inalavam as fumaças do tabaco e as sopravam sobre os recém-nascidos, para favorecer a nova vida. Os porongos, ou cabaças, eram plantados para servirem de recipientes. Quando as contínuas atividades de caça, coleta, pesca e plantio começavam a fazer rarear os recursos, buscava-se um novo local para a instalação da aldeia. Esse fato ocorria periodicamente, estabelecendo o que talvez se pudesse denominar de horticultura seminômade.

Muitas generalizações, feitas no passado em relação à organização social das populações pré-históricas, foram difundidas principalmente nas obras de filósofos sociais. Infelizmente, continuam sendo divulgadas e consideradas como verdadeiras, apesar de revelarem-se hoje como absolutamente errôneas. O progresso das pesquisas e das novas informações obtidas, em grande parte pela arqueologia e pela etnografia, comprovam a necessidade de testar sem cessar nossas teorias. O arqueólogo, o historiador

e o etnólogo, têm dificuldades para a reconstituição destas culturas do passado quando trabalham de maneira isolada. Os interfaces oportunizados pela interdisciplinaridade e os contrastes entre as evidências oportunizadas pelas pesquisas históricas, arqueológicas e antropológicas, é que nos permitem discernir mais possibilidades e ultrapassar os limites das análises e teorias tradicionais de cada uma das ciências isoladas. Em relação aos Guaranis, as pesquisas têm demonstrado que a vida destes grupos é bem mais complexa do que se imaginava. Algumas das características da organização social dos horticultores guaranis são um bom exemplo de como nossas teorias, em grande parte europocêntricas, devem ser continuamente revisadas e criticadas. Vejamos alguns dados fundamentais, relativos aos aspectos sociais destacados nas interpretações do passado e hoje reinterpretadas.

Em primeiro lugar, as relações de parentesco são tão ou mais complicadas do que as nossas e do mesmo modo lógicas. As famílias nucleares são formadas por pai, mãe e dois filhos no máximo, graças a um controle demográfico constante que é tradicional a estas populações. Existe um conjunto de famílias nucleares, morando cada uma em seu espaço próprio, balizado pelos troncos de sustentação do telhado, no interior das grandes "ocas". Nessas casas comunais, as famílias nucleares se organizam numa extensa família clânica, com casamentos exogâmicos. Esta unidade social que habita a grande casa, é o núcleo fundamental dos grupos horticultores, e não a tribo ou as famílias nucleares. As diversas casas com suas famílias extensas, dão vida à aldeia. Em caso de crise econômica, são as unidades familiares extensas que se separarão, em busca do alimento, desfazendo por um tempo a aldeia. Teoricamente, isto significa que entre as esferas do privado e do coletivo, do individual e do comunitário, podem existir outras instâncias tão ou mais importantes para a explicação histórica.

Em segundo lugar, o sistema social não era matriarcal, como se afirma desde o século passado, em relação às

populações denominadas de neolíticas. O papel das mulheres guaranis era subalterno. As lideranças familiares de cada oca, aldeia e tribo, são sempre masculinas. Os caciques (tubichá ou morubixaba) e os xamãs ("pajés") nunca foram atores sociais femininos. O que servia de indicador social do prestígio de um guerreiro, era o número de mulheres que podia manter.

Um terceiro aspecto é o caso específico da propriedade. As indicações existentes evidenciam a complexidade e a diversidade das sociedades pré-históricas, em lugar da uniformidade simplista que se oculta sob os conceitos generalizantes relativos ao coletivo. Entre os grupos guaranis, existem bens individuais, como as redes para dormir, as armas dos guerreiros ou seus adornos plumários para as festas, muitos dos quais eram enterrados com seus proprietários, em caso de morte, nas grandes urnas funerárias. Cada família nuclear tem, igualmente, seus pertences, localizados na área especial que ocupa dentro das grandes casas, tais como seus recipientes cerâmicos de cozinha, por exemplo. Entretanto, a propriedade predominante é denominada de "abambaé" entre os horticultores guaranis, e está relacionada com a família extensa e com a grande casa. Os alimentos e demais produtos obtidos nas áreas de produção horticultora, nas clareiras abertas nas matas, pertencem a cada uma das grandes casas. Essas áreas foram distribuídas criteriosa e cuidadosamente pelos caciques a cada mudança da aldeia. Essas realidades sociais nos demonstram que entre os dois tipos sempre citados de propriedade, privada ou coletiva, que para muitos estudiosos deveriam ter existido de maneira exclusiva ao longo de toda a História, existem outras formas ainda pouco estudadas na história econômica. É o caso acima citado do "abambaé" guarani. Outro aspecto a ser destacado e que ilustra melhor esta problemática da propriedade dos grupos pré-históricos, é o da circularidade dos bens. Trata-se da instituição social da "reciprocidade". Internamente, entre os indivíduos da mesma grande casa, existe uma espontaneidade no que se refere ao apoio e ao auxílio

que cada membro deve aos demais. A reciprocidade dos bens e dos presentes (ou dons), é obrigatória, irrestrita e espontânea. Entre as casas de uma aldeia, já não ocorre assim. A circulação dos bens é equilibrada, ou seja, a reciprocidade sofre uma espécie de controle pelo qual os bens dados devem ser aproximadamente iguais aos bens recebidos. Em relação a outras aldeias dos horticultores a reciprocidade deve ser por igual equilibrada, havendo trocas quando se julgava satisfatória a equivalência dos bens. Aos inimigos, a reciprocidade será evidentemente negativa, ou seja, as trocas serão substituídas pelo conflito e o saque. Os territórios de caça, de pesca e de coleta são livremente percorridos por todos os habitantes de uma aldeia. Esta situação configura uma visão bem complexa da posse dos bens e de sua circulação no conjunto dos grupos horticultores. Significa também que a análise social que fazemos, a partir dos padrões de nossa sociedade atual, nem sempre servem de abordagem segura para a compreensão de outras sociedades. A criatividade da humanidade foi bem maior ao longo da história e não restrita apenas ao campo da arte, como é normal se afirmar. Longe de comprovar a teoria da miséria e do subdesenvolvimento, no estudo das populações pré-históricas, a pesquisa nos leva à constatação da miséria de nossas teorias, se elas não forem continuamente testadas e submetidas à crítica.

Outras importantes características do modo de vida destes grupos, principalmente no que diz respeito às formas de organização sociopolítica, vêm sendo esclarecidas pelas pesquisas etno-históricas. As parcialidades dos Guaranis eram dirigidas por líderes políticos denominados de tubichás e por líderes xamânicos conhecidos por pajés. Os caciques lideravam os grupos na guerra, serviam de poder moderador apaziguando os conflitos internos e eram encarregados da aplicação das leis e costumes tradicionais. Lideravam, portanto, pelo prestígio que lhes era atribuído no desempenho destas importantes funções. Esse prestígio era obtido pela vitória contra os inimigos, pela capacidade de fazer alianças e solucionar problemas, pelo domínio da

palavra e pela distribuição de bens produzidos pelas suas diversas mulheres. Nunca tiveram poder político, pois não podiam utilizar a força para se imporem aos demais guerreiros. A poligamia era um dos atributos da liderança cacical, e está relacionada com outra importante instituição social, a redistribuição dos bens. Pelo processo de redistribuição, a liderança cacical terá tanto ou mais prestígio quantos bens distribuir entre os membros da aldeia. Como todos os demais membros do grupo dão presentes ao líder, ele somente poderá manter o prestígio redistribuindo tudo o que ganha e, além disso, ofertando os produtos do artesanato de suas diversas mulheres. Para o guerreiro comum, o prestígio somente viria através da vitória na guerra, contra o inimigo. Quando a memória coletiva começasse a esquecer o feito bélico realizado, o guerreiro deveria investir outra vez contra seus inimigos, arriscando-se, entretanto, a também morrer.

As lideranças xamânicas guaranis, desempenhadas pelos pajés, demonstram-nos a complexidade das suas crenças. Os mais importantes dentre eles, o karaí não morava nas aldeias, mas nas suas proximidades. Não estavam assim vinculados ao sistema de parentesco, e podiam afirmar serem filhos dos deuses. O karaí e os pajés das aldeias, desempenhavam o papel de intermediários entre as forças da natureza e os Guaranis, utilizando-se para isso dos mitos em que acreditavam. Eram feiticeiros, praticando magia branca e negra. Ao praticar a magia branca, portavam-se como curandeiros que tentavam livrar as pessoas das doenças, através de práticas mágicas. Seu prestígio vinha do uso das palavras inspiradas e das danças religiosas que faziam. Foram sempre os defensores do modo de ser tradicional guarani, antepondo-se, de maneira radical, às mudanças de hábitos e costumes. Isto ocorreu, sobretudo, quando dos contatos com a sociedade luso-espanhola. Os Guaranis e seus pajés defendiam a busca da "terra sem mal", uma espécie de paraíso imaginado como sendo a floresta tropical, cheia de caça e frutos, ainda intocada pela mão do homem. Muitas vezes a liderança política cacical e a liderança reli-

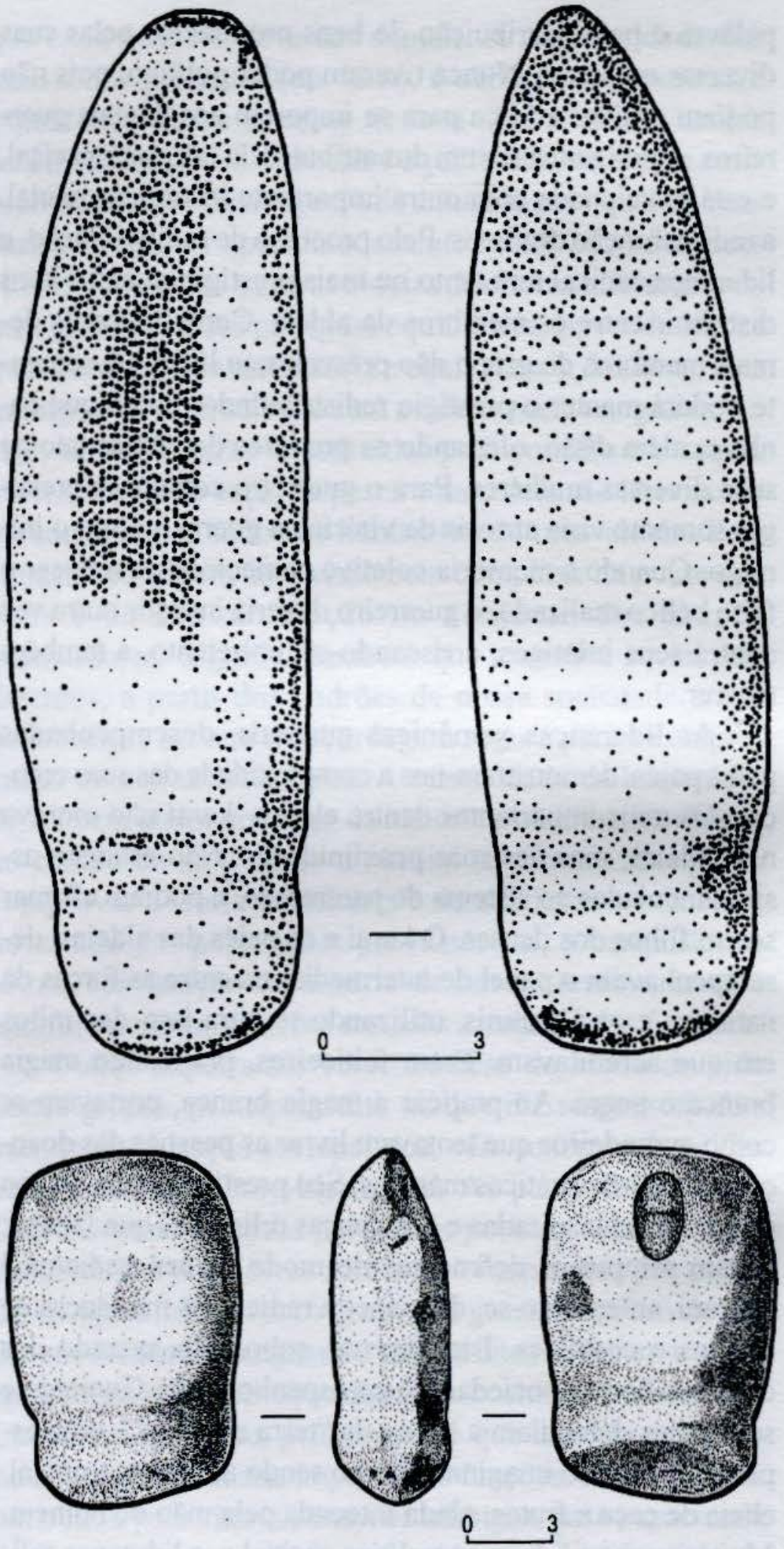
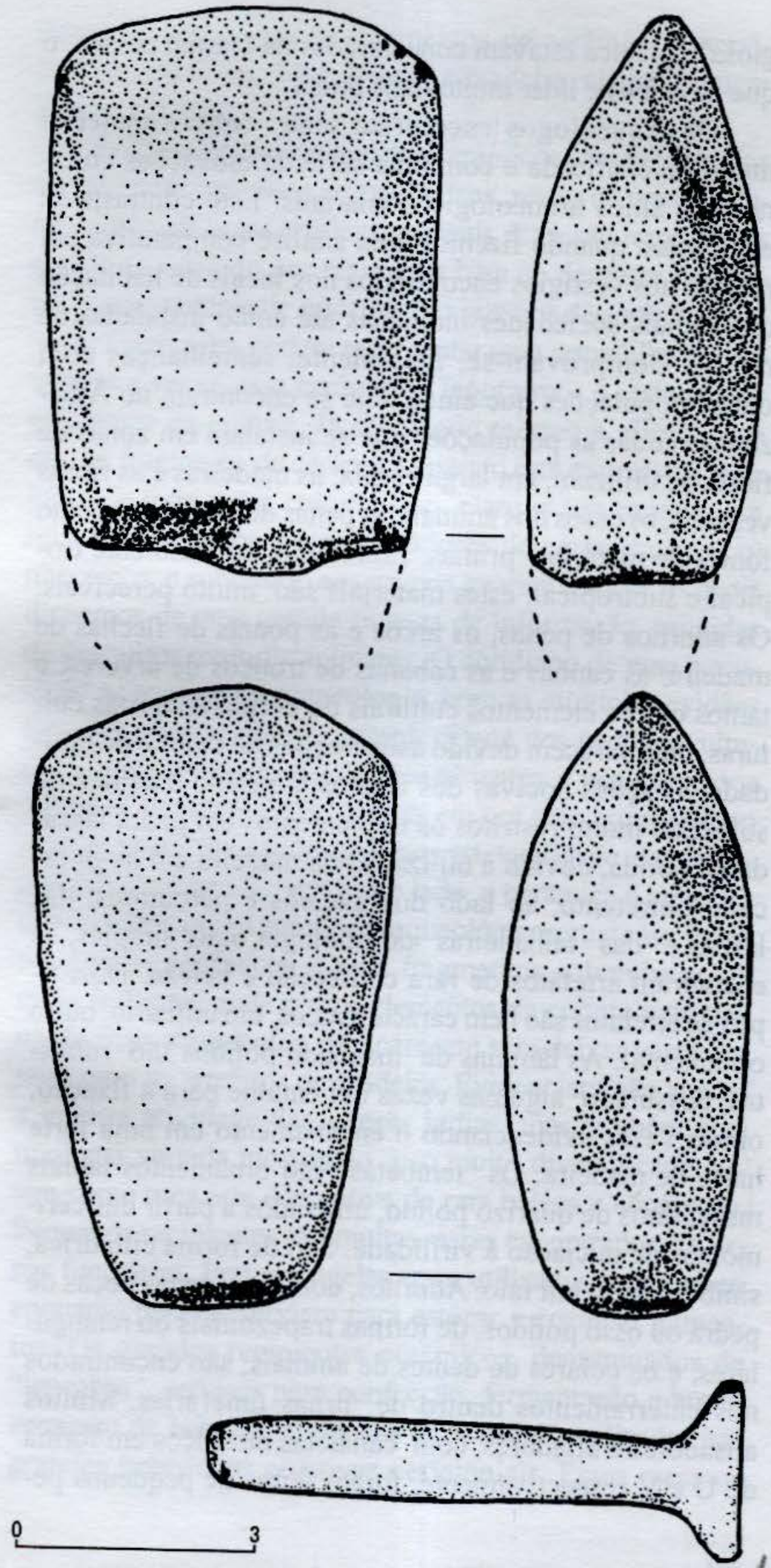


Fig.7 - Grupos de horticultores aldeãos Guaranis (artefatos polidos: lâminas de machado e tembetá labial).



giosa xamânica estavam concentradas na mesma pessoa, o que dava a este líder muito mais poder.

Os arqueólogos encontram uma cultura material muito diversificada e com uma série de inovações culturais nos sítios arqueológicos guaranis. Este contraste se evidenciou quando fizemos uma análise comparativa em relação aos vestígios encontrados nos locais de habitação das demais sociedades indígenas até então instaladas na região. Comprovam-se, igualmente, semelhanças com outras populações que ainda hoje se encontram no Amazonas. Todas as populações que se instalam em zonas de florestas utilizam, em larga escala, as madeiras e as fibras vegetais, os ossos dos animais, as penas de aves, etc., como fontes de matérias- primas. Entretanto, em ambiente tropical e subtropical, estes materiais são muito perecíveis. Os adornos de penas, os arcos e as pontas de flechas de madeira, as canoas e as cabanas de troncos de árvores, e tantos outros elementos culturais do cotidiano destas culturas, desaparecem devido às variações de calor e de umidade, às ações nocivas dos insetos e mesmo à acidez do solo. São muito restritos os implementos em pedra lascada ou polida, devido à utilização da madeira em larga escala. Entretanto, ao lado dos núcleos e percutores, das lascas e das talhadeiras de tipologia mais simples, se encontram artefatos de rara confecção e beleza. Dois tipos de artefatos são bem característicos, um utilitário, outro ornamental. As lâminas de machado polidos são robustas, possuíndo algumas vezes um entalhe para a fixação, outras vezes evidenciando o encabamento em uma forte haste de madeira. Os "tembetás" são ornamentos labiais masculinos de quartzo polido, utilizados a partir das cerimônias de iniciação à virilidade. São de forma cilíndrica, simbolizando um falo. Adornos, como pequenas peças de pedra ou osso polidos, de formas trapezoidais ou retangulares, e os colares de dentes de animais, são encontrados nos enterramentos dentro de urnas funerárias. Muitos alisadores e afiadores, com canaletas ou sulcos em forma de U e V respectivamente, foram feitos de pequenos pe-

daços de arenito ou de fragmentos de cerâmica, e serviram para polir artefatos de osso e madeira, além de aguçar gumes e pontas.

Fragmentos de recipientes cerâmicos são encontrados aos milhares nos sítios arqueológicos, restos de uma produção realizada pelas artífices guaranis. Eles são importantes para o arqueólogo por resistirem bem ao desgaste do tempo, e pelo volume de informações que nos dão sobre o passado. Entretanto, podem representar uma armadilha se passarmos a ver só essa cerâmica e ignorarmos o restante dos elementos da cultura. Já se chegou mesmo a afirmar que em um fragmento de cerâmica guarani está expresso o conjunto de toda a sua cultura. Isso, claro, é um exagero em relação a todos os povos portadores de cerâmica que conhecemos, e sobretudo aos grupos guaranis, sobre os quais dispomos de uma grande riqueza de informação, oriundas de pesquisas multidisciplinares. O cotidiano de uma população se analisa, na arqueologia, com as múltiplas evidências que testemunham a complexidade dos padrões culturais, sua adaptação aos paleoambientes e aos contextos sociais e culturais. E não apenas em um sítio arqueológico muitas vezes semidestruído, mas na totalidade das informações disponíveis. Por outro lado, a cerâmica é uma evidência indiscutível nos sítios arqueológicos guaranis. Esses recipientes cerâmicos e seus fragmentos sobrevivem em meio ambiente onde outros elementos da cultura material, muito mais abundantes, desaparecem sem deixar vestígios, tais como os artefatos de madeira. Evidenciam não apenas a intensa atividade das artesãs índias, mas também uma tipologia variada mostrando uso muito diversificado, assim como uma arte decorativa de rara beleza e confecção. Pequenos recipientes são muitas vezes encontrados em urnas funerárias. Pratos e tigelas eram utilizados para comer, enquanto panelas serviam para estocar e cozinhar alimentos. Os grandes recipientes cerâmicos, denominados de "igaçabas", serviam para confecção, fermentação e armazenagem de bebidas alcoólicas (o "cauim") utilizadas nas grandes bebedeiras coletivas cerimoniais. Esses mesmos

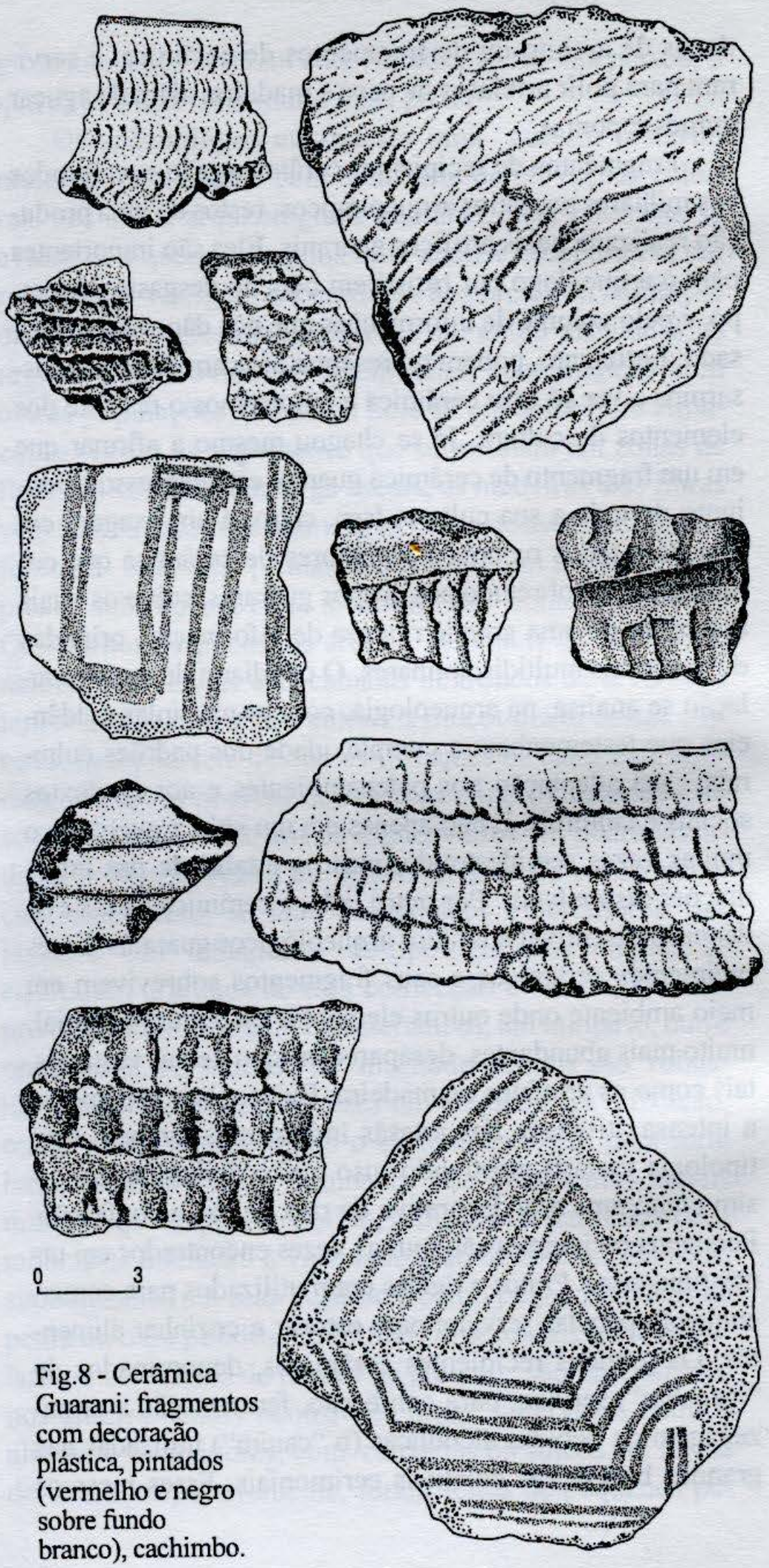
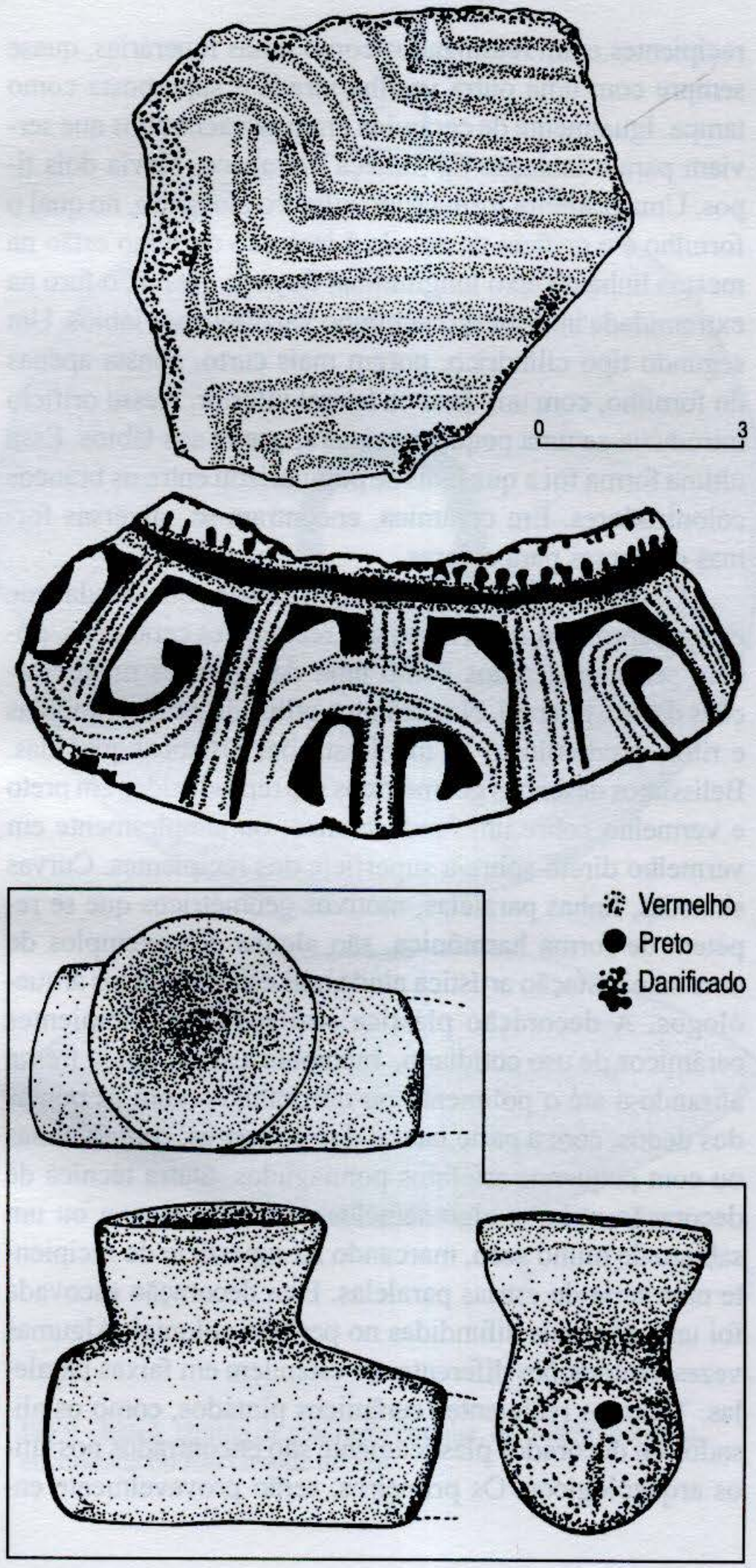


Fig.8 - Cerâmica Guarani: fragmentos com decoração plástica, pintados (vermelho e negro sobre fundo branco), cachimbo.



recipientes eram reutilizados como urnas funerárias, quase sempre com uma outra vasilha virada e superposta como tampa. Igualmente de cerâmica eram os cachimbos que serviam para a inalação da fumaça do tabaco. Havia dois tipos. Uma primeira forma é um cilindro alongado, no qual o fornilho e o orifício destinado à inalação do fumo estão na mesma linha do eixo longitudinal da peça. Assim, o furo na extremidade inferior do cachimbo vai direto aos lábios. Um segundo tipo cilíndrico, porém mais curto, consta apenas do fornilho, com um furo na lateral inferior. Nesse orifício introduzia-se uma pequena taquara, que ia aos lábios. Essa última forma foi a que mais se popularizou entre os brancos colonizadores. Em cerâmica, encontram-se diversas formas de contas para colares.

Os diversos tipos de decoração plástica ou pintada, que encontramos nas superfícies dos recipientes cerâmicos, podem ser considerados como uma das grandes manifestações da arte guarani. Na cerâmica utilizada para cerimônias e ritos, predominam as manifestações artísticas pintadas. Belíssimos desenhos geométricos são reproduzidos em preto e vermelho sobre um fundo branco, ou simplesmente em vermelho direto sobre a superfície dos recipientes. Curvas sinuosas, linhas paralelas, motivos geométricos que se repetem de forma harmônica, são alguns dos exemplos de uma manifestação artística ainda mal-estudada pelos arqueólogos. A decoração plástica realizada nos recipientes cerâmicos de uso cotidiano, manipula a argila ainda fresca alisando-a até o polimento ou decorando-a com as pontas dos dedos, com a parte lateral dos polegares, com as unhas ou com pequenos artefatos pontiagudos. Outra técnica de decoração utilizou algo semelhante a uma escova ou um sabugo de milho seco, marcando na superfície do recipiente uma série de estrias paralelas. Esta decoração escovada foi uma das mais difundidas no período colonial. Algumas vezes, decorações diferentes se estendem em faixas paralelas. Tanto os recipientes cerâmicos pintados, como os alisados ou decorados plasticamente são encontrados nos sítios arqueológicos. Os primeiros, serão provavelmente en-

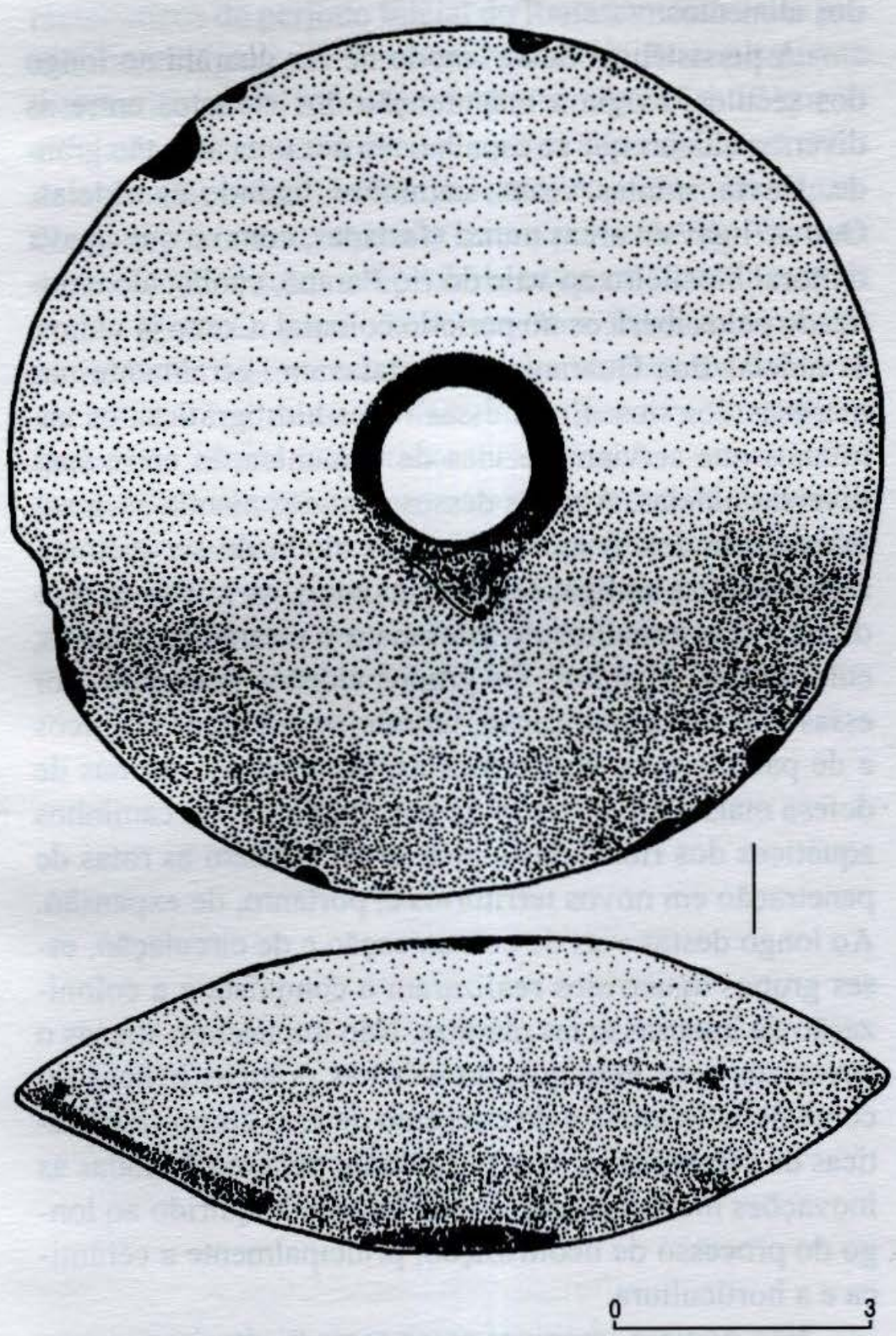


Fig.9 - Itaiçá: lâmina de machado circular, de origem peruana, encontrada no Rio Grande do Sul.

contrados nas áreas onde as cerimônias rituais foram realizadas. Os demais, nas áreas de cocção ou de armazenagem dos alimentos.

A persistência desse modo de ser guarani ao longo dos séculos, exigia a manutenção dos contatos entre as diversas aldeias que se espalhavam por uma área tão grande. Havia, muitas vezes, caminhos ligando as aldeias. Outros ligavam áreas muito afastadas, como o que ligava o litoral brasileiro ao vale do rio Paraná, conhecido e utilizado pelos ibéricos no período colonial. Como já vimos, as aldeias dos Guaranis, se instalavam geralmente nas margens dos rios. Eram essas redes hidrográficas os caminhos que serviam de vias de comunicação entre suas diversas aldeias. Através desses contatos mantia-se a solidariedade dos grupos, o mesmo modo de ser guarani, realizavam-se as ligações matrimoniais, as trocas de produtos e dos trabalhos de artesanato e mesmo as guerras, entre grupos vizinhos. Os grupos aldeãos poderiam, por essas vias de comunicação, unirem-se por laços políticos e de parentesco a outras aldeias, organizando formas de defesa mais efetiva contra os seus inimigos. Os caminhos aquáticos dos rios e das lagoas eram também as rotas de penetração em novos territórios e, portanto, de expansão. Ao longo destas vias de comunicação e de circulação, esses grupos aguerridos realizaram a conquista e a colonização de imensas áreas platinas. Não impuseram apenas o terror aos seus inimigos, através das práticas bélicas do combate individual e do consumo de seus corpos em práticas de canibalismo, mas difundiram pela região todas as inovações modernizadoras que haviam adquirido ao longo do processo de neolitização, principalmente a cerâmica e a horticultura.

Não podiam imaginar esses sempre vitoriosos guerreiros guaranis, que muito mais tarde eles seriam, por sua vez, invadidos e conquistados pelos portugueses e espanhóis. Por mais que tenham resistido indomitamente a estas sucessivas invasões, seu território passou cada vez mais a restringir-se e seu modo de vida foi quase aniquilado. Os conquistadores ibéricos estavam equipados com instrumentos da modernização, entretanto, desta vez característicos do período inicial do Renascimento e dos primeiros estágios de desenvolvimento do capitalismo mercantilista. Foi no decorrer dos séculos 16 e 17 que as aldeias guaranis se viram em contato com as duas frentes de expansão colonizadoras ibéricas. A portuguesa expandindo-se para o sul e para o leste a partir de São Vicente, Santos e São Paulo, a espanhola ocupando os espaços da região platina a partir de Assunção e Buenos Aires. As vicissitudes destes contatos entre os brancos ibéricos e as sociedades indígenas ali instaladas geraram em parte o genocídio, e uma importante miscigenação com as transformações culturais decorrentes. As venturas e desventuras desta nova população, que emerge deste processo histórico, abrem um novo capítulo na história da região platina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida deste estudo teve como objetivo a realização de uma síntese histórica sobre a temática do processo de povoamento indígena da região platina oriental. Esse imenso panorama de longa-duração está relacionado aos caçadores, coletores, pescadores e horticultores pré-históricos que aqui se estabeleceram em meio às paleopaisagens em transformação, tendo como bases os documentos e as informações arqueológicas e históricas existentes atualmente. As linhas gerais que guiaram este estudo foram a reconstituição de cada uma das etnias que se instalou nessa área, a partir do estudo dos seus padrões de subsistência, das fontes de matérias-primas exploradas, das tipologias dos artefatos (líticos, ósseos, cerâmicos) que desenvolveram, das artes que elaboraram, das cronologias históricas conhecidas, dos processos adaptativos dos grupos pré-históricos com as paleopaisagens em mudança, das relações de conflitos ou de integrações socioculturais com as outras etnias. As informações foram organizadas em um quadro espaço-temporal, onde se destacaram os grandes momentos de transição, tanto das paleopaisagens como das culturas. A ocupação e o povoamento da região platina oriental foram explicadas, ao longo dos milênios, desde o momento que os primeiros caçadores aqui chegaram, até as investidas colonizadoras dos Guaranis e dos povos ibéricos. A realização desse estudo foi julgada necessária, principalmente tendo em vista o atual estado em que se encontram as pesquisas. A reconstituição deste longo processo histórico teve como ponto de partida o princípio de que este é um dos maiores objetivos da Arqueologia.

Esta análise permitiu identicamente um maior rigor conceitual, assim como a superação de algumas interpretações teóricas e de modelos que ainda estão sendo utilizados, apesar de ultrapassados. A inter-relação e a contemporaneidade dos complexos processos de evolução orgânica, das transformações ambientais e de desenvolvimento sociocultural, que caracterizaram a história da humanidade, tiveram que ser heuristicamente estudados e teoricamente reinterpretados, bem como as ações e reações que dialeticamente integram estes processos. Foram superados muitos conceitos ou repensados os paradigmas de referência e as relações de pertinência entre os conceitos e a realidade evidenciada. Este fato ocorre fundamentalmente pela dificuldade de se forçar os dados arqueológicos a entrar em quadros de referência conceitual apriorísticos, sobretudo os norte-americanos e europeus, sem que se leve em conta a sua pertinência e adequação. Isto nos dá hoje em dia a possibilidade de escrever com maior clareza novas páginas de nossa história, procurando superar as visões reducionistas ou simplesmente os preconceitos existentes. Não ignoramos, entretanto, as limitações do atual estágio em que se encontram as ciências da História e da Arqueologia, tendo em vista que trabalhamos com apenas amostragens das informações arqueológicas e históricas possíveis, e com teorias e modelos que ainda estão sendo testados e substituídos por outros mais eficientes, na medida em que a pesquisa se desenvolve.

As análises diacrônicas globais como estas são necessárias, como forma de levar à sociedade a memória de seu passado histórico. Mesmo que restem ainda muitas etapas das pesquisas a serem realizadas, antes de uma versão ainda mais abrangente, esse estudo visa resgatar de uma memória histórica social. Ela é ainda desconhecida ou simplesmente por nós ignorada, propositadamente, como se tivéssemos que apenas destacar os fatos e atos da sociedade branca, ocultando e desprezando a história milenar de outras etnias, como se ela não existisse. A sín-

tese histórica aqui desenvolvida, teve a finalidade de sanar esta lacuna considerável em nossos conhecimentos. Os crimes que se realizaram no nosso passado histórico, como é o caso do genocídio de inúmeros grupos indígenas, ou os que se realizam ainda hoje contra algumas minorias e a grande maioria de nossa sociedade, sempre nos deixam com uma sensação de desconforto e de indignação. Muitas populações indígenas derrotadas ou perseguidas, foram muitas vezes aniquiladas fisicamente num genocídio imperdoável, por outros grupos indígenas ou pelos europeus. Nos nossos livros de História, freqüentemente este fato é oculto ou ignorado. Entretanto, uma etnia não é composta apenas por grupos de indivíduos, mas pela tradição cultural que desenvolveu ao longo dos séculos. Quando grupos inteiros desaparecem da história, podem morrer juntamente com eles seus valores culturais, suas práticas sociais, seus padrões de desenvolvimento tecno-econômicos, suas formas de organização política, seus mitos e crenças, num etnocídio definitivo. Entretanto, isto nem sempre ocorreu. Muitas vezes as populações indígenas vencidas se miscigenaram aos vencedores e transmitiram a esses os seus padrões culturais, como ocorre em nossa sociedade. Se persiste, atualmente, um desconhecimento muito grande em relação às vicissitudes históricas das etnias de grupos que colaboraram com nossa formação sociocultural, esperamos que este estudo possa minorar o problema.

Temos, igualmente, a necessidade de conscientizarnos da proteção destes riquíssimos arquivos documentais que são os sítios arqueológicos, fonte imprescindível para as nossas reconstituições históricas. De maneira preconceituosa e sem a menor consciência, a nossa sociedade investe contra seu próprio passado, ao destruir de maneira irrefletida o seu patrimônio cultural e artístico, histórico ou arqueológico. Insensível e irrefletidamente, aniquilamos seus últimos vestígios e os de sua participação em nossa história. Os atuais desenvolvimentos econômicos da sociedade, tanto nas zonas rurais como urba-

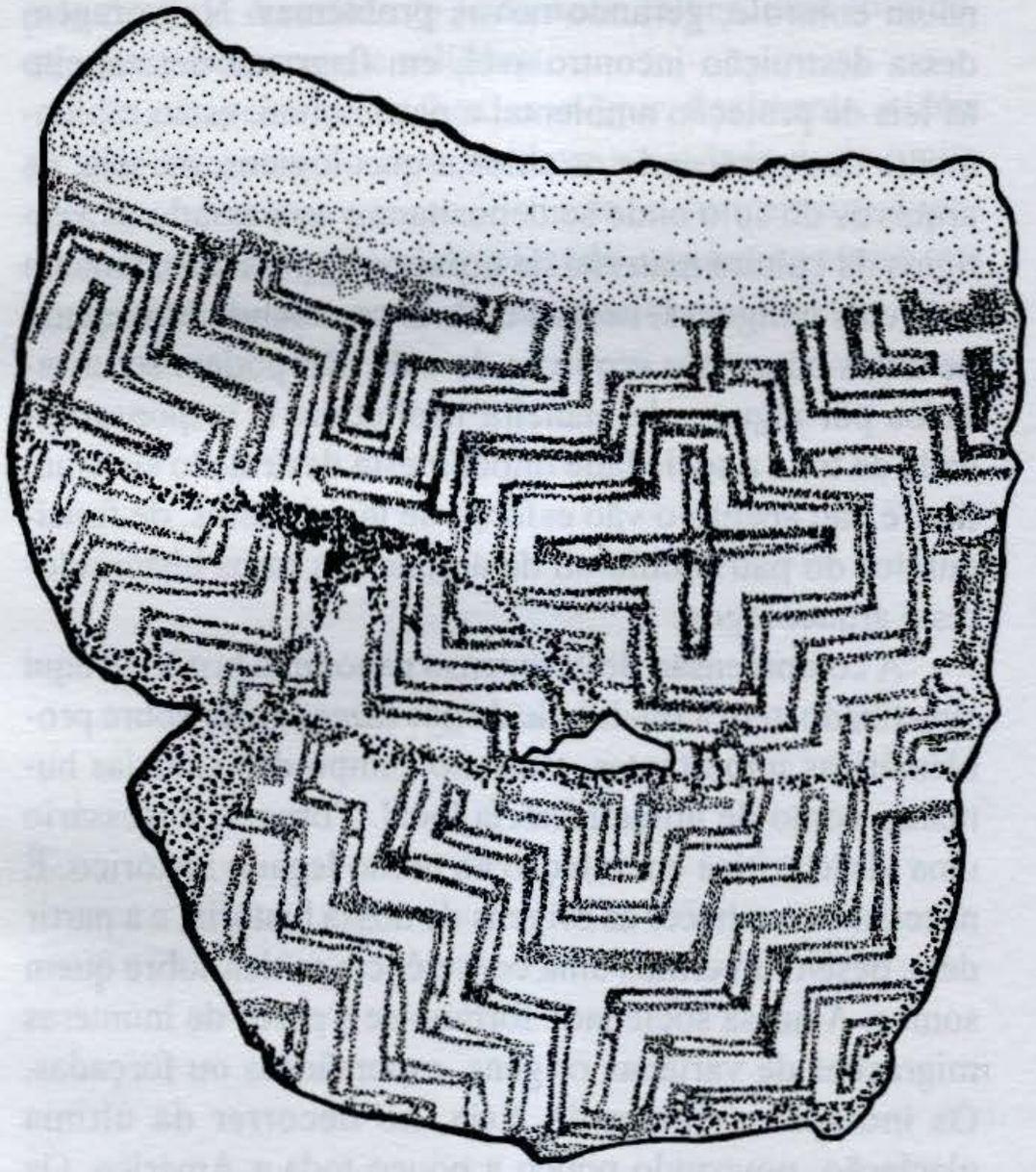


Fig.10 - Fragmento de cerâmica Guarani, representando o mito amazônico da dupla trave de madeira que sustenta o mundo (pintado em vermelho sobre fundo branco).

nas, têm perturbado como nunca nosso planeta. A implantação de redes de estradas de rodagens, a abertura de canais de irrigação, a derrubada das florestas e sua substituição por áreas agricultáveis, a instalação de barragens e imensos lagos para a produção de energia elétrica, são alguns dos fenômenos antrópicos que têm reduzido a fauna e a flora, modificado o relevo e transformado o clima. Tentamos, em nome do progresso, encontrar soluções cada vez mais onerosas para resolver os problemas de uma sociedade que cresce demograficamente, quase que sem nenhum controle, gerando novos problemas. Na voragem dessa destruição incontrolável, em flagrante desrespeito às leis de proteção ambiental e patrimonial, estão rapidamente desaparecendo os sítios arqueológicos, ou seja, os arquivos do solo onde se depositaram no passado os vestígios da cultura material de nossos antepassados, tenham sido eles indígenas, negros ou brancos. Sendo um legado de todos nós, esses arquivos do solo não podem ser arrasados por alguns, de maneira irrefletida. É responsabilidade de toda a sociedade impedir esta destruição sistemática, e não apenas o vão esforço de legisladores, de funcionários do patrimônio ou de alguns dos raros historiadores e arqueólogos.

A compreensão deste extenso panorama histórico aqui sintetizado, tem a finalidade de nos fazer pensar sobre problemáticas importantes, tanto no campo das ciências humanas como de nossa história local. Torna-se necessário uma visão crítica em relação ao nosso legado histórico. É necessário conhecer as origens de nossa história, e a partir dela, desenvolvermos uma consciência crítica sobre quem somos. A nossa sociedade formou-se a partir de inúmeras migrações de variadas origens, espontâneas ou forçadas. Os indígenas vieram da Ásia, no decorrer da última glaciação, povoando pouco a pouco toda a América. Os negros saíram da África, como escravos, obrigados a uma migração forçada. Os brancos migraram em levas sucessivas, da Europa, ao longo de todo o período colonial. É importante que a nossa sociedade atual tenha consciência

deste longo processo histórico para que possamos compreender nossa inserção em sua última, relativa e transitória etapa. Dessa maneira tomaremos consciência de nossa situação existencial. Muito já se valorizou a herança dos europeus para a nossa sociedade. É tempo, agora, de respeitar e reconhecer finalmente o legado de outras etnias que nos antecederam e que nos acompanham ainda atualmente. Os grupos indígenas, por sua vez, poderão tomar consciência da importância do processo histórico do qual foram protagonistas, repensando os caminhos de seu próprio destino. A resultante poderá ser, talvez, uma sociedade mais justa, coesa e solidária.

Essa história talvez faça prevalecer, finalmente, a idéia de que a construção de uma nova sociedade pode muito bem ser feita, sem a necessidade de se destruir o ambiente, o patrimônio cultural do passado e as outras etnias que compartilham conosco o espaço social.

BIBLIOGRAFIA SELETIVA

Nesta bibliografia somente serão apresentados, de maneira seletiva, os trabalhos de cunho geral que possam dar ao leitor uma visão um pouco mais aprofundada. São artigos ou livros, dissertações ou teses que tentam, de maneira sintética, nos explicar genericamente o conjunto dos dados obtidos através das pesquisas arqueológicas e etno-históricas.

Para um aprofundamento maior, não apenas do ponto de vista geral, mas tendo em vista cada uma das culturas das áreas estudadas ao longo destes últimos trinta anos, esta bibliografia será suficiente.

BARRIOS PINTOS, Anibal.

1971 *Historia de los pueblos orientales*. Montevideo: Ed. de la Banda Oriental. 528p.

1975 *Aborigenes e indigenas del Uruguay*. Montevidéu: Ed. de la Banda Oriental. 59p.

BECKER, Itala Basile

1976 *O índio Kaingáng no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: IAP/UNISINOS. 334p.

1982 *El indio y la colonización. Charrua y Minuanes*. São Leopoldo: IAP/UNISINOS. 286p.

BROCHADO, José Proenza.

1973 Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupi-guarani. *Relaciones* (Argentina) n.7, p.77-89.

1977 *A analogia etnográfica na reconstrução da alimentação por meio de evidências indiretas. A mandioca na floresta tropical*. Porto Alegre. (Cad. 2). 103p.

1984 *Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul.* (Tese *de* doutorado). Urbana (Illinois): Univ. of Illinois, EUA. 574p.

BROCHADO, José Proenza et alii.

1969 Arqueologia brasileira em 1968. *Publicações Avulsas Museu Paraense Emilio Goeldi*, Belém, n.12, 33p.

CABRERA PEREZ, Leonel; CURBELO, Maria del Carmen.

1990 Analisis de las estrategias adaptativas desarrolladas en el Uruguay Medio. *Revista do CEPA*, v.17, n.20, p.359-70.

CAGGIANO, Maria Amanda.

1984 Prehistoria del N.E. argentino y susvinculaciones con la republica del Uruguay y sur de Brasil. *Pesquisas* (Antropologia), n.38, p.5-109.

1990 Los ribereños plásticos del delta del Paraná. In: Anais da V Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. *Revista do CEPA*, v.20, n.17, p.415-35.

CONSENS, Mario.

1986 Situación actual de la prehistoria uruguaya. *Hoy es Historia*, v.35, n.3, p.80-94.

COPÉ, Silvia Moehlecke.

1985 *Aspectos da ocupação pré-colonial no Vale do Rio Jaguarão, RS*. São Paulo: USP, 270p.

FEMENIAS, J.; RODRIGUEZ, O.; DIAZ, Antonio; BAEZA, J. et alii.

1985 *Estado actual de las investigaciones arqueo-*

logicas en elUruguay.Montevidéo: Centro de Estudios Arqueologicos. 72p.

FEMENIAS, J.; L PEZ, J.; BRACCO, R.; CABRERA, L. et alii.
1990 Tipos de enterramiento en estructuras monticulares ("cerritos") en la région de la cuenca de la Laguna Mérin. *Revista do CEPA*, v.20, n.17, p.345-57.

HILBERT, Klaus.
1991 *Aspectos de la arqueologia en el Uruguay*. Mainz: Verlag Philipp Zabern (Komission für Allgemeine und Vergleichende Arcäeologie, v.11), 1991.

KERN, Arno Alvarez.
1981 *Le précéramique du plateau sud-brésilien*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales. 427p.
1982 Paleopaisagens e povoamento pré-histórico do Rio Grande do Sul. *Estudos Ibero-Americanos*, v.8, n.2, p.153-208.
1983 Variáveis para a definição e a caracterização das tradições pré-cerâmicas Humaitá e Umbu. *Revista do IFCH-UFRGS*, n.11-12, p.205-15.
1985 As novas perspectivas da pré-história: avanços teóricos sobre as origens do homem. *Veritas*, v.30, n.117, p.41-56.
1985 O processo histórico platino no século 17: da aldeia guarani ao povoado missioneiro. *Estudos Ibero-Americanos*, v.11, n.1, p.23-41.

KERN, Arno Alvarez; SOUZA, José Otávio de; SEFFNER, Fernando.
1989 Arqueologia de salvamento e a ocupação pré-histórica do vale do rio Pelotas *Veritas,* v35, n.133, p.99-127; v.34, n.134, p.277-300.

KERN, Arno Alvarez (org.); JACOBUS, A.; RIBEIRO, P.; et alii.
1991 *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto. 356p.

LAMING-EMPERAIRE, Anette.
1975 Problèmes de préhistoire brésilienne. *Annales Economies, Sociétés, Civilisations*, n.5, p.1229-60.

MEGGERS, B.; EVANS, C.
1977 Las tierras bajas de Suramerica y las Antillas. *Revista de la Universidad Católica*. Quito: Equador, v.5, n.17, p.11-69.

OTTONELLO, María; LORANDI, Ana María.
1987 *Introducción a la arqueologia y etnologia. Diez mil años de Historia Argentina*. Buenos Aires: EUDEBA. 210p.

PRONAPA
1967-74 *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*. Belém, Publicações avulsas do Museu Paraense Emilio Goeldi.

PROUS, André.
1991 *Arqueologia brasileira*. Brasília: Ed. Univ. de Brasília, 605p.

PROUS, A., PIAZZA, W. F.
1977 *Documents pour la préhistoire du Brésil Méridional: l'État de Santa Catarina*. Paris: CNRS (Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud, v.4). 178p.

RIBEIRO, Pedro Mentz.
1978 A arte rupestre no sul do Brasil. *Revista do CEPA*, v.7.

1979 Indústrias líticas do sul do Brasil: tentativa de esquematização. *Veritas*, v.96, n.24, p.471-92.
1991 *Arqueologia do Vale do Rio Pardo.* (Tese de Doutorado). Porto Alegre: Pós-Graduação em História, PUCRS.

SANTOS, Maria Cristina.
1988 *Os movimentos guarani de resistência à colonização da bacia platina* (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: Pós-Graduação em História, PUCRS, 231p.

SANTOS, Sílvio Coelho.
1978 *O homem índio sobrevivente do sul*. Florianópolis/Caxias do Sul/ Porto Alegre: Univ. Federal de Santa Catarina, Universidade de Caxias do Sul, ANAI, Ed. Garatuja. 117p.

SCHOBINGER, Juan.
1969 *Prehistoria de Suramerica*. Barcelona: Labor, 256 p.

SCHMITZ, Pedro Inácio.
1976 *Sítios de pesca lacustre em Rio Grande, RS, Brasil*. São Leopoldo: IAP/UNISINOS, 231p.
1978 Indústrias líticas en el sur de Brasil. *Estudos Leopoldenses*, v.14, n.47, p.103-29.
1984 Caçadores e coletores do sul. In: SCHMITZ, P. I. *Caçadores e coletores da pré-história do Brasil*. São Leopoldo: UNISINOS, 67p.

SCHMITZ, P. I. e BROCHADO, J. P.
1972 *Datos para una secuencia cultural del estado de Rio Grande do Sul (Brasil). Porto Alegre:* Gabinete de Arqueologia da UFRGS, mimeo.

SCHMITZ, P.(cord.); LA SALVIA, F.; NAUE, G. et alii.
1967 Arqueologia no Rio Grande do Sul. *Pesquisas* (Antropologia). São Leopoldo, v.16, 58p.

SERRANO, Antonio.
1972 *Lineas fundamentales de la arqueologia del litoral. Una tentativa de periodización*. Córdoba: Instituto de Antropologia, 1972.

WACHNITZ, G.
1984 *Prehistoria altoparanaense preguarani*. Misiones: Imp. Seyfriso, 238p.

WILLEY, G.
1979 *An introduction do American Archaeology* (v.2: South America). New York: Prentice Hall, 599p.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Auxiliares de pesquisa

Bolsistas da FAPERGS e do CNPq que muito colaboraram para que esta publicação fosse possível. Luciana Meirelles, João Felipe G. da Costa, Gisele Gallicchio e Manuelai Camargo auxiliaram nas coletas de dados e nas revisões realizadas. Lizete Dias de Oliveira auxiliou na escolha das ilustrações e fez um excelente trabalho fotográfico, utilizado como base no trabalho gráfico. Gisele Gallicchio realizou os desenhos técnicos do material lítico e cerâmico. João Felipe G. da Costa fez a arte-final dos mapas. O processamento digital das ilustrações foi realizado pela Editora da Universidade/UFRGS.

Apoio à pesquisa

Este livro foi elaborado a partir de uma pesquisa inserida nos quadros do projeto "Arqueologia Histórica Missioneira" (IBPC, UFRGS, PUCRS, URI), coordenado pelo autor. Foi realizado durante os anos de 1991 e 1992. O apoio institucional foi dado pelo Pós-Graduação em História do IFCH da PUCRS. O apoio financeiro (verbas e bolsas de pesquisa) foi oportunizado pelo CNPq e pela FAPERGS.

síntese rio-grandense

1. **Vida política no século 19**
   (da descolonização ao movimento republicano)
   Helga Iracema Landgraf Piccolo
2. **A Revolução Farroupilha**
   Moacyr Flores
3. **O cotidiano da República**
   (elites e povo na virada do século)
   Sandra Jatahy Pesavento
4. **O negro**
   (consciência e trabalho)
   Zilá Bernd e Margaret M. Bakos
5. **O perigo alemão**
   René E. Gertz
6. **Roteiro de uma literatura singular**
   Regina Zilberman
7. **A crise dos anos 20**
   (conflitos e transição)
   Paulo G. Fagundes Vizentini

8/9. **Um passado pela frente**
   (poesia gaúcha ontem e hoje)
   Luís Augusto Fischer

10. **História de Porto Alegre**
    Francisco Riopardense de Macedo
11. **Getúlio Vargas e outros ensaios**
    Sérgio da Costa Franco

12/13. **A arquitetura**
    Günter Weimer

14. **Tendências do jornalismo**
    Francisco Ricardo Rüdiger
15. **O doutor maragato**
    João Eickhoff

16/17. **Antecedentes indígenas**
    Arno Alvarez Kern

18/19. **Os pobres da cidade**
    (vida e trabalho – 1880-1920)
    Sandra Jatahy Pesavento

20/21. **Literatura e vida social**
    Antônio Hohlfeldt

22/23. **Mídia nativa**
    (indústria cultural e cultura regional)
    Nilda Jacks

Fotolito
Seleção Fotolitos
Av. Carlos Gomes, 1082 - Porto Alegre, RS
Fone/Fax: (051)330-9666

Impressão
Gráfica Editora Pallotti
Av. Plínio Brasil Milano, 2145 - Porto Alegre, RS
Fone: (051)341-0455